



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
LINGUÍSTICA TEÓRICA – AS INTERFACES DA GRAMÁTICA

Salete Valer

**AS SENTENÇAS RELATIVAS COM NÚCLEO NOMINAL NOS
DADOS DE FALA (PROJETO VARSUL) DE FLORIANÓPOLIS.**

Florianópolis, junho de 2008.



Salete Valer

**AS SENTENÇAS RELATIVAS COM NÚCLEO NOMINAL NOS
DADOS DE FALA (PROJETO VARSUL) DE FLORIANÓPOLIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Miotto

Florianópolis, junho de 2008.

Saete Valer

**AS SENTENÇAS RELATIVAS COM NÚCLEO NOMINAL NOS
DADOS DE FALA (PROJETO VARSUL) DE FLORIANÓPOLIS**

Dissertação defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de MESTRE em Lingüística, pela comissão examinadora composta pelos professores:

Coordenador do Curso de Pós Graduação em Lingüística
Prof. Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva

Comissão Examinadora:

Professor Doutor Carlos Mioto - orientador
Universidade Federal de Santa Catarina.

Professora Doutora Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina.

Maria José Foltran – Membro externo
Universidade Federal do Paraná.

Professora Doutora Maria Cristina Figueiredo e Silva
Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, junho de 2008.

Dedico esta conquista ao meu pai Olivo que, mesmo no plano espiritual, certamente tem acompanhado todos os passos para a realização deste nosso sonho.

AGRADECIMENTOS:

Ao meu professor orientador Dr. Carlos Mioto pela paciência e ensinamentos;

Às professoras Maria José Foltran, Izete Lehmkuhl Coelho e Maria Cristina Figueiredo Silva por aceitarem o convite para participar da banca examinadora. Agradeço pela atenção e pelas valiosas sugestões;

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC e, em especial, à CAPES pelo suporte financeiro durante parte da minha pesquisa;

Aos meus muitos mestres (deste e do outro plano) que me guiaram para que eu pudesse chegar até aqui;

À minha grande família (Nordi, Elói, Justina, Lourdes, Romano, Roberto, Renato, Rafael, Marcos e adjacentes) pelo apoio na hora da decisão, especialmente, à minha mãe Josefina pelos exemplos, pela amizade, pela compreensão e pelo carinho;

Às minhas meio-filhas Greice e Samara pelas vibrações de amor;

Aos amigos-irmãos de longos anos de convivência pela força, pela amizade, pela alegria de saber que, mesmo distante, estaríamos sempre por perto: Eliane e Paulo, Dóris e Armando, Adriana e Fabiano, Maura e Jery, Maristela e Júlio, Eliana e João, Lourenço e Mauren, Nestor e Vera, Suceleiva, Regina, Laura, Cristina, Verinha, Rose, Juca, Maria, Thibi, Tita, Ninha entre tantos outros;

Às integrantes da RDDA (nossa casa daqui): às que já seguiram outros caminhos (Nageli, Júlia, Lovane, Raquel, Duda, Rúbia, Tatiane e Morgana) e às que ainda estão por aqui (Letícia, Dorotéia, Nana, Patrícia) pelo carinho, atenção e amizade, pois, construímos juntas, mesmo que de forma passageira, uma grande família;

Aos amigos da graduação e dos trabalhos acadêmicos (Marquinhos Pires, Denise Quintino, Adriana Sousa, Jane Vieira entre tantos outros);

Aos integrantes do VARSUL, do NEG e do ALERS pelo espaço, pesquisa e coleguismo;

Aos amigos especiais que chegaram com o mestrado (Ani, Patrícia e Rodrigo) pelas inúmeras horas de viagens à congressos, de produção de artigos, de discussões sobre linguística, sobre educação, pelos estudos em grupo, pelos churrascos, pelas risadas, pela fotos....e à Andréa (amiga inseparável de todos) que entrecruzou esses grupos iluminando cada um com sua luz, paz e sabedoria.

[...] No corpo dos animais superiores já se encontrava a consciência fragmentária, permitindo o surgimento dos sentidos (tato, olfato e gosto, o sentido da vista, a audição, as funções das vísceras). Estando as engrenagens cerebrais em tal desenvolvimento, o princípio inteligente ou espírito em formação, sob o impulso das Entidades Construtoras, sentiu necessidade de comunicar-se com seus semelhantes, o que teve como consequência o nascimento da linguagem nos animais. O fonema e a mímica [...]. Cada espécie manteve em si as experiências do aparelho fonador a demonstrar através dos sons suas aquisições dentro do processo evolutivo.

Quando o corpo espiritual do homem infra-primitivo atinge os alicerces da humanidade, esse permanece por um longo tempo em laboratórios no plano extra-físico recebendo intervenções delicadas no aparelho fonador para que a palavra articulada pudesse nomear um novo ciclo de progresso [...]. Estando os instrumentos vocais aptos, os organizadores espirituais, inspiram os seres ao uso mecânico das palavras, e, da mente provém a força que aciona os implementos da voz, gerando vibrações nos músculos torácicos, incluindo os pulmões e a traquéia como num fole, e isso faz com que ressoe o som na laringe e na boca, que exprimem também cavidades supra-glóticas, as quais darão condições para a linguagem convencional, com que reforça a linguagem mímica e primitiva, por ele adquirida na longa viagem através do reino animal.

No reino animal, os seres exprimiam-se por gestos e atitudes silenciosas, nas quais extrapolavam as forças acumuladas de afetividade e satisfação, desagrado ou rancor, através de descargas fúidico-eletromagnéticas de natureza construtiva ou destrutiva. Nos seres primitivos, essas expressões assumem a forma do verbo articulado, com que acrisola as manifestações mais íntimas, habilitando-se a recolher, por intermédio de sinalética especial na escala dos sons, a experiência dos irmãos que caminham na vanguarda e aprendendo a educar-se para merecer esse tipo de assistência que lhe outorgará o estado de alegria maior, ante as perspectivas da cultura com que a vida lhe responde às indagações.

Com o constante exercício, a palavra que, inicialmente era mecânica e convencional, encontra, com a energia mental do homem primitivo, um grande desenvolvimento, pois adquire gradativamente a mobilidade e a elasticidade necessária à expansão do pensamento que, então lentamente se dilata, estabelecendo no mundo tribal todo um oceano de energia sutil, em que as consciências encarnadas e desencarnadas se refletem, sem dificuldade, umas às outras. Com essa nova aptidão, os mestres dosam os recursos da influência e da sugestão e convidam o espírito terrestre ao justo despertar na responsabilidade com que lhe cabe conduzir a própria jornada. Assim é que pela compreensão progressiva entre as criaturas, por intermédio da palavra que assegura o pronto intercâmbio, fundamenta-se no cérebro o pensamento contínuo e, por semelhante maravilha da alma, as idéias-relâmpagos ou as idéias-fragmentos da crisálida de consciência, no reino animal, se transformam em conceitos e inquirições, traduzindo desejos e idéias de alentada substância íntima [...].

(André Luís, psicografado por Francisco Cândido Xavier. *Evolução em dois mundos*).

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo observar, com base em vinte e quatro entrevistas de falantes da cidade de Florianópolis-SC extraídas do *corpus* do VARSUL, como se realizam os três tipos de sentenças relativas com núcleo nominal do português brasileiro (PB). A sentença relativa padrão se caracteriza por apresentar na periferia esquerda um item *Wh* (que pode ser antecedido por uma preposição) que foi movido do domínio do IP, deixando nessa posição uma categoria vazia do tipo variável; a relativa resumptiva tem na periferia esquerda o constituinte *que* e na posição relativizada um constituinte resumptivo. A relativa cortadora tem na periferia esquerda o constituinte *que* e na posição relativizada uma categoria vazia originada pelo corte da preposição. Na Teoria Gerativa, essas sentenças relativas têm sido estudadas por dois modelos teóricos: no modelo teórico de adjunção proposto por Chomsky (1977) e seguido por Tarallo (1983) e Kato (1993) para o PB, a sentença relativa é um adjunto de núcleo nominal presente na sentença matriz; o item *Wh* na periferia esquerda da relativa é um pronome relativo que co-indexa o núcleo nominal. No modelo teórico de complemento de D firmado por Kayne (1994) e seguido por Areas (2002) e Kato & Nunes (2006) para o PB, a sentença relativa é um complemento do determinante externo; o item *Wh* na periferia esquerda é um determinante relativo que seleciona o núcleo nominal como complemento. Os dados analisados (1696 sentenças relativas) revelam que a categoria DP (75%) é a mais relativizada. Em relação ao tipo de constituinte que está na periferia esquerda da relativa, os dados apontam o uso generalizado do constituinte *que* (95%). Na relativização do DP (1280) todas as sentenças relativas apresentam na periferia esquerda o constituinte *que*. Já na relativização do PP (416), (345-84%) sentenças apresentam na periferia esquerda o constituinte *que*, enquanto que (71-16%) apresentam, na periferia esquerda, outros tipos de itens *Wh*. As evidências apontam para a generalização do corte da PP, sendo a retenção do resumptivo um último recurso em contextos semânticos específicos de indefinidade de núcleo nominal ou, em contextos sintáticos em que há uma quantidade de material interveniente entre o núcleo nominal e a posição relativizada.

Palavras chaves: Sentenças relativas com núcleo nominal; periferia esquerda da relativa; posição relativizada.

ABSTRACT

This work aims at observing, based on interviews of twenty-four speakers from Florianópolis city - SC taken from VARSUL's *corpus*, how people use the three types of headed relative sentences in Brazilian Portuguese (BP). The standard relative sentence is characterized by presenting an *Wh* item on the left periphery (which may be preceded by a preposition), which has moved from the IP, leaving in this position an empty category named variable; the resumptive relative has on the left periphery the constituent *que* and in the relativised position a resumptive constituent. The shopped relative has in its left periphery the constituent *que* and in the relativised position an empty category originated by the cutting of the preposition. In the Generative Theory, these sentences have been studied through two theoretical models: Adjunction Model proposed by Chomsky (1977) and followed by Tarallo (1983) and Kato (1993) for the PB, the relative sentence is an adjunct of the relativized NP included in the matrix sentence; the *Wh* item on the left periphery of the relative is a relative pronoun which is co-indexed with the relativized NP; and the Theoretical Model D-complement signed by Kayne (1994) and followed by Areas (2002) and Kato & Nunes (2006) for the PB, the relative sentence is a complement of the external determinant; the item *Wh* localized in the left periphery is a relative determinant that selects the relativized NP as a complement. The data analyzed (1696 relative sentences) show that the DP category (75%) is the most relativised. Regarding the type of constituent that is on left periphery, the data suggests the widespread use of the constituent *que* (95%). In the DP relativization (1280) all relative sentences have the constituent *que* on the left periphery. In BP relative clauses (416), (345-84%) of the sentences have the constituent *que* on the left periphery, while (71-16%) have other types of *Wh* items on the left periphery. The evidence points out to the widespread cutting of the PP, and the retention of the resumptive pronoun as a last resort in specific semantic contexts of nominal indefiniteness, or on syntactic contexts where there is a quantity of intervening material between the relativized NP and the relativised position.

Key-words: headed relative sentences; left periphery of the sentence; relativised position.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Funções sintáticas do <i>wh</i> de acordo com cada estratégia sintática	87
Tabela 2: Realização do <i>Wh</i> dentro da sentença relativa.....	99
Tabela 3: Realização do <i>Wh</i> como DP.....	99
Tabela 4: Realização do <i>Wh</i> como DP em relação à presença/ ausência de constituintes resumptivos	100
Tabela 5: Realização do <i>Wh</i> como PP	100
Tabela 6: Os itens lexicais que ocorrem no processo de relativização das relativas NN em relação à estratégia de relativização.....	101
Tabela 7: A função da PP em relação à estratégia de relativização	104
Tabela 8: Forma de realização do DP “nome próprio” <i>versus</i> posições relativizadas <i>versus</i> estratégias de Relativização.....	112
Tabela 9: Forma de realização do DP “diversos” <i>versus</i> categoria relativizada <i>versus</i> estratégia de relativização	113
Tabela 10: Forma de realização do DP “pleno simples” <i>versus</i> categoria relativizada <i>versus</i> estratégia de relativização	115
Tabela 11: Forma de realização do DP “pleno complexo” <i>versus</i> categoria relativizada <i>versus</i> estratégia de relativização.....	116
Tabela 12: DP leve <i>versus</i> categoria relativizada <i>versus</i> estratégia de relativização	118
Tabela 13: DP pesado <i>versus</i> categoria relativizada <i>versus</i> estratégia de relativização.....	118
Tabela 14: Realização do DP [-animado] <i>versus</i> categoria relativizada <i>versus</i> estratégias de relativização.....	119
Tabela 15: Realização do DP [+animado] <i>versus</i> categoria relativizada <i>versus</i> estratégias de relativização.....	119
Tabela 1’: Funções sintáticas do item <i>Wh</i> de acordo com cada estratégia.....	121
Tabela 16: Funções sintáticas do item <i>Wh</i> de acordo com cada estratégia.....	121
Tabela 17: Retenção do constituinte resumptivo na categoria DP em relação ao fator sintático de processamento do nominal relativizado:	122
Tabela 17: Fatores sintáticos de processamento do núcleo nominal na relativização da Categoria DP <i>versus</i> estratégia resumptiva.....	122

Tabela 18: Retenção do constituinte resumptivo na categoria DP em relação à complexidade da sentença	123
Tabela 19: Retenção do constituinte resumptivo na categoria DP em relação ao traço semântico do constituinte relativizado.....	123
Tabela 20: Fatores sintáticos de processamento do núcleo nominal na relativização da Categoria PP.....	124
Tabela 21: Retenção do constituinte resumptivo na categoria PP em relação à complexidade da sentença	125
Tabela 22: Retenção do constituinte resumptivo na categoria PP em relação ao traço semântico do constituinte relativizado.....	126
Tabela 5': Realização do <i>Wh</i> como PP	126
Tabela 23: Ausência da preposição <i>versus</i> função sintática de adjunto de VP.....	127
Tabela 24: Ausência da preposição <i>versus</i> função sintática de objeto indireto	127
Tabela 25: Ausência da preposição <i>versus</i> função sintática de complemento circunstancial	127
Tabela 26: Relativização de PPs: Nossos dados (2008)	129
Tabela 27: Relativização de PPs: Dados de Tarallo (1983).....	129

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: AS SENTENÇAS RELATIVAS.....	17
0 INTRODUÇÃO	17
1 DEFINIÇÃO DE SENTENÇA RELATIVA	17
2 OS ITENS LEXICAIS QUE OCORREM NO PROCESSO DE RELATIVIZAÇÃO	20
3 RELATIVAS NN E RELATIVAS LIVRES.....	23
3.1 ASPECTOS FORMAIS	24
3.2 OS ASPECTOS SEMÂNTICOS DAS RELATIVAS	27
4 FECHAMENTO DO CAPÍTULO UM.....	34
CAPÍTULO II:AS SENTENÇAS RELATIVAS NN DO PB	36
0 INTRODUÇÃO	36
1 OS TIPOS DE RELATIVAS NN DO PB.....	36
1.1 RELATIVAS PADRÃO.....	37
1.2 RELATIVAS CORTADORAS	38
1.3 RELATIVAS RESUMPTIVAS.....	40
2 A ANÁLISE DAS RELATIVAS NN COMO ADJUNTO.....	41
2.1 A ANÁLISE DE TARALLO (1983)	46
2.2 A ANÁLISE DE KATO (1993)	51
3 A ANÁLISE DAS RELATIVAS NN DO PB COMO COMPLEMENTO.....	56
3.1 A ANÁLISE DE AREAS (2002).....	59
3.1.1 Relativização de DP com Pronome Relativo <i>que</i>	60
3.1.2 Relativização de DP com Pronome Relativo complexo	61
3.1.3 Relativização de DP com Complementizador <i>que</i>	61
3.1.4 Relativização de DP com pronome relativo e resumptivo	62
3.1.5 Relativização de PP com pronome relativo	63
3.1.6 Relativização de PP com pronome relativo e resumptivo.....	64
3.1.7 Relativização de PP com complementador e resumptivo	64
3.1.8 Relativização de PP cortadora com complementador.....	65
3.1.9 Estratégia Relativa PP Cortadora com Relativo	66
3.2 ANÁLISE DE KATO E NUNES (2006)	76
4. FECHAMENTO DO CAPÍTULO DOIS	82
CAPÍTULO III: AS SENTENÇAS RELATIVAS NN NOS DADOS DE FALA DE	86
FLORIANÓPOLIS-SC.....	86
0 INTRODUÇÃO	86
1 AS RELATIVAS NN NOS DADOS APRESENTADOS POR TARALLO (1983)	86
1.1 A RELATIVA RESUMPTIVA	87
1.1.1 Os fatores sintáticos de processamento das relativas.....	88
1.1.1.1 A função sintática do item <i>Wh</i>	88

1.1.1.2 A função sintática do núcleo nominal.....	88
1.1.1.3 Posição da relativa em relação à sentença matriz.....	89
1.1.1.4 Distância entre o núcleo nominal e a oração relativa.....	89
1.1.1.5 Posição da lacuna na sentença relativa.....	90
1.1.1.6 Grau da subordinação da lacuna.....	91
1.1.2 Fatores semânticos.....	91
1.1.2.1 Traços humano x não-humano, singular x plural, definido x indefinido.....	92
1.1.2.2 Existencialidade e não-restritividade do núcleo nominal na sentença matriz.....	92
1.2 A RELATIVA CORTADORA.....	93
2 AS RELATIVAS NN NOS DADOS DE FALA DE FLORIANÓPOLIS.....	95
2.1 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	95
2.1.1 As variáveis extralingüísticas do <i>corpus</i> do VARSUL.....	96
2.1.2 As variáveis lingüísticas para a nossa análise das relativas.....	97
2.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS ANALISADOS.....	99
2.2.1 As categorias relativizadas.....	99
2.2.1.1 A Estratégia Padrão.....	101
2.2.1.1.1 Os itens lexicais na relativização padrão da categoria PP.....	101
2.2.1.2 Estratégia resumptiva.....	104
2.2.1.2.1 Relativização de DPs com resumptivos.....	105
2.2.1.2.1.1 Relativização de DPs com resumptivos na função de sujeito:.....	105
2.2.1.2.1.2 Relativização de DPs com resumptivos na função de objeto:.....	108
2.2.1.2.2 Relativização de PPs com resumptivos.....	109
2.2.1.3 Estratégia cortadora.....	111
2.2.2 As características do núcleo nominal relativizado.....	112
2.2.2.1 A forma de realização do DP.....	112
2.2.2.1.1 DP Nome próprio.....	112
2.2.2.1.2 DP “Diversos”.....	113
2.2.2.1.3 DP Pleno simples.....	115
2.2.2.1.4 DP Pleno complexo.....	116
2.2.2.2 O peso do DP.....	117
2.2.2.2.1 DP leve.....	118
2.2.2.2.2 DP pesado.....	118
2.2.2.3 O traço semântico do DP.....	118
3. ANÁLISE E COMPARAÇÕES.....	121
3.1 A RELATIVA RESUMPTIVA.....	122
3.1.1 A retenção do resumptivo na relativização de DP.....	122
3.1.2 A retenção do resumptivo na relativização de PP.....	124
3.2 RELATIVAS CORTADORAS.....	126
4. FECHAMENTO DO CAPÍTULO TRÊS.....	13030
CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	132
REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS.....	137
BIBLIOGRAFIA.....	139
ANEXO 1: DADOS ANALISADOS.....	141

INTRODUÇÃO

Uma sentença relativa (1) é uma sentença encaixada tal como uma sentença completiva (2):

- (1) Eu comprei o livro [que tu querias].
- (2) O João disse [que comprou o livro].

A sentença completiva [*que comprou o livro*] está encaixada ao verbo *dizer*, enquanto que a sentença relativa [*que tu querias*] está encaixada no núcleo nominal *livro*.

Uma sentença relativa difere de uma sentença completiva por apresentar um constituinte que é compartilhado tanto pela sentença matriz quanto pela sentença encaixada. Em (1), o nome *livro* é objeto direto do verbo *comprar* na sentença matriz e ao mesmo tempo é objeto direto do verbo *querer* na sentença encaixada.

Quando uma relativa está encaixada em um núcleo nominal explícito como em (3) ela é denominada de relativa com núcleo nominal (relativa NN); quando está encaixada em um núcleo nominal não explícito como em (4), ela é denominada de relativa livre:

- (3) Eu encontrei a **pessoa** [que a Maria beijou].
- (4) Eu encontrei [**quem** beijou a Maria].

Em uma relativa NN, o núcleo nominal explícito, pode ser retomado na sentença relativa por uma categoria vazia (5a) ou por um constituinte resumptivo (5b):

- (5) a. Eu encontrei a **pessoa** [que a Maria beijou *ec*].
- b. Eu encontrei a **pessoa** [que a Maria beijou *ele*].

Nas relativas livres, o núcleo nominal não explícito só pode ser retomado por uma categoria vazia como mostra a agramaticalidade da sentença em (6b).

- (6) a. Eu encontrei [**quem** João beijou *ec*].

b. Eu encontrei [**quem** João beijou *ela].

Algumas análises atribuem a ausência do núcleo nominal (ou de todo o DP) ao fato de ele poder ser incorporado por alguns itens lexicais que introduzem a relativa. Dessa forma, o pronome relativo *quem* incorpora o núcleo nominal *pessoa*; *o que* incorpora o núcleo nominal *coisa*; *onde* incorpora o núcleo nominal *lugar*; *quando* incorpora o núcleo nominal *momento*; *quanto* incorpora o núcleo nominal *quantia* e *como* incorpora o núcleo nominal *modo*.

As relativas livres (7a) só podem ser introduzidas por itens *Wh*, que incorporam um núcleo nominal, enquanto as relativas NN (7b), podem ser introduzidas também pelo constituinte *que*.

(7) a. Eu comprei [**o que** / ***que** tu querias comprar *ec*].

b. Eu comprei o livro [**que** tu querias comprar *ec*].

Assim, em se tratando dos itens lexicais que podem introduzir sentenças relativas dizemos que todos os itens lexicais ditos relativos podem introduzir relativas NN, mas nem todos podem introduzir relativas livres como mostra (8):

(8) Eu comprei [* o *qual* tu querias comprar]

Em (8), a presença do constituinte o *qual* introduzindo uma relativa livre torna a sentença agramatical. Isso ocorre porque o constituinte *qual* tal como *que* e o *cujo*, por suas características específicas, não conseguem incorporar o núcleo nominal ao qual estão adjacentes.

Em relação aos aspectos semânticos das sentenças relativas, a literatura atual caracteriza as relativas livres de *maximizadas* (9). Já as relativas NN apresentam três tipos semânticos : *restritivas* (10a), *apositivas* (10b) e *maximizadas* (10c).

(9) A professora ensinou [o que os alunos queriam aprender].

(10) a. A professora falou com os alunos que passaram na prova de matemática.

b. A professora falou com os alunos, que passaram na prova de matemática.

c. A professora leu todos os livros que havia na biblioteca.

A interpretação da relativa livre em (9), supõe que no universo do discurso [a professora ensinou *todas as coisas* que os alunos queriam aprender], gerando assim a semântica de maximização.

Em (10a), a relativa tem uma interpretação restritiva: dentro de certo domínio do discurso, uma sala de aula, por exemplo, a professora falou somente com o grupo de alunos que passaram na prova de matemática (e não com os que não passaram). A interpretação da sentença em (10b), supõe que no universo do discurso existem apenas os alunos que passaram na prova de matemática e afirma que a professora falou com esses alunos; assim, *passaram na prova de matemática* é um aposto, uma caracterização dos alunos com os quais a professora está falando. A sentença (10c) tem uma interpretação de maximização se se supõe que no universo do discurso exista uma quantidade X de livros na biblioteca e a professora leu todos os livros que estão na biblioteca, ou seja, ela leu a quantidade máxima de livros existentes.



Diante desse tipo de sentença, objetivamos com essa dissertação contribuir para o desenvolvimento dos estudos relacionados somente às sentenças relativas NN do PB, deixando de lado, as relativas livres. O foco principal de nosso trabalho será o de observar, com base nos dados de fala, quais itens lexicais estão na periferia esquerda da relativa e as características do material presente na posição relativizada.

A finalidade dessa análise é a de aprofundar os estudos lingüísticos sobre as relativas NN do PB, estudos esses que buscam delinear as características dessas sentenças no uso da fala e da escrita. As teorias vigentes que explicam o processamento da estrutura dessas sentenças devem ser úteis e lógicas resultando em metodologias eficazes para o processo de ensino-aprendizagem na língua portuguesa em todos os níveis de ensino.

Assim, nesta dissertação iremos analisar os três tipos de relativas NN existentes no PB: as relativas padrão (11a-b), as relativas resumptivas (11c-d) e as relativas cortadoras (11e):

- (11) a. Eu encontrei a pessoa [com quem tu conversaste *ec*].
 b. Eu encontrei a pessoa [a qual tu viste *ec*].
 c. Eu encontrei a pessoa [que tu conversaste com *ela*].
 d. Eu encontrei a pessoa [que tu viste *ela*].
 e. Eu encontrei a pessoa [que tu conversaste *ec*].

Uma relativa padrão pode relativizar uma categoria PP como (11a), ou uma categoria DP como em (11b). Uma relativa resumptiva também pode relativizar uma categoria PP (11c) ou uma categoria DP (11d). Já a relativa cortadora pode relativizar somente uma categoria PP como em (11e).

As sentenças relativas padrão como (11a-b) se caracterizam por apresentar um item *Wh* na sua periferia esquerda. Esse item *Wh* é gerado no domínio do IP e, ao mover-se, deixa na posição de origem uma categoria vazia do tipo variável.

As sentenças relativas resumptivas (11c-d) apresentam sempre um constituinte *que* na periferia esquerda e a posição relativizada contém um constituinte resumptivo. Esse constituinte resumptivo, geralmente, apresenta traços sintáticos e morfológicos que concordam com o núcleo nominal.

As sentenças relativas cortadoras, como em (11e), se caracterizam por apresentar um constituinte *que* na periferia esquerda e uma categoria vazia na posição relativizada. A categoria vazia da relativa cortadora difere da categoria vazia da relativa padrão tendo em vista que na relativa padrão, a preposição gerada na base é movida para a periferia esquerda deixando nessa posição uma variável, já na relativa cortadora, a categoria vazia é originada pelo corte da preposição ainda *in situ*.



Neste estudo lidaremos com duas propostas fundamentais: a primeira proposta será a de apresentar os diferentes aspectos que caracterizam as relativas NN e fazer uma revisão das principais abordagens gerativistas (sem que venhamos defender uma em especial) que abarcam essas relativas focando mais as relativas restritivas. Em segundo lugar, mostraremos como as relativas NN estão sendo selecionadas nos dados de fala de vinte e quatro entrevistas de falantes da cidade de Florianópolis – SC retirados do *corpus* do VARSUL.

A dissertação está organizada em três capítulos. No capítulo I, definiremos o que é uma sentença relativa, incluindo nesse capítulo tanto as relativas NN quanto as relativas livres. Além disso, mostraremos quais são os itens lexicais que podem aparecer na periferia esquerda de cada uma das relativas do PB. O capítulo termina com a apresentação dos aspectos formais e semânticos que distinguem as relativas NN das relativas livres.

No capítulo II, delimitaremos os três tipos de relativas NN: relativa padrão, resumptiva e cortadora. Após isso, apresentaremos as análises existentes dessas relativas do PB: as análises de Tarallo (1983) e Kato (1993) com base no modelo de adjunção e as análises de Áreas (2000) e Kato & Nunes (2006) que tomam por base o modelo de complemento de D.

O capítulo III será dedicado à análise dos dados das relativas NN encontrados no corpus VARSUL. Apresentaremos o trabalho de Tarallo (1983), destacando apenas as variáveis lingüísticas que consideramos relevantes para uma análise voltada para a sintaxe e para a semântica das sentenças relativas. Por fim, faremos uma análise comparativa dos nossos dados com os dados apresentados por Tarallo, tentando estabelecer as possíveis relações entre eles.

CAPÍTULO I

AS SENTENÇAS RELATIVAS

0 INTRODUÇÃO

As sentenças relativas são sentenças encaixadas, que apresentam um constituinte que é compartilhado com a sentença matriz. Essas sentenças se dividem em relativas com núcleo nominal e relativas livres. As primeiras, que serão nosso objeto de estudo, apresentam um núcleo nominal explícito na sentença matriz, enquanto que nas últimas esse núcleo não está explícito. Este capítulo será dedicado à definição desses dois tipos de relativas: na seção 1, mostraremos de forma simplificada as características desses dois tipos de sentenças relativas; na seção 2, apontaremos todos os itens lexicais que ocorrem no processo de relativização, ou seja, todos os itens lexicais que podem introduzir uma sentença relativa; na seção 3, assinalaremos os principais aspectos formais e semânticos que distinguem relativas com núcleo nominal de relativas livres: em 3.1, os aspectos formais e em 3.2, os aspectos semânticos e, finalizaremos este capítulo com a seção 4, na qual resumiremos o conteúdo apresentado nas seções acima citadas.

1 DEFINIÇÃO DE SENTENÇA RELATIVA

Uma sentença relativa é uma sentença encaixada como as que estão entre colchetes em (1):

- (1) a. O João tem um amigo [que *ec* é muito divertido].
b. O João tem um amigo [que ele é muito divertido].

Em (1), reconhecemos as sentenças entre colchetes como relativas porque, numa primeira caracterização, elas retomam o nome que imediatamente as antecede por meio de uma categoria vazia (*ec*) ou do pronome pessoal *ele*, chamado de resumptivo. Dizemos que o nome

amigo, que antecede as sentenças relativas em (1), é o constituinte relativizado. Este nome é compartilhado pela sentença matriz e pela relativa e é chamado de antecedente/pivô por De Vries (2002) (doravante, núcleo nominal) porque é em torno dele que se constrói a relativização. Tradicionalmente, se assume que a sentença relativa está encaixada como adjunto do NP que em (1) tem por núcleo o nome *amigo*. Este tipo de relativa é chamado de relativa com núcleo nominal (relativa NN).

Tendo em mente esta primeira caracterização, consideremos as sentenças em (2):

- (2) a. O João me contou o medo [que ele sentiu *ec*].
 b. O João tem medo [que a Maria o deixe].

Das sentenças em (2), apenas a sentença entre colchetes de (2a) deve ser reconhecida como uma relativa: o nome *medo* é o núcleo nominal, pois é retomado pela categoria vazia; além disso, [*que ela sentiu ec*] é um adjunto do NP que ele encabeça. Por outro lado, a sentença entre colchetes em (2b), apesar de ser antecida pelo mesmo nome *medo*, não deve ser considerada uma relativa. Primeiro não existe nesta sentença uma categoria vazia que retome o núcleo nominal; em segundo lugar, [*que a Maria o deixe*] não é um adjunto do NP, mas um complemento do nome *medo*.

As sentenças relativas exemplificadas em (1) e (2) são introduzidas pelo item *que*. Elas podem também ser introduzidas por itens que constituem a classe dos pronomes *Wh*, como *quem*, *qual*, *onde*, *quando*:

- (3) a. Esta é a menina [com quem/a qual o João sai *ec*].
 b. Esta é a casa [onde o João mora *ec*].
 c. A Maria gritou justo no momento [quando o João entrou *ec*].

Os núcleos nominais destas relativas se apresentam sublinhados em (3) e são retomados na relativa por uma categoria vazia. Também nestes casos, as relativas funcionam como adjunto dos núcleos nominais. Generalizando, para reconhecer uma relativa com núcleo nominal, temos que observar se este núcleo é relativizado (ou retomado por uma categoria vazia ou um pronome resumptivo) e se ela é um adjunto de um NP.

Entretanto, também são consideradas relativas as sentenças entre colchetes em (4):

- (4) a. O João encontrou [quem a Maria procurava].

b. [Quem comprou esse livro] fez uma ótima escolha.

As sentenças destacadas em (4) são relativas apesar de não serem antecedidas por um núcleo nominal. Por isso, elas são chamadas de relativas livres. A primeira indicação de que estas sentenças são relativas é que elas podem ser parafraseadas por relativas com núcleo, como vemos em (5):

- (5) a. O João encontrou a pessoa [que a Maria procurava].
 b. A pessoa [que comprou este livro] fez uma ótima escolha.

Outra indicação é que o pronome relativo *Wh* incorpora o núcleo nominal: *quem* é usado para se referir a pessoas. Paralelamente, as sentenças de (6) devem ser relativas:

- (6) a. O João trouxe [o que a Maria encomendou]. (o que<coisa)
 b. O João só mora [onde tem praias]. (onde<lugar)

Em (6) o símbolo < é usado para representar a incorporação do núcleo no pronome.

As relativas livres podem funcionar como argumento de um núcleo, como é o caso das sentenças de (6). Em (6a) e (6b), a relativa é o argumento interno (AI) dos verbos *trazer* e *morar*, respectivamente. Em (7) a relativa livre é argumento do nome *medo*:

- (7) Ter medo de [quem grita] é natural.

Quando são argumentos de um núcleo, as relativas livres se comportam como um DP: precisam ser marcadas por caso e a marca casual está refletida no pronome *Wh*. Observe que em (7) a preposição funcional que atribui caso para relativa livre (ou para o pronome *Wh* dela) não pode ser apagada. Compare (7) com (8), onde a sentença entre colchetes é uma completiva:

- (8) Tenho medo [que ela vá embora].

Embora a norma gramatical dite que a preposição *de* deve ocorrer antes da sentença entre colchetes, a sentença em (8) é gramatical sem a preposição. Isto mostra que a natureza

categorial de uma relativa livre e de uma completiva é diferente: a relativa funciona como um DP argumento, enquanto que a completiva se comporta como um CP.

Como apontam Kato *et alii* (2008), as relativas livres podem funcionar também como adjunto adverbial:

- (9) a. O João encontrou a Maria [onde ela trabalhava].
 b. O João arregalou os olhos [quando viu a Maria].

Por funcionar como adjunto, as sentenças entre colchetes de (9) são classificadas como subordinadas adverbiais e, em especial o *quando*, não é considerado um pronome relativo, mas uma conjunção subordinativa. Entretanto, o *quando* relativiza o momento em que o João arregalou os olhos e o momento em que o João viu a Maria e, por isso, deve ser um pronome relativo.

Mostramos acima que a principal característica de uma relativa com NN é ser adjunto de um núcleo nominal, o qual é retomado por uma categoria vazia ou por um pronome resumptivo. A relativa NN pode ser encabeçada por um constituinte *que* ou por um pronome relativo. No caso de uma relativa ser argumento de um núcleo ou adjunto de um VP, há na cabeça dessa relativa um pronome relativo que incorpora o núcleo nominal da sentença matriz, por isso é chamada de relativa livre. Estes são os dois tipos de relativas do português brasileiro (PB).

2 OS ITENS LEXICAIS QUE OCORREM NO PROCESSO DE RELATIVIZAÇÃO

Os itens lexicais que ocorrem no processo de relativização, como aponta Moura Neves (2000), podem apresentar ou não variação na sua morfologia flexional. Os itens *que*, *quem*, *onde*, *como*, não apresentam variação, enquanto, que *qual*, *quanto* e *cujo* apresentam em sua morfologia flexão de gênero ou de número. Além da flexão, alguns pronomes são acompanhados por determinantes tais como *qual*. Para essa autora, o constituinte *que*, nas relativas, é um pronome relativo, diferentemente de Tarallo (1983) que o considera um complementador. Ela não cita a existência de sentenças relativas com a presença de resumptivos ou a ausência da preposição quando o constituinte relativizado é um PP. Certamente essa autora está compondo sua classe de pronomes relativos com base na

gramática normativa, o que a leva a não incluir na classe dos relativos o item *quando* e a expressão *o que*.

Todos os pronomes relativos apresentados acima podem figurar em relativas NN:

- (10) a. Tu te lembrás daquela *época* [quando nós jogávamos futebol], aquele dia, tu deste aquela canelada no cara”, e aí vem aquele papo. (SCFLP02MAPRI 512)¹.
 b. [...], talvez pelo *modo* [como a Adriana morreu]. (SCFLP11FAGIN385)
 c. Mas, geralmente, quem pega serviço na própria *capital* [onde mora], casa na redondeza, tranqüilo. (SCFLP04MAPRI282)
 d. Encontrei o *ônibus* [que levava a gente no colégio].
 e. Encontrei a caneta [com a qual eu escrevi a mensagem].
 f. Encontrei a *moça* [cuja mãe viajou].
 g. Carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem...acima quer dizer acima do peso [para o que ela (a rodovia) foi construída]. (D2 SSA)².
 h. Encontrei a moça [com quem você falou na semana passada].
 i. Maria descobriu o *valor* [por quanto Pedro comprou o livro].

Entretanto, os itens *quem*, *o que* e *quanto* sofrem algumas restrições de ocorrência, como os exemplos agramaticais abaixo mostram:

- (11) a. Encontrei a *moça* [*quem você viu na semana passada].
 b. Eu vou comer a *comida* [*o que você cozinhar].
 c. Maria descobriu o *valor* [*quanto Pedro pagou pelo livro].

Em (11) os itens *quem*, *o que* e *quanto* estão adjacentes ao núcleo nominal e as sentenças são agramaticais. Mas, se esta adjacência é rompida pela presença de uma preposição, como vemos em (10g-i) acima, a sentença é gramatical.

Quando se trata de relativas livres, os itens relacionados acima podem encabeçá-las, exceto três deles: *que*, *qual* e *cujo* conforme mostram as sentenças em (13):

- (12) a. A Maria é [quem está segurando o livro].

¹ Exemplos dos nossos dados de pesquisa extraídos do *corpus* do VARSUL.

² Exemplo de *o que* de Kato *et alii* (2008) retirado do *corpus* do projeto NURC.

- b. Ele vai cobrar [quanto quer pelo livro].
- c. Ele procedeu [como o João pediu].
- d. João conhece [onde a Maria mora].
- e. [Quem comer a sobremesa] ganha um prêmio.
- f. Eu comprei [o que tu querias].

- (13) a. *Encontrei [que levava a gente no colégio].
- b. *Encontrei [com a qual eu escrevi a mensagem].
- c. *Encontrei [cuja mãe viajou].

Presumimos que os itens lexicais que podem encabeçar uma relativa livre devem incorporar, no mínimo, o núcleo nominal, como afirmamos na seção anterior. Por outro lado, a agramaticalidade das sentenças em (13a-c) é atribuída ao fato de que esses itens lexicais não embutem o núcleo nominal que deveria anteceder-las na relativa com núcleo que parafraseia a relativa livre.

Dos itens lexicais que encabeçam uma relativa livre, *o que* e *quem* introduzem relativas livres que são argumentos ou predicativos. Nos exemplos abaixo, eles introduzem argumentos: em (14) introduzem argumentos de nomes; em (15) introduzem argumentos de verbos; e em (16) argumentos de preposições que funcionam como núcleo de um adjunto.

- (14) a. Ter receio de [quem bebe] é normal.
- b. Ter receio de [o que acontece na estrada] é prudente.
- (15) a. Ele encontrou [quem ele estava procurando].
- b. Ela comprou [o que ele encomendou].
- (16) a. João encontrou Maria com [quem ele mais odeia].
- b. João encontrou Maria com [o que ele tinha perdido].

Os itens *quem* e *o que* além de introduzirem argumentos, podem encabeçar uma relativa RL que funciona como predicativo:

- (17) a. A Suzanita é [quem quer casar].
- b. O que ele estuda é [o que eu quero estudar].

Uma relativa livre pode ser argumento de uma preposição lexical como em (16), e, quando encabeçada pelos itens *quando*, *onde* e *como* pode ser adjunto como em (18):

- (18) a. Maria saiu [quando o João chegou].
 b. Maria encontrou o João [onde ele costuma passear].
 c. Maria fez o trabalho [como tinha planejado].

Neste caso, podemos dizer que estes itens lexicais são adverbiais, pois, de certa forma, incorporam uma preposição: *quando*=no momento em que; *onde*=no lugar em que; *como*=do modo que. Eles podem também introduzir uma relativa livre que é argumento de uma preposição:

- (19) a. João conhece a Maria desde [quando ela era pequenina].
 b. João costumava passear por [onde a Maria passeava].
 c. O professor discorreu sobre [como ensinar sintaxe].

Neste caso, os itens *Wh* funcionam como DPs: *quando*=o tempo em que; *onde*=o lugar por onde; *como*=o modo de.

Mostramos acima que todos os itens relativos podem encabeçar uma relativa NN, apesar da restrição que envolve *quanto*, *quem*, e *o que*, os quais não podem estar adjacentes ao núcleo NN. Mostramos também que, excetuando os itens *cujo*, *que* e *qual*, todos os outros itens *Wh* podem encabeçar uma relativa livre. Os itens *quando*, *onde* e *como* são ambíguos entre serem DPs e Adv.

3 RELATIVAS NN E RELATIVAS LIVRES

Nesta seção vamos traçar uma distinção entre as relativas NN e as relativas livres. A distinção abordará aspectos formais, (seção 3.1), e semânticos, (seção 3.2), dessas relativas.

3.1 ASPECTOS FORMAIS

Há vários aspectos formais que diferenciam uma relativa NN de uma relativa livre. O primeiro aspecto diz respeito ao núcleo nominal: presente nas relativas NN e ausente nas relativas livres:

- (20) a. Eu encontrei a *pessoa* [com quem tu querias conversar *ec*].
 b. Eu me encontrei [com quem tu querias conversar *ec*].

Na sentença matriz de (20a) há um núcleo nominal explícito: *pessoa*. Esse núcleo é retomado na sentença encaixada por um pronome *Wh*, que, posteriormente, se alça para SpecCP para a relativização deixando naquela posição uma categoria vazia. Já em (20b), o núcleo nominal não está explícito, embora essa sentença tenha a mesma interpretação da sentença em (20a).

Algumas análises (cf. MEDEIROS JÚNIOR, 2005) atribuem a falta do núcleo nominal (e de todo o DP) ao fato de ele estar incorporado no pronome relativo. Assim, o pronome relativo *quem* incorpora o núcleo nominal *pessoa*; *o que* incorpora o núcleo nominal *coisa*; *onde* incorpora o núcleo nominal *lugar*; *quando* incorpora o núcleo nominal *momento*; *quanto* incorpora o núcleo nominal *quantia* e *como* incorpora o núcleo nominal *modo*. O fato de um pronome relativo poder incorporar um núcleo nominal, de acordo com Bresnan & Grimshaw (1978) e Caponigro (2002), faz com que a relativa livre tenha a distribuição de um DP.

O segundo aspecto que distingue essas relativas é o fato de que as relativas livres só podem ser introduzidas por um item *Wh*, justamente aqueles que incorporam o nome, e não podem ser introduzidas pelo *que*, *por exemplo*. Já as relativas NN podem ser introduzidas por qualquer item *Wh*, inclusive pelo constituinte *que*.

- (21) a. Eu comprei [o que / *que tu querias comprar *ec*].
 b. Eu comprei o livro [que tu querias comprar *ec*].
 c. Eu comprei [*o *qual* tu querias comprar].

Em se tratando dos itens lexicais que introduzem essas relativas é relevante ressaltar que todos os itens lexicais apresentados na seção 2, acima, podem introduzir relativas NN, mas nem todos podem introduzir relativas livres como mostra (21a, c). Em (21c), a presença do

constituente o *qual* introduzindo uma relativa livre torna a sentença agramatical. Isso ocorre porque o constituinte *qual* tal como *que* e o *cujo*, por suas características específicas, não conseguem incorporar o núcleo nominal ao qual estão adjacentes.

Além disso, os itens *Wh* como *quem*, *o que* e *quanto* não podem introduzir uma relativa NN se estão adjacentes ao núcleo. Se a adjacência é quebrada por uma preposição, esses pronomes podem ocorrer, como mostram as sentenças em (10), retomadas aqui em (22):

- (22) a. Carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem...acima quer dizer acima do *peso* [para o que ela (a rodovia) foi construída].
 b. Encontrei a *moça* [com quem você falou na semana passada].
 c. Maria descobriu o *valor* [por quanto Pedro comprou o livro].

Podemos relacionar o terceiro aspecto formal de distinção ao fato de que Relativas NN, mas não relativas livres, podem ter na posição argumental relativizada um resumptivo:

- (23) a. *Eu comprei [o que tu querias comprar *ele*].
 b. Eu comprei o livro [que tu querias comprar *ele*].
 c. *Esta é a pessoa de quem a Maria gosta dela.

Sentenças como a exemplificada em (23b) são gramaticais, mas a relativa NN deve ter um *que* na sua periferia esquerda. Já (23c) é agramatical porque a relativa contém um pronome relativo na periferia esquerda e, ao mesmo tempo, um resumptivo na posição argumental. Nas sentenças gramaticais, o constituinte *que* é considerado um complementador por TARALLO (1983) e um pronome relativo por KATO (1993) ³.

O quarto aspecto formal que distingue as relativas em questão é sua função sintática. A relativa com núcleo nominal, é analisada de duas formas diferentes em relação à sentença matriz: a) na análise tradicional (CHOMSKY, 1977), a relativa NN é um adjunto do núcleo nominal. O item *Wh* ou um operador nulo é gerado no domínio de IP e, ao se mover para SpecCP, deixa uma variável na posição relativizada; b) no modelo de alçamento de Kayne (1994)⁴, a sentença relativa é analisada como um CP complemento do determinante. O item *Wh* é gerado, no domínio do IP, como um determinante que seleciona o núcleo nominal e ambos são movidos para a periferia esquerda.

³ Essas análises serão desenvolvidas no capítulo II.

⁴ As teorias de cada um desses modelos serão desenvolvidas no capítulo II.

Uma relativa livre, por sua vez, nunca pode ser um adjunto de um núcleo nominal, pois esse núcleo estará incorporado no item *Wh* que a introduz. As funções sintáticas que elas desempenham são as de argumento, adjunto do VP ou predicativo:

- (24) a. Eu encontrei [[_{DP} **quem**] conversou contigo ontem]].
 b. Ter receio de [_{DP} **quem** bebe] é normal.
- (25) a. João comprou uma casa [_{PP} de [_{DP} **quem**] ele mais gosta].
 b. Ele vendeu o carro [_{PP} por [_{DP} **quanto**] você sugeriu].
- (26) a. Ela chegou [_{PP} **quando**] a Maria saiu].
 b. João comprou a casa [[_{PP} **onde**] a Maria morava].
 c. Ele foi à festa [[_{PP} **como**] eu pedi].
- (27) a. A Suzanita é [_{DP} [_{DP} **quem**] [_{DP} **ec**] quer casar].
 b. O que ele estuda é [_{DP} [_{DP} **o que**] eu quero estudar [_{DP} **ec**]].

Em (24a), a relativa livre, entre colchetes, é AI do verbo *encontrar* e, em (24b), é complemento do nome *receio*. Já em (25) todo o PP [*de quem ele mais gosta*] e [*por quanto você sugeriu*] é adjunto do VP e as relativas livres, [*quem ele mais gosta*] e [*quanto você sugeriu*], são argumentos das preposições *de* e *por* respectivamente. Em (26) a relativa livre é um adjunto adverbial. Por fim, as relativas livres livre, entre colchetes em (27) apresentam a função sintática de predicativo.

Assinalamos os requerimentos de compatibilidade do pronome relativo como o último aspecto formal de distinção entre relativas.

Como apontamos acima, quando o item *Wh* na periferia esquerda da relativa incorpora o núcleo nominal, a relativa assume a distribuição de um DP e, nessa condição, deve obedecer aos requerimentos de compatibilidade categorias do núcleo da sentença matriz (28), diferentemente do *Wh* das relativas NN (29):

- (28) a. Eu conheço [_{DP} [_{DP} **quem** você falou [_{PP} **ec**]]].
 b. *Eu conheço [_{DP} [_{PP} **com quem** você falou [_{PP} **ec**]]].
- (29) Eu conheço a pessoa [_{PP} **com quem** você falou [_{PP} **ec**]].

Em (28a), o verbo *conhecer* seleciona um DP como complemento e o item relativo que introduz a relativa livre é da categoria DP. (28b) é agramatical, pois o item *Wh com quem* obedece aos requerimentos do verbo *falar* da sentença encaixada e não obedece aos requerimentos do verbo *conhecer* da sentença matriz, que seleciona um DP como seu complemento. Em (29), o *Wh* é gerado como complemento da preposição *com* e todo o PP obedece aos requerimentos do verbo *falar* da sentença encaixada; posteriormente, move-se para a periferia esquerda da relativa. Como os requerimentos do verbo *conhecer* da sentença matriz são atendidos pelo núcleo nominal *pessoa*, não cabe mais ao *Wh* obedecer aos requerimentos desse núcleo.

3.2 OS ASPECTOS SEMÂNTICOS DAS RELATIVAS

O principal aspecto que torna relativas livres (30) semanticamente distintas das relativas NN (31) é a forma como o item *Wh* é interpretado em relação à sentença matriz:

- (30) Eu vou comer [o que o garçom trazer].
- (31) a. Eu tenho uma vizinha [que faz doce pra vender].
 b. Eu tenho uma vizinha, [que faz (ela) doce para vender].
 c. Eu trouxe comigo os três livros [que havia sobre a mesma].

Relativas livres, como em (30), apresentam uma semântica de maximização. Van Riemsdijk (2000), Grosu & Landman (2002) e De Vries (2002) afirmam que as relativas livres podem ter uma interpretação definida ou universal⁵:

- (32) a. I ate what the waiter put on my plate.
 a'. I ate **the thing** that the waiter put on my plate.
- b. I will eat whatever the waiter will put on my plate.
 b'. I will eat **anything/everything** the waiter put on my plate.

⁵ Os exemplos (32) e (33) são de Van Riemsdijk (2000, p. 23).

(32a) apresenta uma leitura definida, como observamos pela paráfrase em (32a'). Já (32b) temos uma leitura universal. A sentença de (32b) pode ter duas leituras: a) com o quantificador *anything* teremos a paráfrase [*eu irei comer qualquer coisa de um conjunto de itens que o garçom colocar no meu prato*] - leitura chamada de *free choice any*; b) com o *everything* teremos a paráfrase [*eu irei comer todos os itens (de comida) que o garçom colocar no meu prato*]. Não podemos deixar de mencionar que (32a) também pode ter uma leitura universal (VAN RIEMSDIJK, 2000):

(33) I will eat what happens to be on the menu.

Pelo fato de as relativas livres apresentarem uma leitura definida e/ou universal, Jacobson (1995 apud VAN RIEMSDIJK, 2000), assim como Grosu e Landman (1998) formularam uma unificação dessas duas leituras através da noção de entidade plural máxima (*maximal plural entity*). Portanto, as relativas livres apresentam uma semântica de maximização cuja interpretação pode ser definida ou universal. De acordo com Jacobson, uma relativa livre denota um conjunto de entidades plurais. Com a inserção do *Wh* esse conjunto de entidades plurais se transforma em um conjunto unitário que contém somente os indivíduos plurais máximos. Ou seja, o *Wh* denota uma função que é aplicada a um conjunto de indivíduos e retorna como um conjunto único que contém um individual plural máximo (uma entidade atômica simples) – isso dá conta da leitura definida ou universal.

As sentenças relativas NN em (31), de acordo com (Grosu, (2002) e Grosu & Landman (1998), com base em Milsark (1974), Carlson (1977), Sells (1985; 1986), Heim (1987), Srivastav (1991), Postal (1994) e Bianchi (1999) têm três tipos semânticos: restritivas e apositivas e maximizadas). As restritivas e as apositivas têm a interpretação semântica fora do CP, enquanto que as maximizadas têm a interpretação dentro do CP, mais especificamente, na posição relativizada.

Nas relativas NN, a diferença entre restritivas e apositivas está na forma com que o determinante externo e núcleo nominal se combinam para se relacionar com o *Wh*. Para Grosu (2002, p. 146), nas apositivas, a relativa forma um constituinte com todo o DP, enquanto que nas restritivas a relativa forma um constituinte apenas com o núcleo nominal. Assim, uma sentença relativa como (34) pode ter uma interpretação restritiva (34a) ou uma interpretação apositiva como (34b):

- (34) Eu tenho uma vizinha [que faz doce para vender].
 a. Eu tenho **UMA** vizinha [que faz doce para vender].
 b. Eu tenho **UMA VIZINHA** [que (ela) faz doce para vender].

Na leitura restritiva de (34a) a relativa forma um constituinte com o núcleo nominal *vizinha*. Esse núcleo nominal *vizinha* designa um conjunto (conjunto das vizinhas) que é interseccionado com o conjunto designado pela relativa (conjunto daqueles que fazem doce para vender). O resultado dessa interseção é o valor semântico do determinante: apenas “um” indivíduo que é *minha vizinha* – há outras vizinhas, mas somente uma delas faz doce para vender. Aqui, tanto o material interno quanto o externo são fundamentais para a interpretação da relativa.

Na leitura apositiva, (34b), *eu tenho somente uma vizinha, que a propósito, ela faz doce para vender*. Aqui a relativa especifica o significado do DP *uma vizinha*, ao contrário da leitura restritiva de (34a) em que a relativa restringe o significado no núcleo nominal. Nas apositivas há o conjunto designado pelo DP (conjunto das vizinhas=uma vizinha) e nele está contido o conjunto designado pela relativa (conjunto daqueles que fazem doce para vender).

As relativas apositivas funcionam muito mais como modificadores de todo o DP, por isso, nessa estrutura, o material externo (determinante mais núcleo nominal) é mais importante do que o material interno (relativa).

De acordo com De Vries (2002), além da intersecção de conjuntos, a semântica das relativas pode ser observada através das relações de acarretamento:

- (35) a. Eu tenho **uma vizinha**, que ela faz doce pra vender. ↓
 b. Eu tenho uma vizinha.
- (36) a. Eu tenho **uma** vizinha que faz doce pra vender. ✗
 b. Eu tenho uma vizinha. (*uma* = numeral)

Nas apositivas, mas não nas restritivas há uma leitura de acarretamento: em (35b), a exclusão da relativa acarreta ou garante o conteúdo da matriz da sentença em (35a); isso ocorre porque a relativa contida nas apositivas funciona como um aposto. Já em (35b), a ausência da relativa não acarreta ou garante o conteúdo da matriz da sentença em (35a). A impossibilidade do acarretamento nas restritivas decorre do fato de que o conteúdo presente na relativa forma um constituinte único com núcleo nominal da sentença matriz.

De acordo com Sell (1985, p. 02), em se tratando da característica do nominal das relativas NN, as apositivas combinam com nominais [+referenciais], mesmo que os mesmos sejam indefinidos (36), enquanto que restritivas combinam com quantificadores como em (37):

- (36) a. Eu não vi *Tropa de elite*, que está passando no Iguatemi.
 b. *Eu não vi *Tropa de elite* que está passando no Iguatemi.
- (37) a. João tem viajado para *cada estado* (*,) que pertence ao Brasil.
 b. Maria não tem comido *nenhum peixe* (*,) que tenha vindo do Rio.

No entanto, as sentenças abaixo mostram que nominais indefinidos (não-quantificados) (37) e nominais quantificados (38), que se encontram sob escopo de quantificadores, também podem ser acessíveis às apositivas, mesmo sendo [-referenciais]:

- (37) Cada produtor de uva de Caxias do Sul possui *um trator a diesel*, que ele usa quando faz a colheita.
- (38) Um tutor registrará *cada aluno*, que é então responsável por levar seu documento ao escritório do chefe pontualmente.

Em (37), o nominal *um trator a diesel*, antecedente do *Wh* não é um nominal referencial, pois está sob escopo de um operador mais alto, mesmo assim, é aceitável com relativas apositivas. Para sentenças como as de (37), Sells (1985, p. 3), com base nos estudos de Haik, Heim e Kamp, propõe uma análise não-quantificacional para nominais indefinidos (bem como definidos) mostrando que indefinidos se comportam como nomes em alguns aspectos e, por isso, podem aparecer sob escopo de operadores quantificacionais.

De acordo com Sells (1985/1986), nas restritivas, a relação entre o núcleo nominal e o *Wh* é caracterizada por uma vinculação sintática. Para sentenças em que a relação entre nominal e *Wh* não pode ser de vinculação nem de co-referencialidade, como em (37) e (38), o autor propõe uma relação de interpretação dita *cospecification*:

Cospecification has different truth-conditions from the bound interpretation, [...] and we have also seen that cospecification cannot be subsumed under coreference. Binding is syntactically-licensed anaphora, cospecification is

anaphora licensed in discourse, and coreference is not really anaphora at all (SELL 1985 p. 30)⁶

Dessa forma, sentenças apositivas⁷ como em (39) podem se estruturar com uma variedade de relações entre o DP e operador relativo:

- (39) a. João, *que* trabalha na empresa, é meu primo.
 a' *João* é meu primo. *Ele* trabalha na empresa.
 b. João tem três ovelhas, *que* Maria alimenta (elas).
 b' João tem *três ovelhas*. Maria *as* alimenta.
 c. Um tutor registrará cada aluno, *que* é então responsável por levar seu documento ao escritório do chefe pontualmente.
 c'. Um tutor registrará *cada aluno*. *Ele* é então responsável por levar seu documento ao escritório do chefe pontualmente.

Em (39a), o *Wh que* é co-referente do DP *João*; em (39b) o *Wh* é uma anáfora do tipo anáfora-E (Evans) em que cada variável individual presente no operador relativo retoma um referente do DP *três ovelhas* [*Para cada ovelha que João tem é o caso que Maria alimenta ela*]. Se o DP estruturado com um quantificador universal estiver sob escopo de um quantificador como em (39c), o *Wh* será também uma anáfora-E (Evans) que Sells denominou de *cospecification* em que [*tem um tutor y tal que para todo x aluno, y registrará x & x leva documentos de x para o chefe pontualmente*]. De acordo com Pires de Oliveira (conversa pessoal) nessa anáfora-E, a segunda ocorrência da variável *x* não está vinculada ao quantificador *cada* e não pode ser uma anáfora comum, porque o sintagma antecedente é quantificado.

⁶ A *cospecification* tem condições de verdade diferente da interpretação de vinculação,[...] e vimos também que a *cospecification* não pode ser compreendida dentro da co-referência. A vinculação é uma anáfora licenciada sintaticamente; a *cospecification* é uma anáfora licenciada no discurso; e a correferência, na verdade, não é uma anáfora. (SELL 1985 p.30).

⁷ (i) *John, who/*that* works for the Cia, is my cousin.
 (ii) John owns *three sheep, which/*that* Mary feeds.
 (iii) A tutor will register *each student, who/*that* is then responsible for getting his paper to the Dean's office on time.

O grupo de sentenças acima mostra que no PB a relativização nas apositivas pode ocorrer com o constituinte *que* ou com o pronome relativo, enquanto que no inglês essas construções relativizam necessariamente com o pronome relativo.

As sentenças acima mostram que tanto nominais quantificados quanto não-quantificados sob escopo de um quantificador podem ser acessíveis a uma relativa apositiva, o que a torna semelhante a uma sentença independente como em (39 a'-c').

Com base nessas evidências, Sells propõe que nas apositivas o DP seja um “antecedente” do *Wh* e sua indexação ocorre no discurso. Como o *Wh* não é c-comandado pelo DP, esse *Wh* é caracterizado como uma anáfora e não uma variável. Por outro lado, nas restritivas a relação entre o núcleo nominal e o *Wh* corresponde a uma vinculação sintática, pois o *Wh* além de ter o mesmo índice do núcleo nominal é c-comandado por esse constituinte.

Uma relativa NN têm semântica de maximização quando, em termos gerais, a relativa contém um contexto de inserção do *there*. Na língua inglesa, a relativização, nesse contexto, ocorre com o *that* ou o operador vazio, mas não com o operador relativo *which*:

- (40) a. *I took with me the three books [that/∅/ *which there were on the table].*
 a'. Eu trouxe comigo *os três livros* [que/*os quais *havia* em cima da mesa].

Em (40), a relativa, entre colchetes, contém um verbo existencial impessoal e a lacuna da relativização está em uma posição que é aberta ao efeito de definitude⁸. Como os contextos existenciais selecionam argumentos indefinidos, o *which*, por ser mais definido, não pode ser gerado nessa posição.

De acordo com Grosu & Landman (1998, p. 136), essas estruturas *degree* só podem ocorrer com determinantes universais, com definidos e partitivos:

- (41) a. *I took with me every book/any books/the books/ the three books/ three of the books that there was/were on the table.*
 a'. Eu trouxe comigo *todos/ quaisquer livros/ os livros/ os três livros/ três dos livros* que havia em cima da mesa.

⁸ Grosu & Landman assumem a teoria de Milsark (1974) em relação ao conceito de “efeito de definitude” e apontam as seguintes propriedades dessa derivação:

- (i) “*The there-insertion context*” contém uma operação que tem de dar lugar uma variável na posição que está aberta ao efeito de definitude.
 (ii) Relativização com relativos *which* age de forma abstrata sobre a variável na posição relativizada. Essas duas operações precisam vincular a mesma variável, o que significa que a operação mais alta, a abstração, é vácuua, isto é, o relativo *which* não vincula uma variável.

b. * *I took with me three books/ few books/ many books/ some books/most books/ no books that there were on the table.*

b'. * *Eu trouxe comigo três livros/ alguns livros/muitos livros/ poucos livros/ nenhum livro que havia em cima da mesa.*

A relativa NN maximizada é interpretada como um conjunto de gradação e o ponto crucial para essa interpretação semântica é a expressão de gradação nula *d many books* que está acessível dentro da relativa. O núcleo nominal *books* já está interpretado semanticamente na posição mais baixa dentro da sentença relativa. Esse fato deve ser entendido como “o conjunto de todas as gradações⁹ (d) tal que existe uma soma (quantidade) de *d muitos livros* em cima da mesa” (GROSU & LANDMAN, 1998, p. 128, tradução nossa). Esse núcleo nominal assume um papel de classe ou tipo (a classe dos livros) dentro da relativa.

Mostramos nesta seção os principais aspectos formais que distinguem uma relativa NN de uma relativa livre. São eles: a presença de um núcleo nominal explícito nas relativas NN e a ausência deste nas relativas livres; o tipo do item lexical que introduz a relativa encaixada, a presença de um resumptivo nas relativas NN, mas não nas relativas livres; as diferentes funções sintáticas da encaixada e os requerimentos que o *Wh* atende quando está na periferia esquerda da relativa.

Mostramos também que o aspecto semântico mais relevante que distingue as relativas referem à interpretação do *Wh* e sua relação com a sentença matriz. Assim, nas relativas livres, o item *Wh* é interpretado em specCP e tem uma semântica de maximização. Nas relativas NN restritivas, o *Wh* restringe o sentido do núcleo nominal da sentença matriz; nas relativas NN apositivas, o *Wh* especifica todo o DP presente na sentença matriz e nas relativas NN maximizadas a interpretação do *Wh* é a expressão de gradação nula *d many [NP]* acessível dentro da relativa (na posição relativizada), que denota um conjunto de gradação máxima do núcleo nominal.

⁹ Além da operação de maximalização de quantidade, a expressão *d many* pode referir também a uma operação de maximalização de substância (i) ou de eventos como em (ii):

(i) *Vamos demorar o resto de nossas vidas para bebermos o champagne* *o qual/que eles derramaram naquela manhã].

(ii) *Toda hora* *a qual/ que a campainha tocava eu abria a porta.

4 FECHAMENTO DO CAPÍTULO UM

Iniciamos este capítulo mostrando que uma relativa se diferencia de outra sentença encaixada por possuir um constituinte que é compartilhado com a sentença matriz. Os dois tipos de relativas do PB são as relativas NN e as relativas livres. A relativa NN é um adjunto de um núcleo nominal, o qual é retomado na relativa por uma categoria vazia ou por um pronome resumptivo. Essa relativa pode ser encabeçada por um item *Wh* explícito ou por um constituinte *que*.

Quando o *Wh* na periferia esquerda da relativa consegue incorporar o núcleo nominal, essa relativa, agora denominada relativa livre, deixa de ser um adjunto do NP e passa a ser argumento de um núcleo ou adjunto de um VP.

Os itens lexicais que podem figurar na periferia esquerda da relativa são: *que*, *o que*, *quem*, *qual*, *cujo*, *como*, *onde*, *quando*, *quanto*. Todos esses itens lexicais podem introduzir uma relativa NN, apesar da restrição que envolve *quanto*, *quem*, e *o que*, os quais devem estar adjacentes a uma preposição e não ao núcleo nominal. Com exceção de *cujo*, *que* e *qual*, todos os outros itens podem introduzir uma relativa livre. Os pronomes *quando*, *onde* e *como* são ambíguos entre serem DPs ou Adv.

As relativas NN se distinguem das relativas livres por alguns aspectos formais. O primeiro aspecto formal que as distingue é a presença de um núcleo nominal explícito nas relativas NN e a ausência desse núcleo nas relativas livres, apesar de ambas terem a mesma interpretação. O segundo aspecto formal aponta que as relativas livres só podem ser introduzidas por *Wh* explícitos, enquanto que as relativas NN também podem ser introduzidas pelo constituinte complementizador *que*. O terceiro aspecto aponta para o fato de que relativas NN, mas não relativas livres podem ter na posição relativizada um resumptivo. A função sintática é o quarto aspecto que distingue relativas NN das relativas livres: as relativas NN podem ser analisadas, dependendo da teoria, como adjunto de um NP (modelo tradicional) ou complemento do determinante (modelo de alçamento). Já as relativas livres nunca são adjuntos do núcleo nominal, mas como DP assumem a função de argumento de núcleos como verbos, nomes e preposições lexicais; como PP introduz o adjunto de VP.

O último aspecto formal diz respeito aos requerimentos que o *Wh* atende quando está na periferia esquerda da relativa: em uma relativa livre o *Wh* deve atender aos requerimentos de compatibilidade categorias de um núcleo da sentença matriz; nas relativas NN o *Wh* não precisa atender aos requerimentos de um núcleo da matriz, pois é o núcleo nominal que o faz.

O aspecto semântico mais relevante que distingue os dois tipos de relativas se refere à interpretação do *Wh* e sua relação com a sentença matriz. Nas relativas livres, o *Wh* é interpretado na periferia esquerda da relativa e tem uma semântica de maximização: denota uma função que é aplicada a um conjunto de indivíduos e retorna como um conjunto único que contém um indivíduo plural máximo (uma entidade atômica simples), o que dá conta da leitura definida ou universal.

Nas relativas NN restritivas, o *Wh* restringe o sentido do núcleo nominal da sentença matriz; há uma intersecção de conjuntos (núcleo nominal \cap relativa) e o resultado dessa intersecção é o valor do determinante que seleciona esse núcleo nominal. A relação entre núcleo nominal e *Wh* é de vinculação sintática. Nas relativas NN apositivas, o *Wh* especifica todo o DP presente na sentença matriz e o conjunto designado pela relativa está contido no conjunto designado pelo DP. A indexação entre *Wh* e o DP ocorre no discurso e não na sintaxe. As relativas NN maximizadas ocorrem preferencialmente em contextos *there* e a interpretação semântica dessa relativa, é a expressão de gradação nula *d many [NP]* acessível dentro da relativa (na posição relativizada), a qual denota um conjunto de gradação máxima do núcleo nominal.

CAPÍTULO II

AS SENTENÇAS RELATIVAS NN DO PB

0 INTRODUÇÃO

Desde os estudos de Tarallo (1983), os três tipos de relativas NN do PB são denominadas de relativa padrão, relativa resumptiva e relativa cortadora. A relativa padrão se caracteriza por ter na periferia esquerda uma preposição que antecede um item *Wh* e uma categoria vazia na posição relativizada. A relativa resumptiva tem na periferia esquerda um constituinte *que* e um constituinte resumptivo na posição relativizada. Já a relativa cortadora tem na periferia esquerda um constituinte *que* e uma categoria vazia da posição relativizada.

Neste capítulo mostraremos que, nos estudos gerativistas, as sentenças relativas NN podem ser analisadas com base em dois modelos teóricos: modelo de adjunção em que a relativa é um adjunto do NP e o modelo de complemento de D em que a relativa é um complemento do determinante externo. Assim, na seção (1), exporemos os três tipos de relativas NN do PB e apontaremos as características dos constituintes que estão na periferia esquerda de cada relativa e do material presente na posição relativizada. Na seção (2), abordaremos a teoria de adjunção para a relativa NN e as análises de Tarallo (1983) e Kato (1993) para as relativas do PB. Já na seção (3), apresentaremos as análises de Áreas (2000) e Kato & Nunes (2006) para as relativas do PB com base na teoria de complemento de D para a relativa NN. Em (4), faremos o fechamento deste capítulo.

1 OS TIPOS DE RELATIVAS NN DO PB

Nesta seção mostraremos como são os diferentes tipos de sentenças relativas NN do PB. Para distinguir os diferentes tipos de relativas NN centramos nossa atenção na periferia esquerda da relativa e na posição do constituinte relativizado. Observando a periferia esquerda das relativas e a posição do sintagma relativizado, podemos distinguir três tipos de relativas: as relativas que têm uma expressão *wh* não-ambígua na sua periferia esquerda e um vazio na posição relativizada, que chamaremos de relativas padrão; as relativas que têm um *que* na sua

periferia esquerda e um categoria vazia na posição relativizada, que chamaremos de relativa cortadora; e as relativas que têm um *que* na periferia esquerda e, pelo menos, um pronome resumptivo na posição relativizada, que chamaremos de relativa resumptiva. Os três nomes são dados a partir de Tarallo (1983).

1.1 RELATIVAS PADRÃO

As sentenças relativas padrão se caracterizam por apresentar um pronome *Wh* na sua periferia esquerda e uma categoria vazia na posição relativizada, como exemplificado em (1):

- (1) a. Eu encontrei a pessoa [[**com quem**]_i tu falaste [**ec**]_i ontem].
 b. Eu cheguei do lugar [[**de onde**]_i tu vieste [**ec**]_i.
 c. Eu encontrei os livros [[**dos quais**]_i tu gostaste [**ec**]_i.
 d. Eu entrei na casa [[**de cuja** janela]_i eu olhava o anoitecer [**ec**]_i.

Em (1c), o pronome relativo *qual*, que têm morfologia para manifestar concordância, concorda com o antecedente, o que acontece em geral. Já o pronome *cujo* concorda com o nome que o segue.

Uma relativa padrão também pode ter um *que* na sua periferia esquerda:

- (2) Esta é a caneta_i [[**com que**]_i eu escrevi a carta [**ec**]_i].

Mas a sentença só pode ser identificada como relativa padrão se o *que* é antecedido de uma preposição. A presença da preposição em (2) atesta, como nas sentenças em (1), que a expressão *Wh* é movida da posição marcada por [**ec**]. O movimento é usado como explicação para o fato de, nas relativas padrão, a posição relativizada ser sistematicamente vazia.

No tipo de relativas exemplificado em (1) e (2) a relativa é formada por *pied piping* de todo o sintagma que contém o pronome relativo. Assim, se o constituinte relativizado é um PP, a preposição vai junto com o pronome relativo para a periferia esquerda. Isto é, não é comum no PB o fenômeno da preposição órfã:

- (3) a. *Eu encontrei a pessoa [[**quem**]_i tu falaste **com** [**ec**]_i ontem].

- b. *Eu cheguei do lugar [[**onde**]_i tu vieste **de** [**ec**]_i].
- c. *Eu encontrei os livros [[**os quais**]_i tu gostaste **de** [**ec**]_i].
- d. *Esta é a caneta_i [[**que**]_i eu escrevi a carta **com** [**ec**]_i].

Quando uma relativa apresenta um *que* na periferia esquerda e na posição de sujeito ou de objeto direto uma categoria vazia, não é claro que se trate de uma relativa padrão. Por isso, a presença da preposição é importante para a identificação de uma relativa padrão.

Por fim, existem relativas padrão que não licenciam um *que* na periferia esquerda mesmo na presença de uma preposição¹⁰:

- (4) a. Você deve esquecer o assunto [[**sobre [o qual/ ?que]**]_i eu te falei [**ec**]_i].
- b. Ele perdeu o livro [[**sem [o qual/*que]**]_i ele não vive [**ec**]_i].
- c. O casamento [[**contra [o qual/*que]**]_i ele foi [**ec**]_i acabou dando certo.

1.2 RELATIVAS CORTADORAS

As sentenças relativas cortadoras se caracterizam por apresentar um constituinte *que* na periferia esquerda e uma categoria vazia na posição relativizada, como mostram as sentenças em (5):

- (5) a. Vamos fazer a viagem [[**que**]_i [tu sonhas [**ec**]_i]].
- b. Vamos comer a sobremesa [[**que**]_i tu gostas [**ec**]_i].

Nas sentenças relativas em (5), tal como ocorre nas relativas padrão em (1), o constituinte relativizado é um PP. Porém, diferentemente das relativas padrão, nas relativas cortadoras a preposição não é fonologicamente realizada. Veja em (5) que o sintagma relativizado é um PP, mas a preposição não aparece nem na posição relativizada nem na periferia esquerda da relativa.

¹⁰ Não iremos tratar nesta dissertação dos fenômenos que envolvem esse tipo de sentença relativa.

As relativas que têm na periferia esquerda o constituinte *que* não admitem que preposições leves, como *com*, *de*, entre outras, permaneçam órfãs na posição em que são geradas:

- (6) a. *Vamos fazer a viagem [[**que**] [tu sonhas **com** [ec]_i]].
 b. * Vamos comer a sobremesa [[**que**] tu gostas **de** [ec]_i].

Por outro lado, se o PP relativizado tiver como núcleo uma preposição forte (fonologicamente pesada) como *sobre*, *contra* ou preposição como *sem* entre outras, essas preposições podem permanecer órfãs *in situ*¹¹:

- (7) a. Você deve esquecer o assunto [[**que**]_i eu te falei **sobre** [ec]_i].
 b. Ele perdeu o livro [[**que**]_i ele não vive **sem** [ec]_i].
 c. O casamento [[**que**]_i ele foi **contra** [ec]_i] acabou dando certo.

Essas mesmas sentenças se tornam agramaticais se as preposições não forem fonologicamente realizadas:

- (8) a. ?Você deve esquecer o assunto [[**que**]_i eu te falei ~~sobre~~ [ec]_i].
 b. *Ele perdeu o livro [[**que**]_i ele não vive ~~sem~~ [ec]_i].
 c. *O casamento [[**que**]_i ele foi ~~contra~~ [ec]_i] acabou dando certo.

As sentenças relativas em (6), reescritas em (9), revelam que, diversamente do que ocorre com as relativas em (8), se a preposição cortada na base for uma preposição leve a sentença é bem formada:

- (9) a. Vamos fazer a viagem [[**que**] [tu sonhas ~~com~~]].
 b. Vamos comer a sobremesa [[**que**] tu gostas ~~de~~].

As sentenças em (9) parecem evidenciar que a categoria vazia dessas relativas é originada pelo corte da preposição leve ainda na posição em que é gerada (diferentemente da categoria

¹¹ Parece relevante destacar aqui que talvez o critério mais adequado para a possibilidade do corte da preposição ou sua necessária realização seja sua função (funcional ou lexical) e não seu peso fonológico, tendo em vista que preposições como *com* e *sem* apresentam o mesmo peso e se comportam de maneira diversa.

vazia da relativa padrão, que é originada pelo movimento de todo o PP para a periferia esquerda da relativa).

Por último, o constituinte *que* na periferia esquerda da relativa, pode relativizar além do PP, o DP na posição de sujeito (10a) ou objeto (10b):

- (10) a. Essa é a caneta_i [[**que**] [**ec**_i] foi perdida t_i na mudança].
 b. Essa é a caneta_i [[**que**] eu comprei [**ec**_i]].

A categoria vazia das sentenças em (10) é

um DP. Nesse tipo de relativa, não temos como saber se o *que* é um pronome relativo movido da posição argumental ou se é um complementizador gerado em C na base.

1.3 RELATIVAS RESUMPTIVAS

As sentenças relativas resumptivas, tal como as cortadoras, apresentam um constituinte *que* na periferia esquerda. Mas ao invés de uma categoria vazia, a posição relativizada contém um constituinte resumptivo como em (11):

- (11) Esta é a caneta_i [[**que**]_i eu escrevi a carta [com **ela**_i]].

Em (11) o núcleo nominal *caneta* é retomado por um pronome resumptivo *ela*, que é o complemento da preposição *com*.

Nas relativas resumptivas o sujeito e o objeto direto também podem ser relativizados:

- (12) a. Eu tenho um amigo [[**que**]_i [**ele**]_i detesta ir ao dentista].
 b. Eu tenho um amigo [[**que**]_i minha irmã detesta [**ele**]_i].

Observe que, ao contrário do que acontece nas relativas cortadoras que relativizam o sujeito ou o objeto direto, é plausível a hipótese de que o *que* seja um complementizador nas resumptivas. A presença do pronome resumptivo complica a hipótese de que o *que* seja um pronome relativo gerado em posição argumental e movido para o Spec de CP na SS: para tanto, não existe categoria vazia que justifique o movimento.

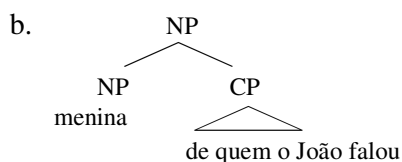
Nesta seção mostramos que as relativas padrão se caracterizam por ter na posição relativizada uma categoria vazia originada pelo movimento do pronome relativo para a periferia esquerda da relativa. As relativas cortadoras têm na periferia esquerda um constituinte *que* e na posição relativizada uma categoria vazia originada pelo corte da preposição gerada na base. Já as relativas resumptivas têm na periferia esquerda um constituinte *que* e na posição relativizada, ao invés de uma categoria vazia, há um constituinte resumptivo.

2 A ANÁLISE DAS RELATIVAS NN COMO ADJUNTO

A análise que toma como hipótese que a sentença é um adjunto do nome tem suas raízes na gramática tradicional. A relativa restritiva é considerada um adjunto do nome antecedente. A relativa explicativa funciona como um aposto do DP.

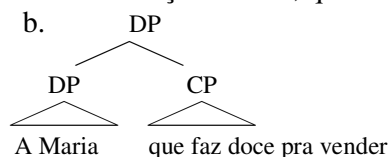
No modelo gerativista de Princípios e Parâmetros, a hipótese de que a relativa é um adjunto ganhou força. As relativas restritivas são consideradas como adjunto do NP (cf. Less, 1960, Chomsky (1965, 1975), Rosenbaum 1969 (apud Areas 2000)), sendo representadas como (13).

(13) a. Ele encontrou a menina de quem João falou.



As apositivas são consideradas como adjunto do DP¹² (Chomsky 1982, Safir 1984), sendo representadas como (14):

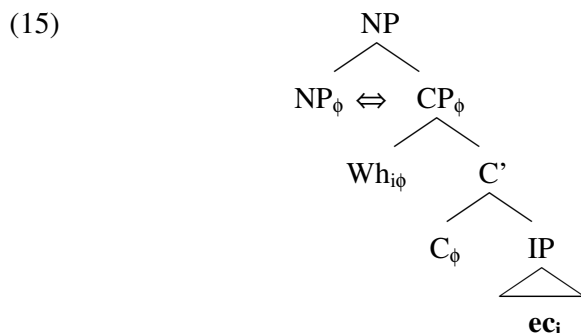
(14) a. Eu conheço a Maria, que faz doce pra vender.



¹² As apositivas são adjungidas ao DP, pois ao contrário das restritivas elas modificam todo o DP.

Para os dois tipos de relativas, postulava-se uma regra de predicação em que a relativa predicaria sobre o DP antecedente.

O que acontecia dentro de uma relativa NN restritiva pode ser esquematicamente representado como (15):



Como podemos observar em (15), o núcleo nominal é gerado sob o NP (não faz parte da estrutura do CP). Nessas relativas, o compartilhamento de constituinte que a relativa mantém com a sentença matriz é especial: se dá via CP. Ou seja, a categoria vazia é co-referente com o núcleo nominal da sentença matriz e essa co-referência se estabelece através do SpecCP.

Segundo Browning (1987, p. 50-70), o pronome relativo se move para SpecCP e torna o CP um predicado; nessa configuração de predicação o núcleo nominal e o CP predicado entram em concordância quanto aos traços ϕ de gênero, pessoa e número. Os traços ϕ do núcleo nominal são transmitidos ao CP relativo e perpassam ao seu núcleo C°; C° então concorda com o pronome relativo por estar em configuração especificador/núcleo:

A relação entre o núcleo nominal e os elementos relacionados a ele no domínio de CP se estabelece em LF por meio de uma regra de predicação. Para Chomsky (1977, 1982), tal regra de predicação é caracterizada da seguinte forma: as sentenças relativas são sentenças abertas, verdadeiros predicados que precisam ser associados a um sujeito para que a construção seja legitimada para sua interpretação. Assim, em LF é aplicada uma regra de predicação que induz o predicado (CP) a associar-se ao seu sujeito (NP).

Para dar conta das sentenças relativas do inglês com o complementador *that*¹³ esse modelo teórico postulou a existência de um operador vazio (**OP**), que teria as mesmas propriedades de um pronome relativo, como em (16b).

¹³ Mantemos o exemplo do inglês pelo fato de, nesta língua, a forma *that* ser claramente um complementador, enquanto que no PB não é claro qual é o estatuto do constituinte *que*.

- (16) a. The girl that John saw.
 b. $[_{NP} [_{NP} \text{the girl}] [_{CP} \mathbf{OP}_i \text{ that } [_{\text{John saw } t_i}]]]$

A postulação desse operador resolveria o problema de violação do Princípio de Projeção. Esse princípio enuncia que as propriedades de seleção de cada núcleo lexical devem ser preservadas em todos os níveis de representação (DS, SS e LF). Assim, esse elemento foneticamente nulo se relacionaria com o núcleo nominal, garantindo a interpretação da construção.

Um dos pontos questionados dessa hipótese é a presença desse **OP** quando extraído da posição de sujeito. Esse **OP** separado do seu vestígio pelo complementador *that* não o poderia reger.

- (17) a. This is the letter $[_{CP} \mathbf{OP}$ that $[_{IP} t_i$ will surprise Poirot]].
 a'. Esta é a carta que irá surpreender Pedro.

De acordo com a Teoria de Regência e Vinculação todo vestígio precisa ser regido adequadamente (subcategorizado) por um núcleo lexical. Na configuração em (17), o complementador não poderia reger o vestígio por ser um núcleo funcional e mesmo assim a sentença é bem formada.

Vejamos o que ocorre com essas sentenças relativas:

No movimento longo do sujeito o complementador precisa ser omitido: efeito do *that-trace* (18):

- (18) a. The event $_i$ $[_{CP} \mathbf{OP}_i$ $[_{C} \text{ that } [_{IP} \text{ I think } [_{CP} \emptyset [_{IP} ec_i \text{ took place}]]]$].
 b. *The event $_i$ $[_{CP} \mathbf{OP}_i$ $[_{C} \text{ that } [_{IP} \text{ I think } [_{CP} \text{ that } [_{IP} ec_i \text{ took place}]]]$].
 b. O evento que eu penso que ocorreu.

As sentenças em (18) mostram que quando o sujeito tem movimento longo o núcleo complementador que antecede o IP onde ele foi gerado é omitido. Como o núcleo complementador não é um regente adequado ao vestígio, sua omissão permite que o vestígio seja regido pelo núcleo do verbo *to think* que está logo acima na sentença.

Na relativização de sujeito local a situação é oposta, neste caso, o *that* não pode ser livremente omitido:

- (19) a. The event_i [_{CP} OP_i [C that [_{IP} ec_i took place]]].
 b. *The event [_{CP} OP_i [C ∅ [_{IP} ec_i took place]]].

- (20) a. The event_i [_{CP} which_i [C ∅ [_{IP} ec_i took place]]].
 a. O evento o qual ocorreu.

Para contextos como em (19), Bianchi (2002, p. 231) com base em Culicover (1993) e Rizzi (1995) argumenta que, embora o núcleo do complementador não seja capaz de reger o vestígio, ele pode fazê-lo se for co-indexado com o vestígio do sujeito. Os autores assumem que “*the null complementizer in (18a) and that in (19) are endowed with agreement features and thus can get coindexed with the antecedent of the trace when the latter moves through their Spec*” (BIANCHI, 1999, p. 232)¹⁴.

Ainda segundo esses autores, o efeito *that-trace* no movimento longo de sujeito é suspenso se um tópico adverbial intervém entre o *that* e o vestígio:

- (21) a. An amendment [_{CP}which_i [_{IP} they say [_{CP} that [next year [ec_i will be law]]]].
 a'. Uma revisão que eles dizem que no próximo ano será lei.

Em (21), o advérbio *next year* intervindo entre o complementador *that* e o vestígio faz com que o efeito *that-trace* seja evitado. Por outro lado, se o tópico for um argumento a sentença é agramatical:

- (22) * A man who_i, I think [that[this book_j [ec_i knows very well t_j]].
 a'. Um homem que eu penso que este livro sabe bem.

A agramaticalidade de (22) evidencia que, no caso de movimento do sujeito, o vestígio em SpecIP precisa ser adequadamente regido por um núcleo com c-comando imediato no sistema CP. Neste caso, o DP *this book*, mesmo em posição de c-comando não forma uma cadeia, por não ter o mesmo índice do vestígio do DP sujeito do verbo *to know*.

Em termos gerais, essa é a estrutura do CP para a relativização de um argumento na posição de sujeito:

¹⁴ O complementador nulo em (18a) e o *that* em (19) são envolvidos com traços de concordância, e por isso podem ser tornar co-indexados com o antecedente do vestígio quando esse vestígio se move através de seu Spec.

- (23)¹⁵ a. The things_i that *ec*_i happened.
 b. The things_i which *ec*_i happened.
 c. The things_i * \emptyset *ec*_i happened.

Para Bianchi (1999 p. 176) com base em Rizzi (1990), o contraste entre 23(a-b) e (23c) é sempre atribuído ao Princípio das Categorias Vazias (ECP): o núcleo C° c-comandando imediatamente o vestígio em SpecIP se torna um regente adequado desse vestígio pela relação de concordância que o co-indexa ao vestígio. Assim, em (23a), o complementador *that* concorda com o núcleo nominal *things* da relativa pela relação de concordância dos traços que envolvem o núcleo nominal e o vestígio. O complementador nulo em (23b) concorda com o *Wh* em seu Spec, que por sua vez, concorda com os traços do núcleo nominal. Em (23c), nenhuma relação de concordância é possível, pois o complementador nulo pode somente concordar com seu próprio Spec, mas esse Spec contém um operador nulo, que não pode licenciar uma relação de concordância com o núcleo nominal. Dessa forma, o vestígio em SpecIP, não pode ser regido de forma adequada, violando o princípio da ECP.

Nas sentenças relativas em que o constituinte relativizado está em um contexto de ilha como em (24), não há o movimento do *Wh* para a periferia esquerda da relativa:

- (24) a. *The book_i they think [_{CP} that [_{CP} when John will buy [*ec*] then he will be happy] arrive at store.
 a'. O livro que eles pensam que quando João comprar então ele será feliz chegou na loja.

A extração de um constituinte *Wh* de ilhas¹⁶ torna a sentença agramatical, por outro lado, se a categoria vazia for substituída por um resumptivo, a sentença se torna bem formada:

- (25) The book_i they think [_{CP} that [_{CP} when John will buy [it_i] then he will be happy] arrive at store.

¹⁵ No inglês a forma *that* é claramente um complementador enquanto que a forma *which* é um elemento relativo. Já no PB, a forma *que* pode assumir qualquer uma dessas funções permitindo assim a mesma tradução para as três sentenças acima.

(i) As coisas que aconteceram.

¹⁶ Barreiras: DP, CP e IP. (Para o BP o IP não é barreira)

Ilhas fortes: estruturas relativas, sujeitos sentenciais, orações adverbiais.

Ilhas fracas: estruturas interrogativas, estruturas indiretas e factivas.

Em (25), não há movimento *Wh* para a periferia esquerda, por isso, não há uma relação de vinculação entre o *Wh* e o pronome resumptivo. Nessa sentença há uma relação de co-referencialidade em que o resumptivo é uma anáfora pronominal do núcleo nominal externo ao CP, sendo *that* um complementador, núcleo do CP.

Essa análise das relativas como adjunto, é a base teórica para dois estudos sobre as sentenças relativas do PB: Tarallo (1983) e Kato (1993).

2.1 A ANÁLISE DE TARALLO (1983)

Tarallo (1983) analisou 1700 sentenças¹⁷ relativas do PB e constatou que, nos dados de fala¹⁸, a posição relativizada é preenchida por um constituinte resumptivo ou por uma lacuna, como nas sentenças abaixo:

- (26) Esta é a caneta [**com a qual** eu escrevi a carta **ec**].
- (27) a. Esta é a caneta [**que** eu escrevi a carta com **ela**].
 b. Eu tenho um amigo [[**que**]_i [**ele**]_i detesta escrever com esta caneta].
 c. Eu tenho um amigo [[**que**]_i minha irmã detesta [**ele**]_i].
- (28) a. Esta é a caneta [**que** eu escrevi a carta **ec**].
 b. Eu tenho um amigo [[**que**]_i [**ec**]_i detesta escrever com esta caneta].
 b. Eu tenho um amigo [[**que**]_i minha irmã detesta [**ec**]_i].

Nos termos de Tarallo as sentenças entre colchetes em (26), (27) e (28) são respectivamente uma relativa padrão, relativa resumptiva e relativa cortadora. Vejamos como Tarallo analisou cada uma dessas sentenças:

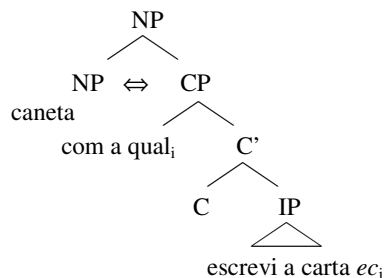
A sentença relativa padrão¹⁹, em (26) é analisada com base na hipótese de Chomsky (1977). De acordo com essa hipótese, o pronome relativo é gerado como complemento de

¹⁷ Entre os dados analisados estão: dados diacrônicos extraídos de escritos (cartas e documentos), dados sincrônicos: mídia (programas de TV e jornais escritos) e fala.

¹⁸ Os dados analisados por Tarallo apresentaram poucas ocorrências de pronomes *Wh* tanto na relativização de DPs quanto de PPs, sendo essas ocorrências encontradas na escrita, por isso o autor optou em analisar com maior ênfase os dados da fala.

uma preposição. No processo de relativização, todo o PP é movido para a posição de SpecCP, deixando na posição relativizada uma variável:

(26) a'.



Tarallo (1983, p.45)

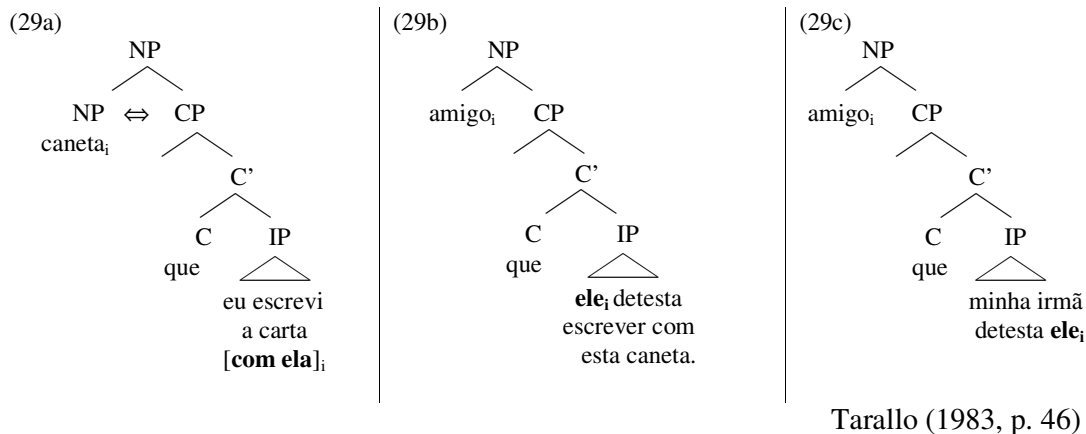
Ao contrário, uma relativa resumptiva tem um *que* na periferia esquerda e um pronome resumptivo na posição relativizada. Nessa relativa, o *que* pode relativizar um constituinte PP como em (27a) ou um constituinte DP na função de sujeito (28b) ou na função de objeto (29c):

- (29) a. Esta é a caneta [**que** eu escrevi a carta com **ela**].
 b. Eu tenho um amigo [[**que**]_i [**ele**]_i detesta escrever com esta caneta].
 c. Eu tenho um amigo [[**que**]_i minha irmã detesta [**ele**]_i].

Nas relativas resumptivas o constituinte *que* é um complementador e o pronome resumptivo é co-referente com o núcleo nominal, pois “*If the gap position remains filled, then clearly no wh-movement has applied and the pronoun in the gap position must be coindexed directly with the head NP in order for the relative clause to be interpretable*” (CHOMSKY, 1977 apud TARALLO, 1983, p. 15)²⁰:

¹⁹ Tarallo denomina padrão também as relativas DP, que têm na periferia esquerda um pronome relativo explícito como o *qual*, porém segundo ele, essas relativas estão ausentes nos dados de fala do PB.

²⁰ “Se a posição relativizada permanece preenchida, então o movimento wh não é aplicado e o resumptivo nessa posição precisa ser co-indexado diretamente com o núcleo nominal a fim de que a sentença relativa seja interpretável”

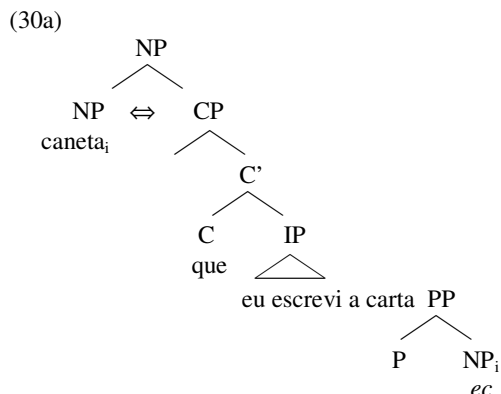


O último tipo de relativas analisado por Tarallo são as cortadoras. Na relativa cortadora a categoria vazia pode decorrer tanto do movimento, como na relativa padrão, quanto do apagamento do pronome resumptivo *in situ*:

- (30) a. Esta é a caneta; [**que** eu escrevi a carta [*ec*]_i].
 b. Eu tenho um amigo; [**que** [*ec*]_i detesta escrever com esta caneta].
 c. Eu tenho um amigo; [**que** minha irmã detesta [*ec*]_i].

Para o diagnóstico dessas relativas, Tarallo (1983) associou Chomsky (1977) às propostas de Jackendoff (1977) apresentadas por Kato (1981), as quais propunham que o sistema de relativização de uma língua decorre de seu sistema pronominal.

Partindo do pressuposto de que nas relativas resumptivas PP não há movimento *wh*, não seria econômico postular movimento onde existe uma lacuna formada pela ausência da preposição. Dessa forma, a categoria vazia das relativas em que não há *pied piping* nem resumptivo se origina da elipse do pronome resumptivo (pronominal) e da elipse posterior da preposição:



Tarallo (1983, p.48)

Para identificar se a categoria vazia na posição de sujeito e objeto é originada por movimento *Wh* ou por elipse pronominal, Tarallo apresenta dois argumentos.

O primeiro argumento de Tarallo foi formulado a partir dos dados sincrônicos de fala do PB em que ele observou o uso do pronome resumptivo nas sentenças principais e subordinadas:

- (31) a. João daria de presente um livro se ele tivesse dinheiro para comprar *pro*.
 b. João daria de presente um livro *pro* tivesse dinheiro para comprá-lo.

Esses dados evidenciaram que nas sentenças subordinadas não relativas, a ausência dos pronomes era mais freqüente na posição de objeto direto (31a) do que na posição de sujeito (31b).

O fato de nas relativas, o resumptivo se comportar da mesma forma que nas subordinadas não relativas, fez Tarallo assumir para as relativas a mesma regra geral de apagamento (*pro-drop*) encontrada nas subordinadas não relativas.

O segundo argumento de Tarallo (1983, p. 17) para verificar se existia movimento do *que* na função de sujeito ou objeto foi elaborado a partir da observação do comportamento desses em relação à possibilidade de extração de ilhas. Assim, ele submeteu as sentenças em (32) aos falantes para testar se haveria movimento *Wh*²¹:

²¹ Deve-se ressaltar aqui que as duas sentenças apresentadas por Tarallo mostram a relativização de objeto. Uma possível aceitação, por partes dos falantes, de uma categoria ao invés de resumptivos nessas sentenças pode ser justificada possibilidade de objeto nulo no PB. Essa aceitabilidade já não ocorre se o argumento extraído de um contexto de ilha for um sujeito:

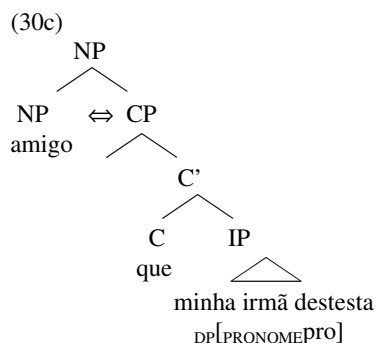
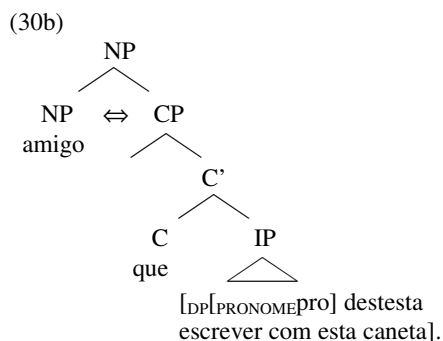
(i) A vizinha [_{CP} que eu vi a casa [_{CP} que *ec/ela vendeu]].

- (32) a. O homem que eu acredito no fato que Maria viu (*ec*) veio me visitar. (Restrição de ilha de DP complexo)
 b. O homem que eu sei quando Maria viu (*ec*), é meu primo. (Restrição de ilha *Wh* [+interrogativo])

Chomsky (1977) apresenta dois argumentos para confirmar se a relativização em uma dada língua ocorre por movimento da expressão *Wh*: o primeiro é a presença de uma lacuna na relativa e o segundo argumento é a restrição de ilhas, ou seja, se a relativização obedece à restrição de ilhas, então o movimento *Wh* deve ser aplicado na derivação das relativas.

Para Tarallo, os falantes, mesmo com dificuldade, reconheceram as sentenças em (32) como gramaticais, o que evidencia que não houve extração de dentro de ilhas. Em outras palavras, se uma sentença relativa é gramatical mesmo que o sintagma relativizado esteja dentro de uma ilha, isso indica que não houve movimento.

Com base nas evidências acima, Tarallo concluiu que na relativização de DPs, o constituinte *que* na periferia esquerda da relativa é um complementador e a categoria vazia é originada pela elipse do pronome resumptivo:



Tarallo (1983, p.47)

Em suma, o baixo índice de pronomes relativos no *corpus* analisado fez Tarallo assumir que relativas DP com pronome relativo e relativas com *pied piping* seriam reservadas à escrita, enquanto que na fala as relativas seriam introduzidas pelo constituinte *que*, analisado como um complementador. Além disso, Tarallo analisou as sentenças relativas relacionando-as ao sistema pronominal do PB. Assim, as relativas seriam resumptivas se houvesse um pronome resumptivo na posição relativizada; a ausência desse pronome indicaria a elipse

pronominal. Para a ausência da preposição nas posições preposicionadas, Tarallo propôs a elipse do pronome resumptivo seguido da elipse da preposição.

2.2 A ANÁLISE DE KATO (1993)

Outra análise para as relativas do PB com base no modelo de adjunção foi apresentada por Kato (1993). Nesse trabalho, a autora amplia os estudos de Tarallo (1983), e propõe que o constituinte *que* que introduz relativas seja um pronome relativo, contrariando Tarallo que o denominou de complementador.

Para dar sustentação a sua teoria, a autora adota a Hipótese *Left Deslocation* (Hipótese LD). Para ela, é nessa posição, que o pronome relativo é gerado. Um dos argumentos de Kato para a existência do *que* relativo vem dos dados diacrônicos de Cohen (1986/89), os quais mostram que o complementador se originou da convergência do *quod* (subordinação do subjuntivo) e *qui* (subordinação do indicativo), enquanto que o *que* relativo seria a neutralização, em forma acusativa, de gênero, número e caso dentro do sistema interrogativo e relativo.

Para Kato, “as diferenças entre as estratégias resumptiva e cortadora, de um lado, e a estratégia padrão, de outro, têm a ver com as posições da variável e não com a natureza categorial do COMP, sendo as mesmas posições universalmente disponíveis” (KATO, 1993, P. 227)²².

²² Kato analisou a ocorrência do resumptivo nas interrogativas, afirmativas e relativas com LD e observou que o efeito anti-adjacência (possibilidade de ultrapassar mais de uma barreira, postulado por Conterás (1990)), teria como causa o fato de que LDs seriam adjuntos de CP em sentenças matriz e adjuntos de IP nas subordinadas. A extração de *Q* ocorreria a partir de LD da sentença encaixada e seria a variável que controlaria o resumptivo no interior de qualquer sentença à sua direita, adjacente ou não. A análise de Kato aponta que, em inglês, LD sem núcleo lexical (descabeçado) é limitado a sentenças raiz, diferentemente do PB, que permite LD descabeçado em subordinadas completivas e relativas:

- (i) a. Pedro pensa que, *essas crianças*, a Maria vai buscar *elas*.
- b. Esse país, que o *presidente* o povo não acredita mais *nele*....

Assim, para Kato, a restrição de distribuição de LD de núcleo nulo em algumas línguas, em oposição ao PB, cuja distribuição é livre, estaria controlando a falta de efeito do princípio de anti-adjacência; princípio esse que só se aplica quando a LD tem núcleo lexical:

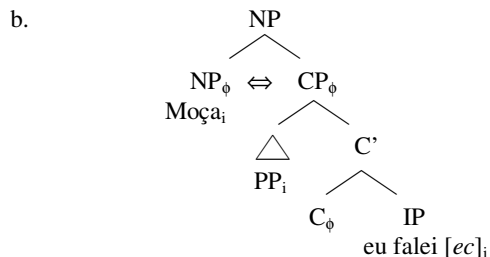
- (ii) a. Quanto à Maria, [João disse que [Pedro convidou ela]].
- b. A Maria, quanto a quem, [João disse que [Pedro convidou ela]].
- c. *A Maria, quanto a quem, [Pedro convidou ela].

O fato de o PB não apresentar o efeito anti-adjacência na maioria dos contextos, justificaria a ocorrência de resumptivos em sentenças imediatamente adjacentes ao CP tal como ocorre nas relativas com sentença raiz:

- (iii) Essa é a caneta [que eu comprei ela].

Na derivação com movimento como em (19), a relativização incide diretamente sobre o objeto do verbo:

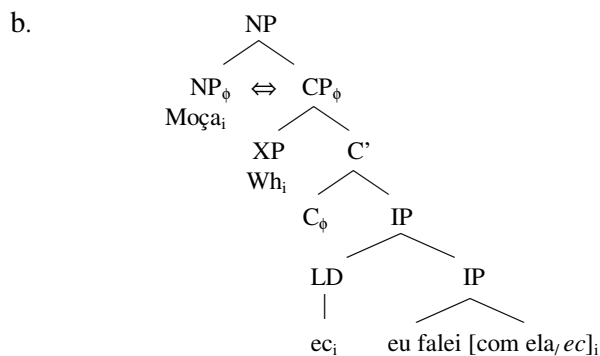
(19) a. A moça [_{CP} [com quem]_i] [_{IP} eu falei [_{ec}_i]].



Kato (1993, p.228)

Para Kato (1993), nas relativas com resumptivos ou cortadoras, a relativização incidiria sobre vestígio em LD. O pronome relativo *que* em CP seria ligado ao seu vestígio em LD e este vestígio seria co-referente ao pronome pessoal *ela* ou categoria vazia.

(20) a. A moça [_{CP} que_i [_{LD} ec_i] [_{IP} eu falei [com ela_i ∅]_i ontem]].



(Estratégia PP resumptiva ou cortadora – Kato (1993, p.228)).

Essa co-referencialidade, segundo a autora, explicaria por que os resumptivos são interpretados como variáveis. Nessa derivação, a relativização não operaria sobre a variável em IP, mas sim sobre LD, que por sua vez co-indexaria, em LF, o núcleo nominal, o pronome relativo e o resumptivo. Para Kato, a co-indexação em LF justifica que sentenças como (21b) não violam a restrição de ilhas:

- (21) a. *A moça_i [_{CP} com quem_i [_{IP} eu penso [_{CP} que [_{DP} o moço [_{CP} que falou *ec*_i] esteve ontem aqui]]]].
- b. A moça_i [_{CP} que_i [_{LD} *ec*_i [_{IP} eu penso [_{CP} que [_{DP} o moço [_{CP} que falou com ela_i] esteve ontem aqui]]]].

A aparente violação à restrição de ilhas de (21b), de acordo com Kato, não se deve a falta de movimento, mas sim porque uma variável em LD poderia manter uma relação de co-referência com pronomes distantes, atravessando barreiras (DP, IP, CP). Isso porque co-referência, não se submete às Condições de Subjacências²³. A posição relativizada em LD forma uma ligação local com a cabeça da relativa, contribuindo para o princípio da Derivação Econômica (CHOMSKY, 1989 apud KATO 1993).

Kato analisa a lacuna da relativa cortadora como elipse de expressão R na FF, encaixando-a na categoria de regra estilística, conforme Chomsky e Lasnik (1977 apud KATO 1993), diferentemente de Tarallo, que propôs ser a lacuna o resultado da elipse da preposição no contexto [_{pp} P pro].

Para sua análise, a autora recorre à Cinque (1990), Chao (1987) e Campos *et alii* (1991) afirmando que uma categoria vazia seria uma *elipse* quando os prossintagmas nulos retomam um nominal. Já uma categoria vazia do tipo *lacuna de elipse em FF* seria gerada pela ausência de prossintagmas que retoma o PP. O PB, apesar de não ter prossintagmas, para o PP tem pronomes lexicais não-clíticos (*ele, ela*) para a sua retomada, e mesmo assim, pode usar uma categoria vazia na posição argumental. Essa constatação levou Kato, a postular que seria a inexistência de prossintagmas clíticos, e não a carência de pronomes em geral, que proporcionaria o aparecimento de lacunas como podemos observar nas sentenças em (22):

- (22) a. João disse que [*seu* pai, [pai *dele*, [o *ec* pai]] anda doente].
- b. A moça [que eu falei [*com ela*], [*ec*], ontem].

As sentenças acima mostram que, embora haja *prossintagmas* que fazem parte de um paradigma como os possessivos (*meu, teu, Ø*) e clíticos (*me, te, Ø*), muitos não são ativos no

²³ Na descrição do movimento do *Wh*, de acordo com BG (Government and Binding), o elemento *Wh* movido não é obrigado a passar por todas as posições SpecCP que estão pelo caminho. A generalização dessa observação é a CONDIÇÃO DE SUBJACÊNCIA em que: o elemento *Wh* não pode atravessar mais de uma barreira por ciclo.

PB. Seria esse contexto o mais favorável para a presença de um alternante nulo ao lado do pronome regido por preposição.

Assim, a baixa produtividade de alguns prossintagmas (22b) ou a ausência desses (22a) para a retomada de uma determinada categoria produziria repetições dessa categoria e, posterior elipse. Kato notou que essa não poderia ser uma regra universal, tendo em vista que o inglês também não tem prossintagmas para todas as categorias e mesmo assim repete a categoria sem posterior elipse como evidenciam as sentenças abaixo em (23):

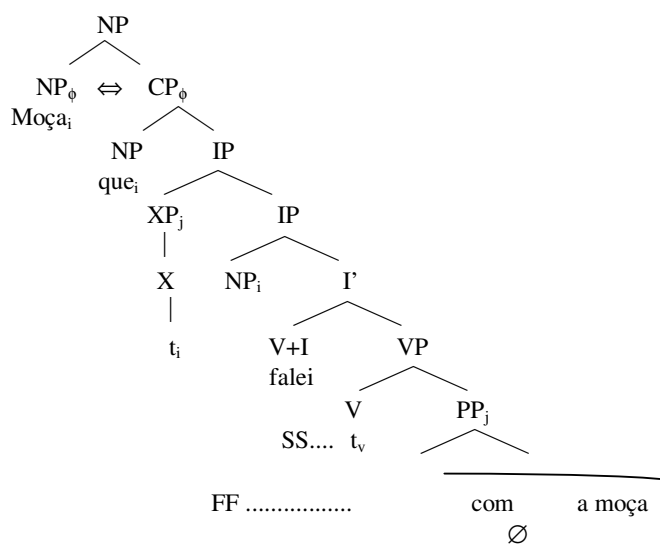
(23) ²⁴ a. Mary eats beans but Peter doesn't eat beans/* doesn't eat *ec*.

b. Paul talked with the girl, but John didn't talk with the girl/* didn't talk *ec*

A diferença entre o inglês e o PB, segundo a autora, estaria na presença lexical do V (inglês) ou do seu vestígio (PB) em VP. No PB a elipse apenas completaria a lacuna deixada pelo verbo, ou seja, com a subida do verbo para INFL e a elipse do XP idêntico ao elemento em LD, teríamos um VP totalmente vazio em PF. Mesmo que o vestígio tenha presença sintática na (SS), em PF “ele seria tão silencioso quanto o PP elíptico”. Essa análise propõe que o PP elíptico seja um vazio parcial de um vazio maior que afeta o VP como um todo:

(20) a'. A moça [_{CP} que_i [_{LD} t_i [_{IP} eu falei [∅]_i ontem]]].

b'.

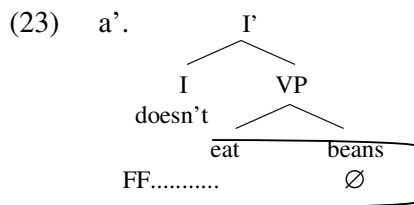


(Estratégia cortadora – Kato (1993, p. 249)).

²⁴ a'. A Maria come feijão, mas o João não come feijão/* não come *ec*.

b'. O Paulo falou com a moça, mas João não falou com a moça/* não falou *ec*.

A análise da elipse de XP complemento não é possível em inglês, pois, o verbo não sobe para INFL e a elipse, quando ocorrer, só pode ser de todo o VP [verbo +XP]²⁵:



De qualquer modo em ambos os casos é o VP que sofre a elipse, em PB o verbo continua visível na PF por estar em INFL, enquanto que no inglês todo o VP sofre a elipse.

Mostramos nesta seção a análise das relativas NN do PB na função de adjunto do NP: no que diz respeito ao *que* na periferia esquerda da relativa, Tarallo atribui a esse constituinte a função de complementador com exceção da relativa com *pied* [PP+ *Wh*]. Kato, por sua vez, caracteriza esse constituinte de pronome relativo em todos os contextos.

Quando o constituinte relativizado for um PP e todo PP for movido para a periferia esquerda, é unânime na literatura que essa categoria seja uma variável originada pelo movimento do *Wh* para a periferia esquerda. Porém quando a preposição está ausente na relativa, Tarallo atribui essa categoria vazia à elipse pronominal (resumptivo) e posterior elipse da preposição. Já para Kato, essa categoria vazia é uma lacuna resultado de elipse do VP em (FL) mesmo que o verbo continue visível na PF por estar em INFL.

Para Tarallo, o pronome resumptivo funciona como uma anáfora pronominal co-referente do núcleo nominal da matriz; para Kato o resumptivo é co-referente de uma LD, adjunto do IP.

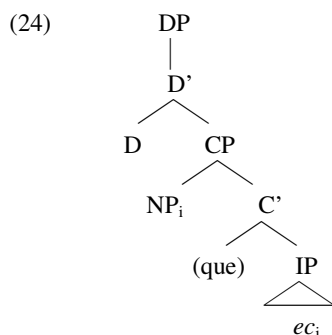
A categoria vazia na relativização de DPs, segundo Tarallo, é originada pela elipse pronominal, tal como ocorre nas posições de argumentos nas sentenças encaixadas não relativas.

²⁵ HORNSTEIN; NUNES & GROHMANN (2005, p.137) trazem exemplos de como ocorre a elipse do VP com verbos bitransitivos e ECM no inglês:

- (i) a. John gave a bagel to Mary and Susan did give a knish to Mary.
b. John gave a bagel to Mary and Susan did a knish.
- (ii) a. John expected Mary to eat a bagel and Susan did expect Sam to eat a bagel.
b. John expected Mary to eat a bagel and Susan did Sam.

3 A ANÁLISE DAS RELATIVAS NN DO PB COMO COMPLEMENTO

O modelo de alçamento, firmado a partir de Kayne (1994), descreve a relativização com base nas propriedades de seleção do determinante (D). Nesse modelo, a relativa é complemento do determinante, como mostra a estrutura em (24):



Em (24), o CP relativo é complemento do determinante e o núcleo nominal é movido de dentro do IP para SpecCP.

Para formular a hipótese de que o núcleo nominal nasce dentro de IP (e se move para SpecCP) e que o CP relativo não é adjunto do NP, os autores que estudaram esse modelo, apresentaram, entre outras, as seguintes evidências²⁶:

(A) Teoria da ligação

Pelo princípio A da teoria da ligação uma anáfora deve estar vinculada em sua categoria de regência, o que evidencia que na sentença (25) o núcleo nominal é gerado dentro do IP:

(25) [_{DP} [_D O [_{CP} [_{DP} retrato de si mesmo]_i [_{CP} que [_{IP} João_i pintou *ec_i*] é encantador]]]].

Se mantivermos que *retrato de si mesmo* é gerado onde está e que a relativa é adjunto do NP, a sentença (25) deveria ser agramatical já que a anáfora não está vinculada dentro de sua categoria de regência. Pela hipótese do complemento de D esse fato é facilmente explicado: o núcleo nominal *retrato de si mesmo* é gerado na posição de argumento interno do verbo *pintar* (posição em que é vinculado à expressão-R *João*) e, é movido para SpecCP.

²⁶ Dados extraídos de Kayne (1994), Bianchi (2000; 2002), De Vries (2002) e Áreas (2002).

(B) Expressões idiomáticas quando relativizadas.

As expressões idiomáticas têm uma estrutura fixa “verbo-objeto” e por isso, quando o objeto da expressão idiomática é relativizado conseguimos provar que houve movimento:

(26) $[_{DP} A [_{CP} [_{DP} \textit{mãozinha}]_i [_{CP} \textit{que} [_{IP} \textit{ela me deu } t_i]]]]$ resolveu o problema.

O constituinte *mãozinha*, antes do alçamento, é o complemento do verbo *dar* dentro da sentença relativa, o que forma a expressão idiomática *dar uma mãozinha*.

(C) A ocorrência de possessivos pós-nominais (do inglês) relacionados à oração relativa.

Sentenças com a presença de possessivos pós-nominais no inglês mostram que o determinante não pode selecionar um outro DP como evidencia (27):

(27) a.* I found the [two pictures of John’s].
 b. I found $[_{DP} [_{D} \textit{the} [_{CP} [_{DP} \textit{two pictures of John’s}]_i [_{CP} \textit{that} [_{IP} \textit{you lent } ec_i \textit{me}]]]]]]$.

Em (27), a sentença é gramatical, pois o determinante [DP] seleciona como complemento um [CP]. Isso pode ser confirmado, pois $[_{DP} \textit{two pictures of John’s}]$ é objeto direto do *to lent*.

(D) Licenciamento de um determinante definido

O exemplo em (28) é mal formado sem a presença de uma sentença relativa; confirmando a idéia de que o determinante seleciona um CP:

(28) a. (*) A Paris
 a’ $[_{DP} [_{D} A [_{CP} [_{DP} \textit{Paris}]_i [_{CP} \textit{que} [_{IP} \textit{eu conheço } ec_i]]]]]]$.

(E) Quantificadores flutuantes

Na sentença abaixo o quantificador universal *todos* é um núcleo funcional (Q°) que seleciona um DP complemento [+definido]:

- (29) a. Todos os estudantes passaram no exame.
 b. Os estudantes passaram todos no exame.

Em (29b), o DP complemento *os estudantes* se move para SpecIP, enquanto que o quantificador *todos* permanece retido na posição de base do sujeito:

- (30) [IP [DP Os estudantes [IP passaram [VP [QP [todos t_{DPi} [VP t_v no exame]]]]]]].

As sentenças abaixo mostram que o quantificador pode introduzir o núcleo de uma relativa restritiva (31a), mas não pode permanecer retido dentro da relativa (31b):

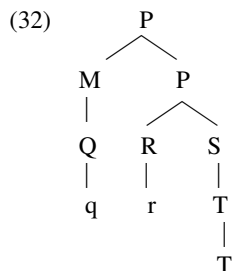
- (31) a. Relacione pra mim todos [DP [D os [CP [DP livros]_i [CP que [IP precisas comprar *ec_i* para o semestre]]]]].
 b. *Relacione pra mim [DP [D os [CP [DP livros]_i [CP que [IP precisas comprar todos *ec_i* para o semestre]]]]].

A agramaticalidade de (31b) evidencia que o D_{ext} *os* não é gerado junto ao núcleo nominal *livros*. O quantificador não pode selecionar o núcleo nominal como seu complemento dentro da sentença, enquanto que o D_{ext} está fora da relativa. O quantificador só pode selecionar um DP, cujo núcleo é o D_{ext} na posição mais alta da sentença relativa como em (31a).

(F) Axioma de Correspondência Linear (LCA)

No modelo de Princípios e Parâmetros, a ordem dos constituintes é flexível: núcleos podem preceder ou serem precedidos pelo seu complemento; adjuntos podem ser adjungidos à direita ou à esquerda do núcleo, a escolha vai depender de cada língua. Para Kayne, essa flexibilidade não é aleatória e, por isso, ele cria o LCA que estipula que a ordem dos constituintes é fixa: especificador-núcleo-complemento.

Para estipular essa ordem fixa Kayne utiliza o conceito de c-comando assimétrico: X c-comanda Y se e somente se X e Y são categorias e X exclui Y, e toda categoria que domina X domina Y.



Pela definição de c-comando, há c-comando assimétrico entre M e R, pois M é uma categoria que exclui P e R. Porém, não há c-comando assimétrico entre P e Q tendo em vista que P não é uma categoria, mas sim um segmento de P. Dessa forma, um sintagma adjungido à esquerda comanda assimetricamente o nóculo dominado pela categoria a qual está adjungida, garantindo assim, a ordem linear. Para as línguas que não apresentam o parâmetro SVO o movimento deve ser aplicado a fim de garantir a relação núcleo-complemento.

A hipótese complemento de D serviu de base teórica para duas análises das relativas do PB: Áreas (2002) e Kato & Nunes (2006).

3.1 A ANÁLISE DE AREAS (2002)

Areas (2002) assume o modelo de complemento de D proposto por Kayne (1994). Nesse modelo as sentenças relativas estruturadas com o complementizador *that* ou vazio (OP) assumem uma derivação diferente das relativas com pronome relativo *Wh*:

(33) a. The house (that) I painted.

a'. $[_{DP} [_{D'} \text{the} [_{CP} [_{NP} \text{house}]_i] [_{C'} (\text{that}) \text{I painted } ec_i]]]$.

a''. A casa que eu pintei.

(34) a. The house which I painted.

a'. $[_{DP} [_{D'} \text{the} [_{CP} [_{DPrel} [_{NP} \text{house}]_k] [_{D'rel} \text{which } ec_k]]_i] [_{C'} \text{I painted } ec_i]]]$.

a''. A casa a qual/que eu pintei.

b. The chair on which he was sitting.

b'. $[_{DP} [_{D'} \text{the} [_{CP} [_{PP} [_{NP} \text{chair}] \text{on} [_{DPrel} \text{which } ec_k]]]_i] [_{C'} \text{he was sitting } ec_i]]]$.

b''. A cadeira na qual ele estava sentado.

Em (33), em que a relativização ocorre com o complementador *that* ou vazio, o núcleo nominal se alça diretamente da posição interna ao IP para SpecCP. Em (34 a-b), em que a relativização ocorre com o pronome relativo, todo o DP_{rel} se alça para SpecCP e, posteriormente, o NP se move para SpecDP_{rel}.

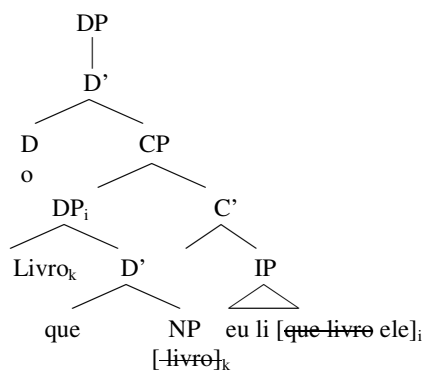
Areas analisa as relativas do PB separando-as em dois grupos: relativas DP e relativas PP.

3.1.1 Relativização de DP com Pronome Relativo *que*

(35) a. O livro que eu li.

b. [DP O [CP livro]_k [DP que livro]_k]_i [IP eu li [DP que livro]_i].

c.



A derivação de relativas com pronome *Wh* sofre dois movimentos e dois apagamentos:

(i) O complexo relativo [que livro]_i é copiado no SpecCP e conseqüentemente sua cópia é apagada na posição argumental;

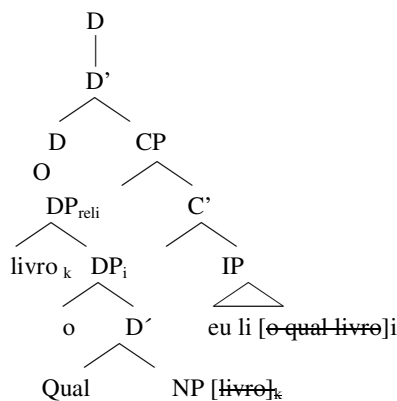
(ii) O núcleo nominal [livro]_k é copiado no SpecDP_{rel} e conseqüentemente há o apagamento de sua cópia.

3.1.2 Relativização de DP com Pronome Relativo complexo

(36) a. O livro o qual eu li.

b. $[_{DP} O [_{CP} livro_k [_{DP} o\ qual\ livro_k]_i] [_{IP} eu\ li\ [_{e\ qual\ livro}]]_i]$.

c.



A derivação de relativas com a presença de um operador relativo do tipo *Wh* complexo também apresenta dois movimentos e dois apagamentos. Porém aqui, a derivação é mais complexa por causa da presença de um artigo que precede o núcleo relativo:

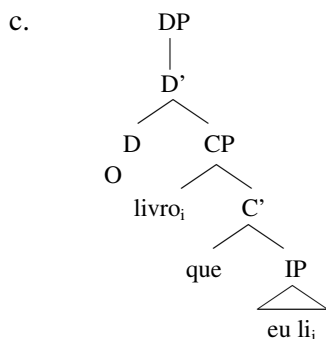
(i) O complexo relativo $[o\ qual\ livro]_i$ é copiado no SpecCP e conseqüentemente sua cópia é apagada na posição argumental.

(ii) O NP é copiado no SpecDP_{rel}, porém, em posição de adjunção à esquerda do DP_{rel}, isso porque nesta posição não ocorre a violação do princípio LCA.

3.1.3 Relativização de DP com Complementizador *que*

(37) a. O livro que eu li.

b. $[_{DP} O [_{CP} livro_i] [_{C} que [_{IP} eu\ li\ [_{NP} livro_i]]]]$.



A relativização do DP nessa sentença apresenta a seguinte derivação:

(i) Cópia do DP [*livro*] no SpecCP;

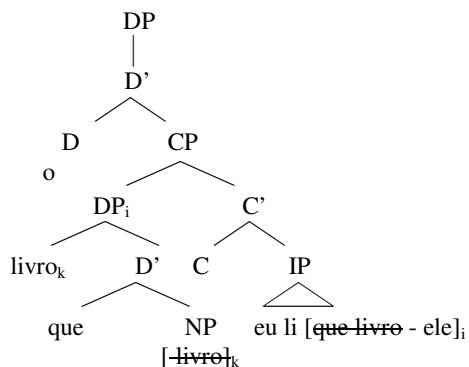
(ii) Apagamento da cópia do DP que ocupa a posição mais baixa da cadeia formada.

3.1.4 Relativização de DP com pronome relativo e resumptivo

(38) a. O livro que eu li ele.

b. $[_{DP} O [_{CP} [_{livro}]_k [_{DP} que \text{ livro } t_k]_i] [_{IP} eu \text{ li } [_{DP} que \text{ livro} - \text{ele}]_{t_i}]]$.

c.



Áreas (2002) traz evidências de que o pronome resumptivo apresenta os mesmos traços de concordância do núcleo nominal relativizado. Esse autor segue Chomsky (1995, p. 71) em afirmar que há movimento em todas as relativas e, segue Kayne (1994, p. 165), ao afirmar que a estrutura de uma relativa resumptiva deve ser idêntica à de uma relativa padrão e que não

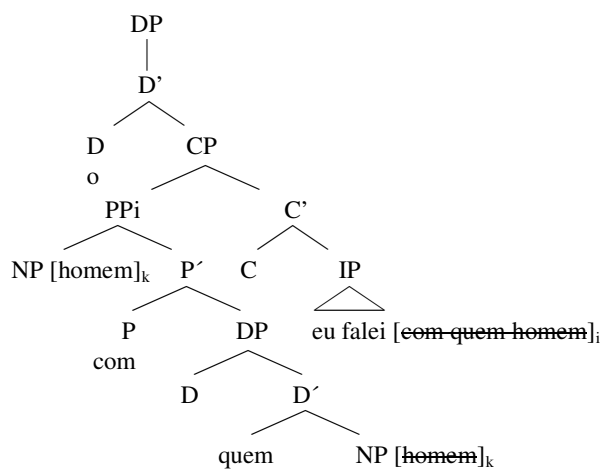
competem ao LCA determinar se a posição SpecCP é preenchida por um constituinte gerado na base, ou copiado.

Assim, a derivação das relativas resumptivas DP seria a seguinte:

- (i) Cópia do DP_{rel} [*que livro*] no SpecCP;
- (ii) Cópia do NP [*livro*] no Spec DP_{rel} ; apagamento desse NP na posição de complemento de D_{rel} .
- (iii) Apagamento parcial da cópia do DP que ocupa a posição mais baixa da cadeia (os traços de concordância do DP são preservados, o que explica a realização do resumptivo).

3.1.5 Relativização de PP com pronome relativo

- (39) a. O homem com quem eu falei.
 b. [DP O [CP [NP homem_k] [PP COM [DP quem homem_k]_i] [IP eu falei [PP com quem homem_i]]]].
 c.



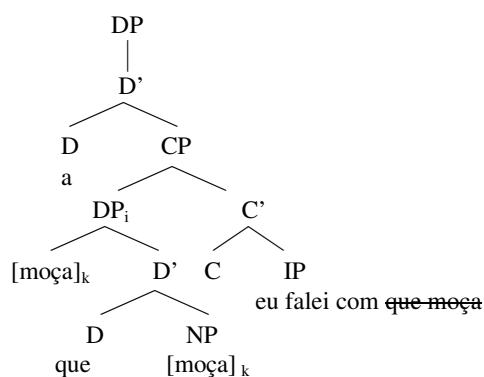
Essa relativa apresenta a seguinte derivação:

- (i) Cópia do núcleo [*com*] que seleciona como argumento um DP_{rel} [*quem homem*] para a posição SpecCP. Apagamento da cópia mais baixa.

- (ii) Cópia do NP [*homem*] no SpecP_{rel} PP. Apagamento desse NP na posição de complemento de D_{rel}.

3.1.6 Relativização de PP com pronome relativo e resumptivo

- (40) a. A moça que eu falei com ela.
 b. [DP a [CP moça_k [D que [NP ~~moça~~_k]_i] [IP eu falei [PP com ~~que moça~~ – ela] t_i]].
 c.

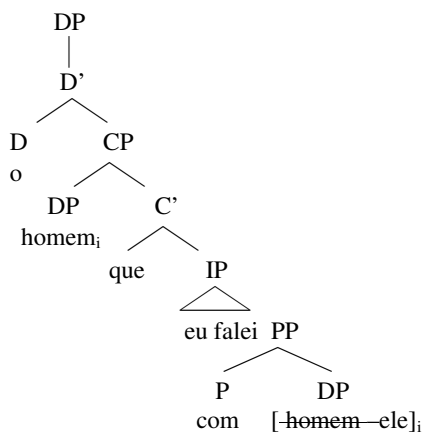


A derivação dessa relativa resumptiva envolve os seguintes passos:

- (i) Cópia do DP relativo dominado pela preposição [*que moça*], no SpecCP; posterior cópia do NP [*moça*], complemento D_{rel} no SpecDP.
 (ii) Apagamento parcial da cópia do DP que ocupa a posição mais baixa da cadeia formada (os traços de concordância do DP são preservados [*ela*], o que implica a realização da preposição [*com*], na qual também se manifestam tais traços de concordância).

3.1.7 Relativização de PP com complementador e resumptivo

- (41) a. O homem que eu falei com ele.
 b. [O homem_k [que ~~homem~~_k]_i eu falei com ele ~~homem~~_{t_i}].
 c.



A derivação para essa sentença segue os seguintes passos:

(i) Cópia do DP [*homem*] no SpecCP.

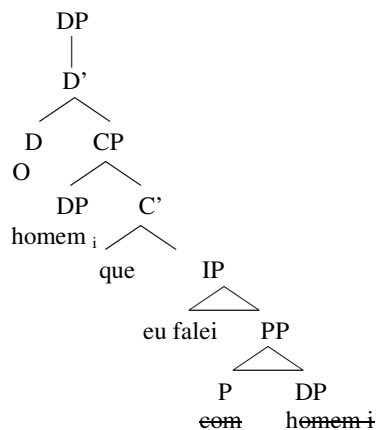
(ii) Apagamento parcial da cópia do DP que ocupa a posição mais baixa da cadeia formada (aqui também, os traços de concordância do DP são preservados, o que implica a realização da preposição [*com*], na qual também se manifestam tais traços de concordância).

3.1.8 Relativização de PP cortadora com complementador

(42) a O homem que eu falei.

b. [O [*homem*]_i que eu falei [~~com~~ [~~*homem*~~]_i]].

c.



Para a análise de relativas cortadoras, Áreas (2002) toma por base os trabalhos de Salles (1997) que defende a hipótese da relação simétrica entre preposições e determinantes.

Segundo Salles, a contração D+P é bastante frequente: se D é um artigo definido, então a contração [P+D] é obrigatória como mostra a sentença (43a):

- (43) a. A maior necessidade [PP [P+D da [NP criança é brincar]]].
 b. A necessidade [PP [P de [CP [DP a criança brincar é natural]]]].

Em (43a), P incorpora os traços de concordância de D formando o núcleo complexo [P+D *da*]. Após incorporar os traços, P se comporta como uma espécie de preposição flexionada – diferentemente do que ocorre em inglês, em que preposição e artigo não manifestam traços de concordância e constituem unidades sintáticas distintas e relativamente independentes.

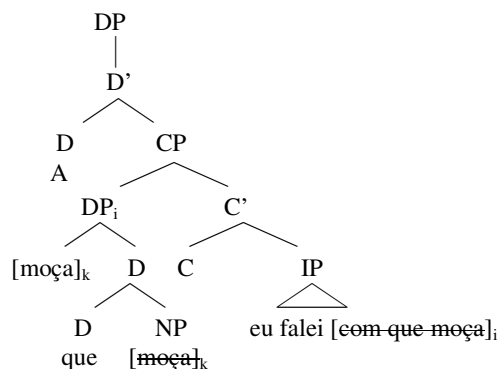
Segundo Áreas, na derivação dessa relativa se o DP na base é uma lacuna, P é fonologicamente implícita; por outro, se o DP na base é um resumptivo, P é fonologicamente realizada. Quando os traços do DP são apagados em sua posição de base, a preposição *in situ* também deve ser omitida, já que certos traços constituintes desse DP são também manifestados em PP. Da mesma forma, se os traços de concordância são preservados na base do DP relativo (resumptivo), então a preposição *in situ* deve ser realizada, porque ela precisa dos tais traços de concordância.

Assim, a relativização da sentença relativa em (42) apresenta a seguinte derivação:

- (i) Cópia do DP [*homem*] no SpecCP.
 (ii) Apagamento da cópia do DP mais baixo e da preposição.

3.1.9 Estratégia Relativa PP Cortadora com Relativo

- (44) a. A moça que eu falei.
 b. [DP a [CP moça]_k [D que [NP ~~moça~~]_i [IP eu falei [PP ~~com~~ [DP ~~que moça~~]_i]]]]].



Seguindo a mesma linha de raciocínio, a derivação da sentença relativa em (44) envolve dois movimentos:

- (i) cópia do DP relativo [*que moça*] no SpecCP; posterior cópia do NP [*moça*], complemento D_{rel} no SpecDP.
- (ii) Apagamento da cópia do DP que ocupa a posição mais baixa da cadeia formada. Apagamento da preposição *in situ*, já que certos traços constituintes desse DP são também manifestados em PP.

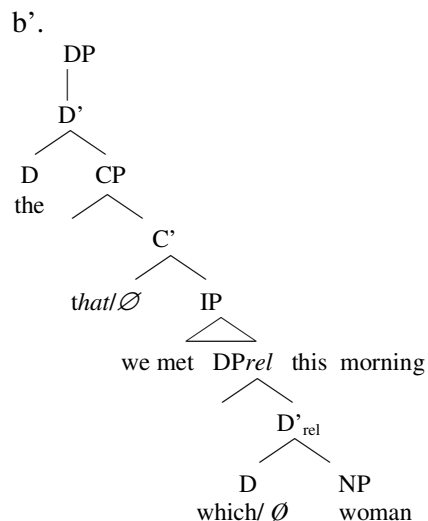
Essa proposta de derivação para as relativas sofreu várias críticas. Uma delas vem de Borsley (1997, p.622-3) que, apoiado em Abney (1987), propõe que, nas sentenças restritivas do inglês, a estrutura do operador relativo seja a mesma para as três formas de relativização:

- (45) a. *Do you know the woman [who/that/ Ø] we met ec; this morning?*
a'. Você conhece a mulher que nós encontramos esta manhã?

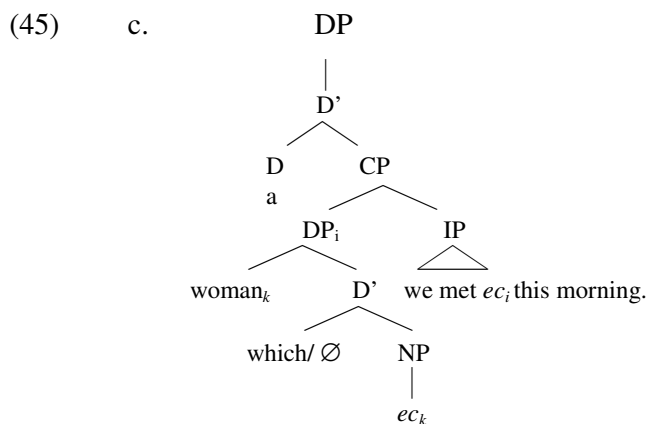
Com base em testes (ligação, controle de PRO, licenciamento *parasit gap* pela variável, marcação de Caso e ilhas fracas) o autor argumenta que a categoria vazia dentro da sentença relativa é um argumento e argumentos são DPs. Dessa forma, o traço deixado pelo movimento atua como uma variável. Além disso, o elemento movido das relativas com a forma *that* ou vazio, comporta-se como um DP e não como um NP, sem determinante.

A partir dessas postulações, De Vries (2002, p.114) e Bianchi (1999 retomado em BIANCHI 2002a, p, 201) propõem que o núcleo nominal seja sempre gerado como um DP e, apresenta um morfema relativo na posição do núcleo do determinante, resultando em uma única estrutura para as três formas de relativização:

- (45) b. $[_{DP} [_{D'} \text{ the } [_{CP} [_{DP_{rel}} [_{NP} \text{ woman}]_k [_{D'}_{rel} (\text{which}) \text{ ec}_k]]_i [_{CP} C' (\text{that}) \text{ we met this morning } \text{ec}_i]]]]]$.



A derivação dessas estruturas sempre envolve o movimento do DP relativo (*Wh* + NP) ou (PP + *Wh* + NP). Esse pronome relativo é gerado em uma posição no domínio do IP e se move para a periferia esquerda da relativa mesmo que esteja fonologicamente implícito.



Independente do item lexical que introduz a relativa, o núcleo nominal se origina como complemento do determinante relativo, mas após o alçamento de toda estrutura DP para SpecCP, o núcleo se move para fora do domínio de c-comando do núcleo do D_{rel} a fim de ser governado pelo núcleo do D_{ext} .

Na hipótese complemento de D, assume-se que o movimento do DP e PP seja desencadeado pelo critério relativo. Nessa perspectiva, o DP_{rel} e o núcleo C da sentença relativa são envolvidos com um traço [+rel] e precisam ser relacionados entre si pela concordância spec/núcleo. Para o movimento do PP, assume-se que o PP herda o traço [+rel] do núcleo D_{rel} que ele domina. Em outras palavras, a característica da posição de pouso do elemento movido pode ser expressa pela generalização do critério *Wh*: um constituinte

envolvido com traços [+F] alcança o especificador do núcleo Comp envolvido com o mesmo traço, assim as duas categorias podem estabelecer uma relação de concordância.

De acordo com Bianchi (1999), a abordagem do alçamento de todo o DP relativo traz dois problemas: o primeiro problema diz respeito ao fato de o núcleo nominal estar relacionado a dois determinantes distintos, ou seja, o núcleo nominal origina-se como complemento do D_{rel} , mas se move para fora do domínio desse núcleo e, em FL, é interpretado como uma parte do termo restritivo do D_{ext} . Essa dupla relação parece constituir uma violação do Princípio da Interpretação Plena²⁷ em, conforme Chomsky (1991). Bianchi (1999, p.43-48) propõe, seguindo Height (1987²⁸, apud Heim, 1982²⁹), a hipótese de que o D_{rel} seja sintaticamente e semanticamente indefinido embora em algumas línguas esse pronome tenha uma morfologia definida:

- (46) a. *The men_i that there were t_i in the garden were all diplomats.*
 b. **There were the men in the garden.*
 a. Os homens que havia no jardim eram todos diplomatas.

As sentenças em (46), mostram que o DP definido *the men* não pode ser gerado como argumento de um verbo existencial (dito indefinido) como em (46b), porém se esse DP for selecionado por um determinante relativo a sentença torna-se bem formada.

O segundo problema apontado pela autora, diz respeito à relação sintática entre o D_{ext} e o núcleo nominal: esses dois elementos não são ligados por uma relação usual de complementação, embora eles mantenham uma relação quanto aos traços de concordância (ϕ). Bianchi segue Chomsky (1993; 1995), e assume que o movimento visível é sempre motivado por um requerimento morfológico de checagem de traço forte. A hipótese mais aceita é a de que o traço forte a ser checado pertença ao D_{ext} , isso porque o D_{ext} também carrega traços de concordância que tem que ser checado com uma categoria [+N]. Como esses traços nominais

²⁷Princípio de interpretação plena: impede que uma derivação cujo output contenha traços não interpretáveis em FL convirja.

²⁸ Reinhart, T. 1987. Specifier and Operator Binding, in E. Reuland and A. ter Meulen, eds., The representation of Indefiniteness, 98-129, MIT Press, Cambridge, Massachusetts.

²⁹Na teoria de Heim, extraído de Reinhart (1987), um determinante indefinido não é uma função mapeando um NP em um quantificador generalizado, mas, ao invés disso, uma expressão de cardinalidade predicada do conjunto denotado pelo núcleo nominal. Todo o DP indefinido seria então uma categoria predicativa a ser vinculado por um operador externo.

não podem ser checados com o complemento CP, eles desencadeiam o alçamento do NP para uma posição governada pelo D° ext.

De acordo com Bianchi, essa proposta de derivação traz dois problemas em relação à teoria de checagem: o primeiro problema é apontado por Chomsky (1993) que assinala que a checagem somente pode tomar lugar entre um núcleo e uma categoria dentro de seu domínio (incluindo os especificadores e as categorias adjungidas ao núcleo); por essa razão, um movimento visível deve parar em uma posição que pertença a um domínio de checagem do núcleo desencadeador. O que não ocorre com o alçamento do DP relativo em SpecCP, pelo fato de o núcleo nominal não estar no domínio do D_{rel}. O outro problema é que, no sistema de Kayne não há distinção entre a posição do especificador da posição de adjunto.

A autora analisa esse problema com base em duas abordagens distintas de localidade: Chomsky (1986) e Manzini (1994):

a) Para Chomsky³⁰ (1986 apud BIANCHI 1999, p. 56) a distinção entre essas duas posições está no fato de que o especificador de um XP é dominado por toda a categoria XP, enquanto o adjunto é dominado somente por um segmento de XP. Assim, toda a categoria, mas não o segmento é qualificada como uma barreira para subjacência, por essa razão, se XP é uma barreira, seu especificador está incluído nele, mas não um adjunto.

Desde que, para Kayne, a posição de especificador e adjunto não sejam distinguidas, é preciso determinar se um segmento pode ser qualificado como uma barreira para o especificador que ele domina. Se um segmento pode ser qualificado como uma barreira, o Spec tem o mesmo *status*, tal como no sistema de barreira. Se não pode ser qualificado como barreira, então a posição de Spec é uma “porta de fuga” de qualquer barreira, e isto traz problemas para análise de ilhas fortes.

Manzini (1994) formula a condição de localidade baseada na modificação da noção de domínio mínimo de um núcleo, proposto primeiramente por Chomsky (1993)³¹:

(47) O domínio mínimo de um núcleo X (incluindo X), inclui todos os elementos que são imediatamente (e não imediatamente) dominados por uma projeção de X.

A relação de dominação envolve categorias e não segmentos: o domínio mínimo de um núcleo (H) inclui seus complementos e, recursivamente, todos os sintagmas adjungidos a

³⁰ CHOMSKY, N. (1986) *Knowledge of Language. Its Nature, Origin, and Use*. New York: Praeger.

³¹ CHOMSKY, N. (1993) A minimalist program for linguistic theory, in K. HALE and S. J. KEYSER (eds) *The View from Building 20*, 1–52. Cambridge, MA: The MIT Press.

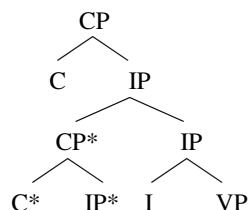
alguns membros presentes no domínio: Spec do complemento, Spec do Spec do complemento etc.. Porém o Spec do núcleo não é incluído no domínio mínimo de H, mas, no domínio mínimo do núcleo imediatamente acima. Então a relação Spec-núcleo envolve duas posições pertencentes a dois domínios mínimos distintos, mas adjacentes.

A condição de localidade³² explorada por Manzini não é formulada em termos usuais de vinculação de cadeia, mas em termos de dependências entre um núcleo relacionado a outro núcleo por uma relação elementar: complementação ou checagem. O vestígio está incluído no domínio mínimo do núcleo mais baixo da dependência, e o antecedente está incluído no núcleo mais alto.

Bianchi analisa as sentenças relativas abaixo com base na condição de localidade proposta por Manzini (1994):

(48) a. A vizinha [_{CP} que eu vi [a casa [_{CP} que *ec/ela vendeu]]].

b.

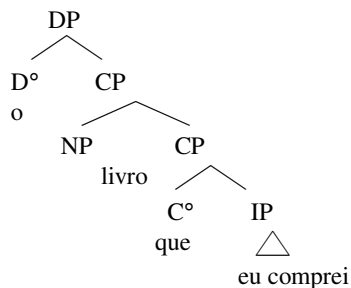


O sujeito CP* adjungido ao IP cai no domínio mínimo do núcleo C, mas o núcleo C* da sentença sujeito não tem nenhuma relação (complementação ou checagem) com o núcleo C; por essa razão, a dependência incluindo C* e C não é licenciada, e a extração de qualquer constituinte do sujeito CP é impossibilitada.

(49) a. O livro que eu comprei.

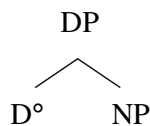
b.

³² (i) O domínio mínimo (Y) é superior ao domínio mínimo de (X) sse todas as categorias que dominam (Y) dominam (X);
(ii) (Y) é imediatamente superior a (X) sse (Y) é superior a (X) e não existe nenhum (Z) tal que (Z) é superior a (X) e (Y) é superior a (Z);
(iii) Vamos considerar que (X_i) seja o domínio mínimo ao qual A_i pertença. (A₁, ..., A_n) é uma dependência somente se para todo i, (X_i) é imediatamente superior a (X_{i+1}).

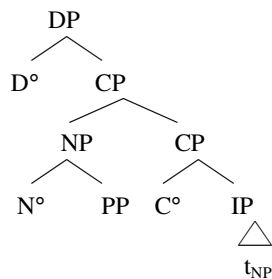


A definição de Manzini em (47) acima, implica que o núcleo nominal em Spec do CP relativo cai no domínio mínimo do D°_{ext} . Esta é uma relação sintática estritamente local correspondendo à noção tradicional de regência de núcleo. A este respeito, a relação entre D°_{ext} e o núcleo nominal pode ser semelhante a uma relação entre D° e NP em uma estrutura simples como:

(50)



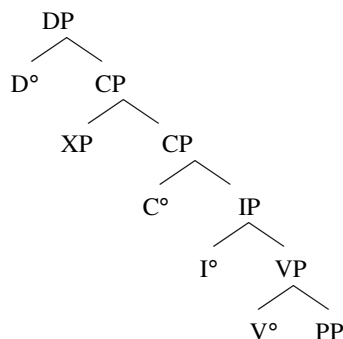
- (51) a. É [**di** questo mosaico]_i che abbiamo ritrovato [_{DP} il [tassello t_i]_j [**che** t_j mancava]].
 a'. Nós encontramos [o pedaço deste azulejo] que faltava.
 a''. É deste azulejo que nós encontramos o pedaço que faltava.



O constituinte alçado para SpecCP cai no domínio mínimo do D_{ext} ; o PP ao ser extraído pertence ao domínio mínimo do núcleo N° . O núcleo D° está imediatamente acima do núcleo N° e, os dois núcleos estão relacionados por uma dependência bem formada, então a extração de PP satisfaz a condição de localidade.

- (52) a. *É [**da** questo mosaico]_i che abbiamo ritrovato [_{DP} il [tassello]_j [**che** t_j mancava t_i]].
 a. Nós encontramos [o pedaço que faltava [deste azulejo]].

a'. É deste azulejo que nós encontramos o pedaço que faltava.



A sentença acima apresenta o efeito forte de ilha em que o PP é extraído de uma posição subordinada dentro do VP da sentença relativa: a relação de complementação cria uma dependência bem formada entre V°, I° e C°, que corresponde a criação de uma projeção estendida no sentido de Grimshaw (1975³³/1991). Se essa dependência é bem formada, então a agramaticalidade de (52a) deve vir da relação entre C° e o D°. Observe que embora exista uma relação de complementação, os traços categoriais do D°_{ext} não são combatíveis com os traços de C°, por isso DP_{ext} não é qualificado como uma projeção estendida de CP. Além disso, o D°_{ext} e o C° não são associados por uma relação temática ou de caso. Por essa razão, vamos assumir que a relação sintática entre o D°_{ext} e C° não é suficiente para estender a dependência terminando, assim, no V°: isto deriva a ilha forte do CP relativo.

O que Bianchi defende aqui é que, a identificação da posição de especificador e de adjunção é problemática para a teoria de localidade baseada na noção de barreira; a análise das estruturas da abordagem de Manzini, que elimina os vestígios intermediários em favor da relação de dependência spec-núcleo, permite o resultado desejado de uma forma mais natural.

Para Bianchi, a derivação adotada por Kayne (1994) em (53 a-b) abaixo, condiz com a condição de localidade proposta por Manzini (1994): não há nenhum núcleo interveniente entre as duas categorias, assim a minimalidade relativizada é respeitada. O núcleo nominal cai no domínio mínimo do determinante D_{ext}, pois ele é dominado somente por dois segmentos: em (53a), um segmento de DP e um segmento de CP; em (53b) um segmento de PP e um segmento de CP.

³³ GRIMSHAW, J. B. (1975) Evidence for relativization by deletion in Chaucerian Middle English. *Northeastern. Linguistic Society* 5, 216–24.

- (53) a. $[_{DP} \text{the}[_{CP}[_{DP}[_{NP} \text{boy}] [_{DPrel} \text{who } t_{NP}]]]_i [_{CP} C^\circ[_{IP} \text{I met } ec_i]]]$
 b. $[_{DP} \text{the}[_{CP}[_{PP}[_{NP} \text{chair}][\text{on } [_{DPrel} \text{which } t_{NP}]]]]_i [_{CP} C^\circ [_{IP} \text{I met } ec_i]]]$

Bianchi (1999, p.79) adota uma análise consistente com a abordagem minimalista de Chomsky (1993,1995³⁴) para mostrar a relação dos traços de concordância entre o D_{ext} e NP: a concordância morfológica de um determinante nominal corresponde a um núcleo Agr_D selecionando um NP como (54) tal como ocorre a uma estrutura em que um núcleo C° seleciona um Agr de uma sentença:

- (54) a. $[_{DP} D^\circ[_{AgrP} Agr_D NP]]$
 b. $[_{DP} D^\circ[_{AgrP} NP[Agr_D t_{NP}]]]$
 c. $[_{DP} Agr_D +D^\circ[_{AgrP} NP[t_{Agr} t_{NP}]]]$

Nessa derivação é o Agr_D que carrega os traços nominais fortes, a checagem desses traços pode ocorrer em sintaxe aberta pelo movimento do NP complemento para $SpecAgr_D$ (534b). Como Agr_D é um afixo, ele se incorpora ao D° permitindo um determinante flexionado.

De forma semelhante pode ser assumido que no alçamento todo o DP relativo e o CP sejam selecionados pelo Agr_D . O núcleo nominal é extraído da posição de complemento do núcleo relativo para entrar em domínio de checagem do Agr_D externo. Assim a derivação de (53) acima ficaria (53') abaixo:

- (53') $[_{DP} Agr_{Dj} +\text{the}[_{AgrP} \text{boy}] [ec_j]_k [_{CP} [_{DP} DPrel \text{who } ec_k]]]_i [_{CP} C^\circ[_{IP} \text{I met } t_i]]]$

Bianchi analisa as relativas com base na estrutura 'Split COMP' (Rizzi (1995), estrutura essa que contém várias projeções funcionais. Em particular a projeção de Tópico e a projeção de Foco, ambas abaixo do CP:

- (55) a. The dissertation that I wrote
 b. $[_{DP} \text{the} [_{CP} \text{dissertation}_i [_{C} \text{that} [_{IP} \text{I wrote } ec_i]]]]$
- (56) a. The dissertation which I wrote.
 b. $[_{DP} \text{the} [_{CP} \text{dissertation }_k [_{C} [_{TopP} [_{DPrel} \text{which } ec_k]]]_i [_{Top} [_{IP} \text{I wrote } ec_i]]]]]$

³⁴ CHOMSKY, N. (1995) **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: The MIT Press.

- (57) a. The dissertation I wrote
 b. $[_{DP} \text{the}_{[TopP} \text{dissertation}_i [_{Top} [[_{IP} \text{I wrote } ec_i]]]]]]$

Na relativa em (56), o núcleo C° está sintaticamente presente, embora implícito na PF. De forma similar, em (55) e (57), o D_{rel} está sintaticamente presente, mas implícito na PF. O apagamento em ambos os núcleos é derivado do princípio de economia na representação fonética: apagamento, em PF, dos núcleos funcionais sob condições sintáticas específicas, tais como: a condição de licenciamento proposto para os núcleos D°_{rel} e C° (incorporação ao D_{ext} que é pronunciado como uma estratégia de último recurso quando a condição de licenciamento não pode ser satisfeita).

Nas estruturas com *pied piping* o núcleo relativo é impedido de incorporar ao D_{ext} por causa da intervenção da preposição *e*, por isso, é obrigatoriamente pronunciado:

- (58) a. Il modo in cui agiva.
 b. $[_{DP} \text{il}_{[CP} [_{PP} [_{NP} \text{modo}]_k [_{PPin} [_{D} \text{cui } ec_k]]]_i [_{C} [_{IP} \text{pro agiva } ec_{ppi}]]]]]$
 a'. O modo como ele estava agindo.

Em suma, de acordo com a autora, a ausência do complementizador em (57), não é obrigação para o seu apagamento na representação PF, mas preferencialmente para a sua omissão do nível CP. Na relativa *that*, DP_{rel} se torna alvo da relativização em SpecCP, mas nas relativas zero ele se torna alvo no Spec de uma projeção mais baixa, cujo núcleo é foneticamente nulo, ou seja, uma projeção de Tópico. Esta proposta implica que a área *COMP* do inglês tem duas posições possíveis para a relativização: SpecCP e SpecTópP. Na relativas *that* (55) e na relativa zero (57), os núcleos D_{rel} em SpecCP e SpecTopP, respectivamente, incorporam ao núcleo do D_{ext} . Nas relativas *Wh* (56), de forma contrária, o núcleo D_{rel} não está suficientemente próximo ao núcleo do D_{ext} para que possa incorporar ao D_{ext} ; com isso o apagamento na PF não é licenciada, sendo obrigatoriamente pronunciado. Nessa estrutura, a incorporação do núcleo C° é possível, portanto seu apagamento é obrigatório em decorrência do princípio de economia na PF.

3.2 ANÁLISE DE KATO E NUNES (2006)³⁵

Kato e Nunes iniciam a análise das relativas do PB propondo que a relativa com o constituinte *que* como em (59) tenha o mesmo estatuto da relativa *which* do inglês em (59b) apresentada por Bianchi em (56), ou seja, um CP relativo com um complementador nulo:

- (59) a. A [dissertação **que** eu escrevi **ec**].
 b. The [dissertation **which** I wrote **ec**].

Na relativa em (59), o *que* é gerado na função de objeto direto como um determinante relativo que seleciona como seu complemento o núcleo nominal *dissertação* e todo o DP_{rel} [*que dissertação*] é movido para a periferia esquerda da relativa.

Para postular essa hipótese os autores partem de três evidências: a primeira evidência é que no PB o *que* tem a mesma forma do complementador declarativo (60a) e do determinante *wh*-interrogativo (60b):

- (60) a. Ele disse que ela saiu.
 b. Que quadro ela viu?

Se o *que* em (59) é um determinante *wh* relativo ele é formalmente e funcionalmente distinto do *wh*-interrogativo de (60b): como determinante relativo, o *que* é envolvido com traços N-forte desencadeando o movimento de seu complemento NP, o que não acontece com o determinante interrogativo.

A segunda evidência para o *que* relativo é que, no PB, o demonstrativo *este* tal como todos os demonstrativos precede seu complemento NP:

- (61) a. Ele comprou este livro/ *livro este.
 b. Ele comprou esta revista/*revista esta.

³⁵ Esse estudo é uma ampliação de trabalhos apresentadas primeiramente em II Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (Kato & Nunes 1997) e *Eighth Colloquium on Generative Grammar* (Kato & Nunes 1998).

Por outro lado, esses demonstrativos podem ser usados como pronome relativo em sentenças como (62), nas quais eles não podem preceder seu complemento NP:

(62) Ele sempre cita um livro, [livro este que] *[este livro que] na verdade não existe.

A estrutura [livro este que] evidencia que, além do *que*, demonstrativos como *este* também podem ser ambíguos e, em alguns contextos, podem ser especificados como determinante relativo desencadeando movimento explícito do NP complemento.

A terceira evidência para o pronome relativo *que* exposta pelos autores, é o contraste nas línguas românicas entre o pronome interrogativo (63) e o pronome relativo (63) associado com traços [+humano]:

(63) a. Quem viu o professor?
 b. Quem o professor viu?
 c. Com quem o professor conversou?

(64) a. *A pessoa quem viu o professor.
 b. *A pessoa quem o professor viu.
 c. A pessoa com quem o professor conversou.

As sentenças em (64) demonstram que o *quem* relativo é especificado para ser oblíquo, portanto, pode ser somente complemento de uma preposição, diferentemente do que ocorre com o interrogativo em (63).

Para explicar as especificidades do *quem*, os autores retomam Kayne (1994), que, com base em Giuliana Giusti, mostra que o pronome *which* é pronunciado como *who* no percurso da derivação quando ele está sob concordância especificador-núcleo com um NP [+humano]. Nessa situação o núcleo nominal se adjunge ao DP_{rel}:

(65) [DP [D' the [CP [DP_{rel} [NP man]_k [D' *rel* which *ec*_k]]_i [CP_C [IP Bill saw *ec*_i]]]].

No sistema de kayne a projeção máxima permite somente um adjunto em Spec, por isso, o NP movido de (65) não pode se adjungir ao CP tendo em vista que esta posição já está ocupada com o D_{rel}. Dessa forma, ele se adjunge ao D_{rel} adjungido ao CP.

Esse contraste envolvendo o pronome relativo *quem* com traços [+ humano] do PB pode ser encontrado também no italiano e no francês:

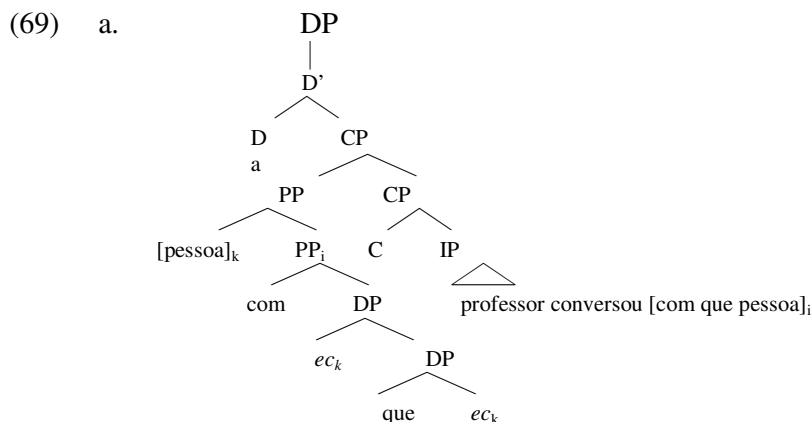
- (66) a. *La persona cui Bill há visto.
 b. *La personne qui Bill a vue.
- (67) a. La persona con cui Bill ha parlato.
 b. La personne avec qui Bill a parlé

A agramaticalidade das sentenças em (66), decorre do fato de que não existem posições suficientes para acomodar o pronome relativo e o núcleo relativizado.

Ainda para Kayne, o contraste entre as sentenças (66) e (67), pode ser explicado em termos de licenciamento de adjunção: o *who* licencia adjunção de seu complemento NP, mas *cui* e *qui* não licenciam essa adjunção³⁶. Isso justificaria o fato de sentenças nas línguas românicas, como em (67), terem uma posição a mais para o alçamento do NP relativizado.

Ao assumir que as relativas no PB são realmente relativas *which* o fenômeno em (64), reescrito em (69) passa a ser analisado em termos de *que-to-qui* do francês (68):

- (68) a. *Quelle étudiante a jean dit qui/*que viendra?*
 b. [[quelle étudiante]_i a Jean dit [_{CP} *ec*_i [que [_{IP} *ec*_i viendra *ec*_i]]]].
 a.' Que estudante a Jane disse que virá?



³⁶ A gramaticalidade de (65) contrastando com a agramaticalidade de (66), de acordo com (Alexiadou, Law, Meinunnnger e Wilder (2000 apud NUNES & KATO, 2006), só pode ser explicada se o CP não for dividido (em termos de Rizzi (1997)). Se o CP fosse realmente dividido entre várias projeções máximas, projeções acima da projeção que hospeda o *wh* adjungido poderia, em princípio, hospedar o NP relativizado.

- b. A pessoa com que o professor conversou.
- c. A pessoa com quem o professor conversou.

Na estrutura em (69), o núcleo nominal *pessoa* adjuge-se ao DP, cujo núcleo é o determinante relativo invariável *que*. Antes de chegar em SpecPP, o NP deixa um traço em SpecDP. A configuração em (69a) se assemelha à configuração *que-to-qui* de (68): as duas estruturas têm um núcleo funcional envolvido por traços decorrentes do movimento de *qui* e *quem* respectivamente, sugerindo, com isso, a mesma linha de análise para os dois pronomes.

Kato & Nunes (2006, p.11) assumem o modelo de Manzini (1994) proposto por Bianchi (1999), no qual na configuração de adjunção, o NP *pessoa* é somente contido (não dominado) pelo DP nucleado pelo *que* CP relativo. O NP *Pessoa* entra no domínio mínimo do determinante externo: se a relação de núcleo-complemento requer c-comando mútuo, sendo que c-comando é definido em termos de dominância, tal como no modelo padrão, não existe, então, nenhuma diferença substancial entre *a* e *pessoa* na configuração em (69) e na configuração canônica [DP_a[CP_{pessoa}]]. Nas duas configurações, o determinante e o NP estão em relação de c-comando, o que permite que eles estabeleçam relações sintáticas relevantes.

Ao assumirem essa análise do *que-to-qui* para o *quem*, os autores propõem que o *quem* interrogativo seja um item lexical de base. Já o *quem* relativo é um item lexical derivado, que é opcionalmente obtido no componente morfológico quando é envolvido por traços de um elemento [+ humano] ([t_[+hum] *que* t_[+hum]]), como é o caso em (69a).

Assim, a agramaticalidade das sentenças em (70) tem como causa a inexistência de traços [+humano] envolvendo *que*, impedindo que se superficialize como *quem*:

- (70) a. A pessoa que /*quem viu o professor.
 a'. [DP [D' the [CP [DP_{rel} [NP pessoa]_k [D'_{rel} que ec_k]]_i [CP_C[IP ec_i viu o professor]]]].
- b. A pessoa que/* quem o professor viu.
 b'. [DP [D' the [CP [DP_{rel} [NP pessoa]_k [D'_{rel} que ec_k]]_i [CP_C[IP o professor viu ec_i]]]].

Para as relativas com resumptivo e cortadoras Nunes e Kato (2006) retomam Kato (1993) e mostram que nas sentenças em (71) não pode haver movimento *Wh*:

- (71) a. [Esse livro]_i, eu entrevistei a pessoa que escreveu pro_i.

b.[Esse livro]_i, eu falei com um aluno que estava precisando *pro*_i ontem.

O fato de haver uma ilha entre *esse livro* e a categoria vazia evidencia o não movimento do DP *wh* para a esquerda; nessas condições a categoria vazia é um pronominal nulo.

Por outro lado, se o DP é explícito na posição em que é gerado, a preposição é obrigatória:

- (73) a. Um aluno estava precisando *(d) esse livro ontem.³⁷
 a'. Esse livro, o aluno estava precisando.
 b. A Maria riu *(d)o João.
 b'. O João, Maria riu *(dele)/ Do João, a Maria riu.

As sentenças acima evidenciam que, embora os verbos *precisar* e *rir* selecionam uma preposição *de* como seu complemento, somente o verbo *precisar* licencia resumptivo nulo em LD.

De acordo com os autores, a preposição *de* em (73a) é uma realização de caso inerente, em que ela se superficializa somente se o objeto está explícito; se o objeto for nulo ela não necessita ser explícita. Em outras palavras, o fato de a preposição nula ser determinada lexicalmente, é esperado que ela seja marcada com caso inerente na seleção temática.

A sentença em (74a) evidencia que a preposição não pode ocorrer em LD, mas sim na posição de base antecedendo o resumptivo. (74b) mostra que relativas com *pied piping* necessariamente envolvem movimento, por isso não podem co-ocorrer com resumptivo na base:

- (74) a. (*com) [a minha amiga]_i você falou com ela_i por telefone.
 b. *Esta é [a minha amiga]_i, com que_i/ quem_i você falou com ela_i por telefone.

³⁷ Embora os autores coloquem a sentença (73 a) como gramatical, alguns falantes do PB a consideram agramatical, ou seja, o DP pode ser explícito na posição em que é gerado sem a presença da preposição (Um aluno estava precisando esse livro ontem). Por outro lado, parece não ser possível esse apagamento na posição de base em sentenças como o verbo *gostar* :

- (i) Uma moça que estava gostando *(d) esse rapaz.
 (ii) Esse rapaz, a moça estava gostando *(ec) – dele.
 (iii) Desse rapaz, a moça estava gostando.

No caso de o *que* ser gerado em LD, a relativa é não padrão: não sofre efeito de ilha e não apresenta *pied piping*. Isso implica que a LD no PB permite relativas com pronome resumptivo explícito (75) ou pronome resumptivo nulo (76):

- (76) a. Eu tenho uma amiga que ela é muito engraçada.
 a'. Eu tenho [[uma amiga]_i [CP que_i[LD *ec*_i [IP ela_i é muito engraçada]]]].
 b. Este é o livro que o João sempre cita ele.
 b'. Este é [[o livro]_i [CP que_i[LD *ec*_i [IP João sempre cita ele_i]]]].
 c. Este é o livro que você vai precisar dele amanhã.
 c'. Este é [[o livro]_i [CP que_i[LD *ec*_i [IP João sempre cita ele_i]]]].
- (77) a. Este é o livro que eu entrevistei a pessoa que escreveu.
 a'. Este é [[o livro]_i [CP que_i[LD *ec*_i [IP eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*_i]]]].
 b. Este é o livro que você estava precisando.
 b'. Este é [[o livro]_i [CP que_i[LD *ec*_i [IP você estava precisando *pro*_i]]]].

Após essas postulações no que diz respeito ao item lexical que se apresenta da periferia esquerda da relativa e da característica da categoria vazia, Kato & Nunes (2006), assumem que nas relativas restritivas do PB o *que* é um determinante relativo. Assumem também que um DP nucleado por um determinante relativo pode ser gerado em LD. Dessa forma, no PB as relativas são motivadas por movimento do *Wh* (78) ou por *Wh* gerado em LD, desencadeando relativas resumptivas (79) e relativas cortadoras (80):

- (78) a. [DP [D'a [CP[DP_{rel}[NP pessoa]_k [D'rel que *ec*_k]]]_i [CPC[IP *ec*_i viu o professor]]]].
 b. [DP [D'a [CP[DP_{rel}[NP pessoa]_k [D'rel que *ec*_k]]]_i [CPC[IP o professor viu *ec*_i]]]].
 c. [DP [D'a [CP[PP[NP pessoa]_k [P'com [DP_{rel} *ec*_k [D'rel quem *ec*_k]]]_i [CPC[IP o professor conversou *ec*_i]]]].
- (79) a. Eu tenho uma amiga que ela é muito engraçada.
 a'. Eu tenho [DP[D'uma[CP[DP amiga_i [DP que *ec*_i]]]_k [CPC[LD *ec*_k [IP ela_i é muito engraçada]]]]].
 b. Este é o livro que o João sempre cita ele.
 b'. Este é [DP[D'o [CP[DP livro_i [DP que *ec*_i]]]_k [CPC[LD *ec*_k [IP João sempre cita ele_i]]]]].
 c. Este é o livro que você vai precisar dele amanhã.

c'. Este é $[_{DP}[_{D'}o [_{CP}[_{DP} \text{ livro}_i [_{DP} \text{ que } ec_i]]]_k [_{CP}C[_{LD} ec_k [_{IP} \text{ você vai precisar dele}_i \text{ amanhã}]]]]]]]$.

(80) a. Este é o livro que eu entrevistei a pessoa que escreveu.

a'. Este é $[_{DP}[_{D'}o [_{CP}[_{DP} \text{ livro}_i [_{DP} \text{ que } ec_i]]]_k [_{CP}C[_{LD} ec_k [_{IP} \text{ eu entrevistei a pessoa que escreveu } pro_i]]]]]]]$.

b. Este é o livro que você estava precisando.

b'. Este é $[_{DP}[_{D'}o [_{CP}[_{DP} \text{ livro}_i [_{DP} \text{ que } ec_i]]]_k [_{CP}[_{LD} ec_k [_{IP} \text{ você estava precisando } pro_i]]]]]]]$.

Mostramos nessa seção o modelo teórico que descreve as relativas NN como complemento de Determinante. Com base nesse modelo de descrição apresentamos as análises de Areas (2002) e Kato & Nunes (2006) para as relativas do PB.

Areas (2002) analisa as sentenças relativas NN do PB com base em Kayne (1994) em que sentenças relativas estruturadas com o complementizador *that* ou vazio (OP) assumem uma derivação diferente das relativas com pronome relativo *Wh*.

A análise de Kato & Nunes (2006) para essas relativas propõe que o constituinte *que* presente na periferia esquerda da relativa seja analisado como um pronome relativo. Segundo esses autores, a estrutura do CP das sentenças relativas do PB teria a mesma estrutura das relativas *Wh* (*which*) do inglês proposta por Bianchi (1999): o *que* seria um determinante relativo gerado no domínio do IP que seleciona como complemento um núcleo nominal.

Para esses autores, o PB apresenta dois tipos de relativas: uma em que o determinante relativo é gerado no domínio do IP e é movido para a periferia esquerda caracterizando, dessa forma as relativas padrão. No outro tipo de relativa, o determinante relativo é gerado em LD permitindo que, na posição relativizada, tenha a presença de uma anáfora pronominal (relativa resumptiva) ou que haja a elipse dessa anáfora (relativa cortadora).

4. FECHAMENTO DO CAPÍTULO DOIS

Iniciamos este capítulo caracterizando os três tipos de sentenças relativas NN do PB. Mostramos o modelo teórico de adjunção e o modelo teórico de complemento de D e as principais evidências de cada um desses modelos para a análise das relativas NN.

O modelo de adjunção propõe que o núcleo nominal seja gerado na base como complemento do determinante e que a relativa esteja em adjunção à direita desse núcleo nominal. No modelo de adjunção para as relativas NN do PB apresentamos a análise de Tarallo (1983) e Kato (1993). Na análise de Tarallo, o constituinte *que* na periferia esquerda da relativa tem a função de complementador com exceção da relativa com *pied piping* [PP+ *Wh*]. Kato, por sua vez, caracteriza esse constituinte de pronome relativo em todos os contextos.

Em relação ao constituinte resumptivo na posição relativizada, Tarallo denomina-o de uma anáfora pronominal co-referente do núcleo nominal da matriz, tal como ocorre nas posições de argumentos nas sentenças encaixadas não relativas; para Kato o resumptivo é co-referente de uma LD, adjunto do IP.

É consenso geral na literatura, que na relativa padrão, a categoria vazia na posição relativizada é uma variável originada pelo movimento do *Wh* para a periferia esquerda. Porém quando a preposição está ausente na relativa, Tarallo atribui essa categoria vazia à elipse pronominal (resumptivo) e posterior elipse da preposição. Já para Kato, essa categoria vazia é uma lacuna resultado de elipse do VP em FL mesmo que o verbo continue visível na PF por estar em INFL.

A categoria vazia na relativização de DPs, segundo Tarallo, é originada também pela elipse pronominal.

O modelo teórico complemento de D descreve a relativa como um complemento do determinante externo; o item *Wh* é gerado no domínio do IP como um determinante relativo que seleciona como complemento o núcleo nominal; o DP relativo é adjungido ao SpecCP e posteriormente, o núcleo nominal se adjunge ao SpecDP e dessa posição, checa seus traços de concordância com o determinante externo.

Areas (2002) analisa as sentenças relativas NN do PB com base em Kayne (1994) em que sentenças relativas estruturadas com o complementizador *that* ou vazio (OP) assumem uma derivação diferente das relativas com pronome relativo *Wh*.

Dessa forma, Areas separa as relativas em relativas DP e relativas PP e propõe, seguindo Chomsky (1995), que há movimento em todas as relativas. Com base em (Kayne 1994) ele afirma que a estrutura de uma relativa resumptiva deve ser idêntica à de uma relativa padrão.

Assim, na hipótese de Areas (2000), o constituinte *que* pode assumir tanto a função de complementador quanto a de determinante relativo. Na derivação da relativa com

complementador, o núcleo nominal é copiado no SpecCP e há o conseqüente apagamento do NP na posição relativizada.

Na derivação de uma relativa com determinante relativo o *Wh* sofre dois movimentos e dois apagamentos: todo o DP relativo é copiado no SpecCP e conseqüentemente sua cópia é apagada na posição argumental; posteriormente, o núcleo nominal é copiado no SpecDP_{rel} e há posterior apagamento de sua cópia.

Na derivação de relativas resumptivas, ocorre o mesmo processo de cópia, porém com apagamento parcial da cópia do DP que ocupa a posição mais baixa da cadeia (os traços de concordância do DP são preservados, o que explica a realização do resumptivo).

Para a derivação das relativas cortadoras, Areas assume a proposta de Salles (1997), para quem, certos traços constituintes do DP são também manifestados na preposição. Dessa forma, a derivação ocorre com a cópia do DP relativo no SpecCP e posterior cópia do NP complemento D_{rel} no SpecDP; apagamento da cópia do DP que ocupa a posição mais baixa da cadeia formada e, por fim, apagamento da preposição *in situ*, já que certos traços constituintes desse DP são também manifestados em PP.

O sistema proposto por Kayne (1994) em que relativas *Wh* e relativas *that* ou \emptyset teriam derivações diferentes foi criticado por vários autores. Assim, na seqüência dos estudos desse modelo teórico, como base em Borsley (1997), Bianchi (1999), De Vries (2002), entre outros, adotou-se a mesma derivação para as diferentes formas de derivação das relativas. Assumiu-se nesse modelo, que o movimento do DP_{rel} do domínio do IP para a periferia esquerda ocorre para satisfazer o critério relativo de checagem de traços [+*Wh*].

Os estudos apresentados por Manzini (1994) e assumidos por Bianchi (1999) apontam para o fato de que a identificação da posição de especificador e de adjunção é problemática para a teoria de localidade baseada na noção de barreira, por essa razão Manzini propõe para a derivação da relativa, uma abordagem focada para a relação de dependência Spec-núcleo.

Assim com base nessa proposta, a posição de pouso do DP_{rel} deve ser a de adjunção à esquerda do SpecCP; a posição de pouso do núcleo nominal deve ser a de adjunção à esquerda do SpecDP: nessa posição o núcleo nominal deve checar os traços de concordância com o determinante externo, embora esse determinante selecione como complemento o CP relativo.

A segunda análise para as relativas NN do PB com base no modelo de complemento de D é apresentada por Kato & Nunes (2006). Nessa proposta, os autores assumem a abordagem de Bianchi (1999), e propõem que o constituinte *que* tal como qualquer outro item

Wh na periferia esquerda da relativa seja analisado como um determinante relativo. Dessa forma, seguindo a direção desse modelo, esse item *Wh* é gerado no domínio do IP e seleciona como complemento um NP. Seguindo agora proposta de Manzini (1994) adotada por Bianchi (1999), todo o DP_{rel} é adjungido ao SpecCP e num segundo movimento, o núcleo nominal se move para a posição de adjunção do Spec DP_{rel} . Nessa posição o núcleo nominal entra no domínio mínimo do determinante externo e com isso, pode manter uma relação sintática de checagem de traços de concordância com esse constituinte, mesmo que quem esteja na relação de complementação com o determinante externo seja o CP relativo.

Para o item relativo *quem*, os autores assumem que esse constituinte é derivado por um processo semelhante ao *que-to-qui* do francês, ou seja, quando o *que* numa derivação mais longa é envolvido com traços [+humano] transforma-se em *quem* ou *qui* respectivamente.

Para a análise das sentenças relativas resumptivas e cortadoras, Kato & Nunes (2006), os autores mostram que relativas com *pied piping* necessariamente envolvem movimento, por isso não podem co-ocorrer com resumptivo. Além disso, a preposição não pode ocorrer em LD, mas só na posição de base antecedendo o resumptivo. Portanto, se o *que* é gerado em LD a relativa é não padrão, pois não sofre efeito de ilha e não apresenta *pied piping*.

Com essas postulações os autores propõem que nas relativas restritivas do PB o *que* é um determinante relativo. Além disso, assumem que um DP nucleado por um determinante relativo pode ser gerado em LD. Como consequência, as relativas no PB são motivadas por movimento do *Wh* (relativas padrão) ou por *Wh* gerado em LD, desencadeando relativas resumptivas (pronomes resumptivos explícitos) e relativas cortadoras (resumptivo nulo).

CAPÍTULO III
AS SENTENÇAS RELATIVAS NN NOS DADOS DE FALA DE
FLORIANÓPOLIS-SC

0 INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentaremos as análises dos dados das sentenças relativas NN da cidade de Florianópolis-SC extraídos de vinte quatro entrevistas do *corpus* do VARSUL. Exporemos, na seção (1), os dados da pesquisa de Tarallo (1983). Das variáveis lingüísticas e extralingüísticas apresentadas por esse autor, nos reportaremos somente aos fatores de processamentos sintáticos e semânticos que caracterizam a relativa resumptiva (1.1) e a relativa cortadora (1.2).

Na seção (2), apresentaremos os dados de nossa pesquisa. Em (2.1), faremos uma breve apresentação do projeto VARSUL indicando em (2.1.1) as variáveis extralingüísticas que formam as células desse banco de dados e em (2.1.2), as variáveis lingüísticas que foram codificadas para a análise das sentenças relativas em nossa pesquisa. Em (2.2) distribuiremos tabelas com os resultados encontrados e, a partir dessas tabelas, faremos uma análise qualitativa dessas variáveis lingüísticas.

Na seção (3), compararemos nossos dados com os dados apresentados por Tarallo (1983) e com isso queremos observar se as diferentes estratégias presentes nas relativas são originadas pelos mesmos fatores de processamento sintáticos e semânticos presentes na análise de Tarallo. Em (4) faremos o fechamento do capítulo 4.

1 AS RELATIVAS NN NOS DADOS APRESENTADOS POR TARALLO (1983)

Tarallo (1983, 1993) analisa as construções relativas do PB objetivando compreender as motivações lingüísticas e extralingüísticas que caracterizam esse tipo de sentença. O autor analisa esses dados com base no modelo padrão da teoria Gerativa (movimento *Wh* de Chomsky 1977, 1981). Além das propostas de Chomsky, Tarallo assumiu as propostas de

Jackendoff (1977) expostas por Kato (1981), as quais propunham que o sistema de relativização de uma língua decorre de seu sistema pronominal.

Com base nessas teorias, Tarallo analisou 1700 sentenças³⁸ relativas do PB e observou que, em geral, nos dados de fala, a posição relativizada era preenchida por um constituinte resumptivo ou por uma lacuna: estratégia com lacuna (1284-75%), estratégia resumptiva (162-9,5%) e estratégia com lacuna e corte da preposição (254-14,9%):

Tabela 1: Funções sintáticas do *wh* de acordo com cada estratégia sintática

	Sujeito	Ob. Direto	Ob. Indireto	Oblíquo	Genitivo	Total
Com lacuna	890-89%	374-97%	3-3, 9%	17- 7,4%	1-5, 9%	1284-75%
Resumptiva	102- 10,3%	10-2, 6-%	16-21, 1%	24-10, 4%	9-52, 9%	162- 9,5%
L. e corte PP			57-75%	190-82, 2%	7-41, 2%	254-14,9%
Total	992	384	76	231	17	1700

Tarallo (1983, P. 174)

A tabela (1) mostra que a função de sujeito e objeto direto é mais recorrente na estratégia com lacuna. Já a função de objeto indireto e oblíquo (demais posições preposicionadas menos objeto indireto e genitivo) ocorre com mais freqüência na estratégia cortadora, enquanto que a função de genitivo (adjunto de nome e complemento nominal) aparece mais na estratégia resumptiva.

Embora o estudo apresentado por Tarallo³⁹ tenha sido de cunho variacionista destacamos dele as análises referentes aos fatores sintáticos e semânticos de processamento para, assim, ancorar e comparar esses resultados com os encontrados em nossos dados

1.1 A RELATIVA RESUMPTIVA

Segundo Tarallo, o uso do pronome resumptivo, como veremos abaixo, tende a ocorrer: em contextos de ilhas fracas ou fortes; quando o núcleo nominal faz parte de uma

³⁸ Entre os dados analisados estão: dados diacrônicos escritos extraídos (cartas e documentos), dados sincrônicos: mídia (programas de TV e jornais escritos) e fala.

³⁹ Tarallo (1983, 1993) relacionou as atuais estratégias das sentenças relativas do PB com a mudança ocorrida nesse sistema lingüístico entre o século XVIII e XIX. Segundo o autor, o processo de mudança decorre da deriva da língua (causas internas da língua) que desde o latim vulgar tende a se transformar de uma língua sintética (complexidade morfológica) em uma língua sintática (casos marcados pela ordem dos constituintes na sentença). Assim, os dados diacrônicos analisados pelo autor mostram que, por volta do início do século XIX, a regra de apagamento pronominal aplicada ao sujeito e menos freqüente ao objeto direto passou a atingir as posições mais baixas na sentença, ou seja, as posições preposicionadas. Condiciona, então, o surgimento da estratégia cortadora à mudança sintática do sistema pronominal. Já a estratégia resumptiva, com base nos dados escritos diacrônicos (especialmente os mais próximos da fala), sempre esteve presente no PB.

estrutura mais complexa; ou então, nas sentenças relativas explicativas em que o pronome resumptivo é utilizado para resolver o problema de indefinidade do núcleo nominal na sentença matriz. Nesses contextos, a retenção do constituinte resumptivo objetiva restaurar a sintaxe, ou seja, transformar uma estrutura “confusa” em uma estrutura mais compreensível. Nesse processo, o *que* se torna um simples indicador de outra sentença independente.

1.1.1 Os fatores sintáticos de processamento das relativas

Os fatores sintáticos de processamento das relativas levando em conta a relação entre o *Wh*, a estratégia de relativização e o núcleo nominal são: função sintática do *Wh*, função sintática do núcleo nominal, posição da relativa em relação à sentença matriz, distância entre o núcleo nominal e a oração relativa, posição da lacuna na sentença relativa e, grau da subordinação da lacuna.

1.1.1.1 A função sintática do item *Wh*

O preenchimento da posição relativizada por um constituinte (cf. tabela 1) é mais recorrente na função sintática de genitivo e essa ocorrência está relacionada aos fatores sintáticos de processamento, que serão analisados abaixo.

1.1.1.2 A função sintática do núcleo nominal

Ao observar a realização da função sintática do *Wh* em relação ao núcleo nominal, Tarallo constatou que o maior índice de relativizações ocorre com o *Wh*-sujeito da sentença relativa e o núcleo nominal objeto direto ou predicado nominal na sentença matriz (isso vai ao encontro do trabalho de Souza e Silva (1981 *apud* Tarallo 1983). O autor ressaltou ainda, que a função sintática do núcleo nominal não restringe o uso do pronome resumptivo, mas sim, o

grau de complexidade desse núcleo em estruturas ditas [+equacional] como mostra a sentença (1) abaixo:

- (1) Sou exatamente a contrário do meu irmão mais novo, porque ele é *o tipo de pessoa* [**que** ele adora ficar em casa lendo]. (Tarallo, 1983, p. 360).

Nessa sentença (1), a *Wh* é sujeito da relativa, e o núcleo nominal complexo *o tipo de pessoa* é o predicado do sujeito *ele* do verbo matriz.

1.1.1.3 Posição da relativa em relação à sentença matriz

As sentenças relativas podem ser processadas à direita de toda a sentença matriz (2) ou dentro da sentença matriz (3), dividindo-a em duas partes:

- (2) Mas eu tenho *uma comadre minha*, [**que ela** mora de esquina da minha casa]. (SP81-2-E-093).
- (3) Uma vez *um rapazinho*, [**que ele** tinha uns quinze, dezesseis anos], ele pegou uma calça USTOP, não é? (SP81-2-E-079)

Relativas processadas à direita, após toda a sentença matriz ter sido completada, favorecem o uso do pronome resumptivo, enquanto que relativas processadas internamente à sentença matriz dificultam esse uso.

1.1.1.4 Distância entre o núcleo nominal e a oração relativa

Tarallo (1983, p. 80) mostra que os fatores de processamento sintático que podem transformar uma sentença relativa padrão em uma sentença relativa não padrão quando ocorre a retenção do pronome resumptivo são: **nenhum material entre o núcleo nominal e a sentença relativa (4a)**; existência de uma ou mais relativas entre o núcleo nominal e a relativa sendo analisada (4b); presença de material entre o núcleo nominal e a relativa,

estando esse material antes do constituinte *que*, esse material pode ser de vários tipos (sentenças subordinadas, parentéticas, pausas, e falsos começos, mas não relativas como as últimas apresentadas) (4c); presença de material do mesmo tipo de (4c) entre o núcleo nominal e a relativa, porém, colocado após *que* (4d), e por último, o núcleo nominal está dentro de um PP e somente o núcleo nominal é marcado como co-referente (4e):

- (4) a. Como mora *nessa rua* [**que** eu nem sei o nome **dela**?] (SP81-2-E-078).
 b. Mas e se você encontrasse *uma mulher* [**que** você gostasse muito **dela**], e [**que** ela].
 gostasse muito de você? (SP81-1-J-163)
 c. O *único higiênico* **que** tinha lá era o Garanhão, o *único*, [**que ele** fez um banheiro para ele de 12 metros quadrados]. (SP81-1 – 11 258)
 d. Tinha uma *outra* [**que** era *alemã*, [**que** (não sei por que carga d'água) **ela** saiu]]. (SP81-1-A- 503).
 e. Aí teve *um rapaz*, *aqui de Jundiá* [**que ele** levou umas balas, sabe?] (SP81-1-11-574).

1.1.1.5 Posição da lacuna na sentença relativa

Tarallo (1983, p. 81), com base em Kroch & Hindle (1982), aponta as diferenças no uso do resumptivo das relativas do inglês e do PB. Nesse trabalho, Kroch e Hindle sugerem que a lacuna da relativa em uma posição interior favorece a ocorrência do pronome resumptivo e desfavorece a ocorrência da relativa introduzida pelo marcador zero. A hipótese é que relativas com lacuna interior (5a) são mais frequentemente introduzidas pela forma relativa *that*, enquanto a lacuna periférica (5b) ocorre mais frequentemente nas relativas introduzidas pela forma relativa zero, isso porque nas relativas zero o processamento sintático é mais rápido:

- (5) a. There is still the girl that I adopted her too.
 a'. Tem mais *a menina* [**que** eu adotei **ela** também]. (SP81-1-Q- 175)
 b. Now they re three that there is only one difference between them.
 b'. Agora _{pro} são *três* [**que** tem uma diferença só entre **elas**]. (SP81-2-11- 621)

De acordo com Tarallo, os dados apontam que a posição da lacuna não é fator significativo para a aplicação da estratégia do pronome resumptivo, talvez pelo fato de, no PB, não haver relativa introduzida pela forma zero.

1.1.1.6 Grau da subordinação da lacuna

A distância entre o núcleo nominal e a lacuna, também é fator determinante para a aplicação da estratégia resumptiva como mostra (6) abaixo:

- (6) Eu tinha uns *amigos* na escola [**que** só me chamavam de *Sergio*], **que** eles achavam que eu tinha cara **dele**.

Assim, em termos de processamento sintático de uma relativa, o uso do pronome resumptivo pode ser circunscrito pela posição que a relativa ocupa em relação à sentença matriz. Em resumo: (i) o preenchimento da lacuna é favorecido se a relativa é colocada à direita de toda a sentença matriz e é desfavorecido se a relativa está subordinada à direita, após o núcleo, com ou sem material interveniente; (ii) a distância entre o núcleo e a relativa (relativas coordenadas, relativas internas, outros tipos de subordinadas, sintagmas preposicionais e parentéticas) demonstrou ser um forte fator para o uso do pronome resumptivo; (iii) pronomes resumptivos são mais frequentes em complementos estruturados com sentenças relativas e (iv) pronomes resumptivos são relativamente afetados pela posição da lacuna relativa, ou seja, a posição interior favorece o preenchimento da lacuna, enquanto que a posição periférica desfavorece seu preenchimento.

1.1.2 Fatores semânticos

Os fatores semânticos dizem respeito diretamente ao núcleo nominal e, como tal, Tarallo analisou os seguintes traços:

1.1.2.1 Traços humano x não-humano, singular x plural, definido x indefinido.

Ao analisar os traços semânticos do núcleo nominal, Tarallo (1983) classificou como definido: os artigos definidos, nomes próprios, adjetivos de posse, adjetivos demonstrativos, superlativos, quantificadores universais (*all-todos*, *both-ambos*, *each-every-todo/cada*, nenhum). Por indefinidos classificou: os artigos indefinidos, adjetivos demonstrativos com sentido indefinido (*this one guy*), *any-qualquer*, números e grupos de números e, os quantificadores existenciais (*some-alguns*, *many/much-muitos*, *few-alguns*, *little-poucos*, *several-vários*).

Os fatores semânticos do núcleo nominal cruzados com a função sintática do *Wh* mostraram que os traços [+humano] e [+indefinido] e [+singular] favorecem a retenção do pronome resumptivo dentro da sentença relativa.

1.1.2.2 Existencialidade e não-restritividade do núcleo nominal na sentença matriz

Inicialmente as relativas não-restritivas (7a) e relativas cujos núcleos nominais são argumentos de verbos existenciais (por serem indefinidos) (7b), favorecem o uso do pronome resumptivo:

- (7) a. Era *o português* [**que ele** tinha uma escrava]. (SP81-1-A-256)
 b. Tem *um moço* [**que ele** nunca se adaptou à família]. (SP81-2-15-086)

Para Tarallo (1983, p. 84), a alta freqüência de pronomes resumptivos nas relativas não-restritivas sugere a necessidade de diferentes análises para cada tipo de relativa: uma análise de coordenação para as não-restritivas e uma análise de subordinação para as restritivas.

1.2 A RELATIVA CORTADORA

Para Tarallo (1983) os resultados dos dados trazem evidências de que as duas estratégias de relativas não-padrão (resumptivas e cortadoras) estão em distribuição complementar.

Em relação aos fatores sintáticos de processamento das relativas, mostramos acima que o pronome resumptivo é favorecido nos contextos em que a relativa está à direita da sentença matriz; maior distância entre o núcleo nominal e o que seria a lacuna interior e, por último, relativas como argumentos de verbos. A estratégia cortadora, no entanto, é altamente desfavorecida nesses mesmos contextos sintáticos.

O pronome resumptivo é mais retido com núcleos nominais que apresentem os traços semânticos [+humano] e [+definido], enquanto que a estratégia cortadora aparece mais frequentemente com núcleos nominais [-humano] e [-definido]. O traço semântico plural x singular não favorece nenhuma das estratégias.

No que diz respeito à função sintática do *Wh* e da estratégia sintática da relativa, o pronome resumptivo é mais restrito na função de genitivo, enquanto que a estratégia cortadora é mais recorrente nas funções sintáticas de objeto indireto e nas demais funções preposicionadas.

Em relação à relativização das posições preposicionadas quanto à restrição e não-restrição, existencialidade e não-existencialidade do núcleo nominal, os dados apontam que o uso do pronome resumptivo é mais restrito nas construções não-restritivas e com núcleos nominais existenciais, enquanto, a estratégia cortadora é mais recorrente em sentenças restritivas e com núcleos nominais não-existenciais.

Tarallo observou, ainda, a restrição de seleção da estratégia cortadora nas preposições e verbos. Assim, classificou as preposições⁴⁰ que permitem o corte (*a, para, com, de* (funcional), *de* (lexical), *sobre* (funcional), *sobre* (lexical), *em, por*, entre outras). Os verbos foram analisados com relação à quantidade e tipos de complementos por eles subcategorizados⁴¹: a) verbos que não selecionam complemento PP, mas ocorrem nas relativas com expressões locativas que seguem corte de preposição (8); b) verbos que

⁴⁰ As preposições com maior material fonológico como *em cima, em baixo, a respeito* podem permanecer sozinhas na posição relativizada, por isso não foram relacionadas para análise da estratégia cortadora.

⁴¹ Como exemplo Tarallo relaciona:

- (i) verbos que não subcategorizam complementos preposicionados: *ter, ser, respirar*;
- (ii) verbos que subcategorizam apenas um complemento preposicionado: *interessar-se (por)*,
- (iii) verbos que subcategorizam dois ou mais complementos preposicionados: *trabalhar (com, para, em)*

selecionam somente um complemento PP (9) – (10) e, c) verbos que selecionam dois ou mais complementos PP (11)-(12).

- (8) Nova York é uma *cidade* [**que** _[em que] você respira Gershmin]. (SP81-2-19-129)
- (9) Eu não ligo para piscina. É uma *coisa* [**que** _[para que/a qual] eu não ligo **ec**]. (SP81-2- R-179)
- (10) A. e a E. foram as últimas *pessoas* [**que** estiveram lá, [**que** _[com que/quem/as quais] eu conversei **ec**]; para elas também a Broadway é a Avenida São João. (SP81-1-F-343)
- (11) Mas ele saiu de casa faz uns seis meses; está morando com um *outro rapaz* [**que** _[com que/quem/o qual; *para/*em] ele trabalha **ec**]. (SP81-1-X- 654)
- (12) Eu só imagino *uma cidade no mundo* [**que** _[em que/ na qual; *com] eu moraria fora São Paulo **ec**]; minto duas: uma eu ia ficar um pouco sufocado: Paris. (SP81-1-19- 686)

No grupo de verbos que não apresentam nenhum complemento PP (a), o corte da preposição não ocasiona ambigüidade, pois a preposição é facilmente recuperável na superfície. De forma semelhante, o grupo de verbos de (b) mesmo que a preposição seja cortada da segunda relativa empilhada como em (10), seu apagamento não cria ambigüidade. Nas sentenças de (c) o corte da preposição pode causar alto índice de ambigüidade, todavia, o traço [humano] do núcleo nominal pode contribuir para eliminar essa ambigüidade. Ou seja, o traço [+humano] do núcleo nominal em (11) faz com que o corte da PP seja recuperado na preposição (*com*) na matriz. Já o traço [-humano] de (12) propõe que a interpretação semântica da preposição cortada seja uma preposição locativa (*em*).

Tarallo observou que na estratégia cortadora, 76% das relativizações ocorrem com verbos do primeiro e do segundo grupo com os quais não ocorre ambigüidade na superfície. No grupo de verbos com dois ou mais complementos PP, o maior causador de ambigüidade, é o verbo *falar* (*a, com, de, para, sobre*). Os demais verbos pertencentes a este grupo *bater, berrar, contar, chegar, descer, perguntar, vir, viver, morar, trabalhar* diferentemente de *falar* raramente causam dificuldade no processamento semântico.

Assim, de acordo o autor, os casos de ambigüidade na estratégia cortadora ainda carecem de maiores investigações para que se possa definir quais são os contextos mais

adequados a sua seleção. A mudança paramétrica observada no PB e conseqüentemente a maior rigidez na ordem dos constituintes permitiu o surgimento de argumentos nulos nas posições preposicionadas. Como a preposição órfã não é permitida nas relativas do PB, toda marcação de caso aparece como uma *herança cultural* não desejada e está sendo incrementada pelo uso do corte da preposição.

Em resumo, mostramos nessa seção, os fatores de processamento sintáticos e semânticos utilizados por Tarallo (1983) para analisar as relativas NN resumptivas e cortadoras. Em termos gerais, os fatores de processamento sintático para a retenção do resumptivo estão relacionados com a complexidade do núcleo nominal; posição da relativa em relação ao núcleo nominal e quantidade de material interveniente entre o núcleo e a posição relativizada. Os demais fatores que propiciam a retenção do resumptivo dizem respeito à presença dos traços semânticos do núcleo nominal: [+humano] e [+indefinido] e [+singular]. Além disso, ao analisar as relativas cortadoras em relação aos verbos e aos tipos de estruturas do complemento desses verbos, Tarallo mostrou que 76% das relativizações ocorrem com verbos sem complemento PP e com verbos com apenas um complemento PP, ou seja, verbos em que o apagamento da preposição não causa ambigüidade na superfície.

2 AS RELATIVAS NN NOS DADOS DE FALA DE FLORIANÓPOLIS

Com o objetivo de observar a realização das construções relativas com núcleo nominal de falantes do PB, selecionamos, para esse estudo, as relativas contidas em vinte e quatro entrevistas de falantes da cidade de Florianópolis-SC retiradas do corpus do VARSUL (Variação Lingüística da região Sul do Brasil).

2.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

O PROJETO VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil) foi efetivado em março de 1990 com o objetivo de descrever o português falado da região Sul do

Brasil, levando em conta os aspectos étnicos, grau de instrução, idade e sexo dos indivíduos. No que diz respeito ao grau de instrução deixou-se de lado falantes analfabetos e universitários, selecionando assim, indivíduos com nível de formação primária (PRI- até a quarta série primária), com nível de formação colegial (COL- até a oitava série) e falantes com nível de formação colegial (COL- até o segundo grau ou ensino médio).

2.1.1 As variáveis extralingüísticas do *corpus* do VARSUL

Assim, a célula de cada amostra local foi representada por dois indivíduos de acordo com os fatores extralingüísticos de gênero: Masculino/feminino, idade: (de 25 a 50 anos) e (acima de 50 anos) e grau de instrução: primário, ginásio e segundo grau.

Em relação aos grupos geográficos que compuseram a amostra foram selecionadas quatro cidades cujas etnias e culturas seriam mais expressivas na formação de cada um dos três estados da região Sul do Brasil, resultando na seguinte amostra: Rio Grande do Sul (São Borja-zona de fronteira), (Panambi- zona de colonização alemã), (Flores da Cunha-zona de colonização italiana) e (Porto Alegre- capital); Santa Catarina: (Blumenau- zona de colonização alemã), (Chapecó- zona de colonização italiana), (Lages- núcleo descendente de gaúchos) e (Florianópolis- núcleo de colonização açoriana); Paraná: (Irati- zona de colonização eslava), (Pato Branco-descendentes de gaúchos e catarinenses), (Londrina- município mais importante da região) e (Curitiba- a capital do estado).

A organização desses fatores extralingüísticos resultou em 24 entrevistas em cada cidade, 96 entrevistas por estado e 288 entrevistas nos três estados da região Sul.

As variáveis extralingüísticas, acima descritas, não fazem parte dos grupos de fatores que serão analisados por nós, mas estão codificadas no final das sentenças como exemplifica a sentença em (13):

(13) Aí depois a gente voltava pra casa do meu avô que era ali perto. (FLN SC 01 F A PRI. 27)

(FLN SC): cidade de Florianópolis – Santa Catarina

(01): entrevista número um

(F) ou (M): falante é do gênero feminino ou masculino

(A) ou (B): A (falante com menos de cinquenta anos), B (falante com mais de cinquenta anos)
 (PRI), (GIN) ou (COL): refere-se ao nível de escolaridade do falante: primário, ginásio ou colegial respectivamente.

(27): linha da entrevista em que se encontra a sentença relativa.

2.1.2 As variáveis lingüísticas para a nossa análise das relativas

Para análise das relativas selecionadas no *corpus* do VARSUL, codificamos os seguintes grupos de fatores lingüísticos:

A) Grupos de variáveis lingüísticas:

- 1 Variável em mudança: estratégia padrão [x]
- 2 Variável inovadora: estratégia resumptiva [y]
- 3 Variável inovadora: estratégia cortadora [z]

B) Grupo de variáveis lingüísticas no nível sintático - funções sintáticas do item *Wh* dentro da sentença relativa.

- 1 Função sintática de sujeito [1]
- 2 Função sintática de objeto direto [2]
- 3 Função sintática de objeto indireto [3]
- 4 Função sintática de PP adjunto nominal [4]
- 5 Função sintática de complemento nominal [5]
- 6 Função sintática de PP complemento circunstancial [6]
- 7 Função sintática de PP adjunto adverbial [7]
- 8 Função de complemento de preposição [8]
- 9 Função de complemento de advérbio [9]
- 10 Função de predicativo de uma Small Clause [i]

C) Grupo de variáveis lingüísticas no nível lexical – itens lexicais que ocorrem no processo de relativização.

- 1 *Que* [a]
- 2 Preposição + *que* [b]
- 3 *Qual* [c]
- 4 Preposição + *qual* (variáveis) [d]
- 5 *Quem* [e]
- 6 Preposição + *quem* [f]
- 7 *Como* [g]
- 8 Preposição + *como*[h]
- 9 *Onde* [i]
- 10 Preposição + *onde* [j]
- 11 *Quanto* [k]
- 12 Preposição + *quanto* [l]
- 13 *Quando* [m]
- 14 *Cujo* [n]

D) Grupo de variáveis lingüísticas de nível sintático: forma de realização do DP

- 1 DP nome próprio [r]
- 2 DP diversos (pronomes, numerais, artigos e outros)[s]
- 3 DP pleno (pleno simples) [v]
- 4 DP pleno complexo (pleno composto, pleno + elemento relativo, pleno + preposição) [w]

E) Grupo de variáveis lingüísticas de nível sintático: peso do DP

- 1 DP leve (DP nomes próprios, diversos e leve) [t]
- 2 DP pesado (DP complexo) [u]

F) Grupo de variáveis lingüísticas de nível semântico: traço de animacidade

- 1 Traço [+animado] [p]
- 2 Traço [-animado] [q]

2.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS ANALISADOS

Para essa pesquisa analisamos vinte e quatro entrevistas com dados de fala. Nessas entrevistas, encontramos 1696 sentenças relativas cujas características passamos a descrever através das tabelas abaixo. Para a leitura das tabelas referentes aos dados usamos a seguinte legenda:

P= preposição

PR=pron. Rel.

Adj=adjunto

Arg=argumento

PP rel= sintagma preposicional relativizado.

P+PR= por onde, de onde, desde quando, até onde, até quando.

2.2.1 As categorias relativizadas

Como mostramos acima, a sentença relativa NN apresenta dentro da relativa um item *Wh* que pode relativizar uma categoria DP ou uma categoria PP. Abaixo estão as categorias que o item *Wh* assume na relativa:

Tabela 2: Realização do *Wh* dentro da sentença relativa

Como DP	Como PP
1280-75%	416-25%
Total de relativas: 1696-100%	

A tabela (2) revela que o *Wh* teve 1280 ocorrências na categoria DP e 416 ocorrências na categoria PP.

Tabela 3: Realização do *Wh* como DP

Resumptivo	Não resumptivos
40-3%	1240- 97%
Total: 1280- 100%	
Total de sentenças relativas: 1696	

A tabela (3) aponta que do total de realizações do *Wh* como DP (1280), 40-3% ocorreram com a presença de constituintes resumptivos e 1280-97% sem constituintes resumptivos como mostra a tabela abaixo:

Tabela 4: Realização do *Wh* como DP em relação à presença/ ausência de constituintes resumptivos

Sujeito		Objeto direto		Predicativos
Resumptivos	Não Resumptivos	Resumptivos	Não Resumptivos	
36- 4%	905-96%	4-1%	324- 99%	11- 100%
Total: 941- 73%		Total: 328 – 25%		Total: 4 –1%
DP com resumptivo= 1240-97%			DP com resumptivo = 40-3%	
Total de realizações de <i>Wh</i> como DP: 1280-75%				
Total de sentenças relativas: 1696				

A tabela (4) mostra a ocorrência de DP em relação à presença/ausência de constituintes resumptivos. Na função de sujeito: 36-4% ocorrências com constituintes resumptivos (14a); sem constituintes resumptivos 905-96% (14b). Na função de objeto: com constituintes resumptivos, 4-1% (14c); sem constituintes resumptivos, 324-99% (14d) e na função de predicativo, 11-100% (14e).

- (14) a. Aqui nós viemos num, vamos supor que fosse uma fazenda, né? que era *uma área bem grande [que ela toma o Pantanal, né?]*. (SCFLP05M BPRI679)
- b. Porque tinha *uma parte [que ec adentrava no mar]* e voltava pelas pedras, né? (FLNSC01F A PRI 362)
- c. *Aquela lá, [que eu não lembro o nome da música]*. E marcou muito. (CFLP09FAGIN)
- d. Aí depois disso, acho que, né? depois da *prece [que a gente fez ec]*, a gente melhorou, (FLN SC 01 F A PRI 370).
- e. Outra religião, ninguém se importa com a **religião** [que ele seja **ec**]. (SCFLP17FACOI 337)

Tabela 5: Realização do *Wh* como PP

<i>Pied piped</i> (PR) =71-16%					Não <i>pied piped</i> (que) = 345-84%			
P+PR = 07 10%		PR= 64 90%			Resump=19 5%		Cortadora= 326 95%	
Arg:2 29%	Adj:5 71%	Arg:4 6%	Adj: 34 53%	P:26 41%	Arg:11 58%	Adj:8 42%	Arg:85 26%	Adj. 241 74%
Total de relativas PP: 416-24%								

A tabela (5) indica a ocorrência de 416 relativizações da categoria PP: 345-84% ocorreram sem o movimento da PP e 71-16% ocorreram com movimento da PP (*pied piped*).

Tabela 6: Os itens lexicais que ocorrem no processo de relativização das relativas NN em relação à estratégia de relativização.

	Rel. Padrão	Rel.Resup	Rel. cort. P	Total
Que	1240- 95%	59-100%	326-100%	1625- 95%
PP+que	6- 0, 4%	0-0%	0-0%	6- 0, 35
Do qual	1- 0, 32%	0-0%	0-0%	1- 0, 05
Como	2- 0, 14%	0-0%	0-0%	2- 0, 11%
Onde	56- 4, 20%	0-0%	0-0%	56- 3, 3%
Quando	6- 0, 4%	0- 0%	0-0%	6- 0, 35%
Total	1311- 100%	59-100%	326-100%	1696- 100%

A tabela (6) aponta que das 1696 sentenças relativas, o item mais selecionado foi o *que* 1625-95% seguido do *onde* 56-3,3%.

2.2.1.1 A Estratégia Padrão

A estratégia padrão refere-se à relativização do DP na função sintática de sujeito, objeto direto e predicativo ou a uma categoria PP com *pied piping* nas demais posições preposicionadas.

No que diz respeito à relativização da categoria PP, as tabelas (4) e (5) revelam que das 416 relativizações de categorias PP, 345 ocorreram sem o movimento do pronome relativo para o SpecCP e apenas 71 delas apresentaram *pied piped*.

Nas 71 ocorrências com movimento do *Wh* para a periferia esquerda da relativa, somente (07-10%) sentenças foram selecionadas com pronomes relativos antecidos de preposição: função de argumento (2-8%) e função de adjunto (5-71%). Nas outras (64-90%) ocorrências, o pronome relativo (*quando*, *como*, *onde*) assumiu as funções de argumento (04-6%), adjunto (34-53%) e predicativo (26-41%).

Assim, a relativização da categoria PP na estratégia padrão ocorreu com os seguintes itens lexicais: *PP+ que-* (6- 0,4%); *do qual* - (1- 0,32%); *como* (2- 0,14%); *onde* (56- 4,20%) e *quando* (6- 0,4%).

2.2.1.1.1 Os itens lexicais na relativização padrão da categoria PP

Os itens lexicais encontrados na relativização das sentenças relativas nos dados analisados foram os seguintes:

A) *P+que*

O item lexical *P + que* teve seis ocorrências, sendo duas na função de complemento circunstancial como exemplificado em (15) e quatro na função de adjunto do VP como em (16).

- (15) Ela começou, até sentiu a diferença entre a casa do pai dela e a *casa* [**em que** ela foi viver **ec**, com meu pai]. (SCFLP12MBGIN 372)
- (16) E houve *época*, ainda, [**em que** a gente conhecia até as pessoas pelo nome em cada casa **ec**]. (SCFLP21MBCOL302)

B) *P +qual*

O item *P+qual* teve uma só ocorrência na função de adjunto do nome (17).

- (17) Eu tenho passagem no Clube Doze de Agosto, [**no qual** eu fui secretário **ec** muitos anos] SCFLP13MBGIN 112).

C) *Como*

De acordo com os dados, o *como* foi selecionado somente em duas sentenças (18).

- (18) a. Talvez pelo **modo** [**como** a Adriana morreu **ec**]. (SCFLP11FAGIN385)
- b. E, mas o problema de turismo, dessa **forma** [**como** está sendo feito **ec**,] abandonando o florianopolitano, realmente eu não aceito (SCFLP21MBCOL5).

D) *Onde*

De acordo com a tabela (5), o *onde* foi o pronome relativo com maior número de ocorrências. Das 56 ocorrências desse item lexical, 26 foram selecionadas com função de predicativo em estruturas de SC (33). As demais ocorrências assumiram funções de adjunto (19a), complemento (19b) e predicativo (19c):

- (19) a.O mar ia até na *encosta* [**onde** é o Mercado hoje **ec**,] então que é onde é o Mercado.
 b.Miramar era um cais, tipo *cais*, [**onde** tinha bar, tinha tipo pensão **ec**], tudo ali, sabe?
 c.Um saquinho uns davam esmola, uns davam ovos, outros davam dinheiro, aí a gente levava pra igreja ou pra *uma casa* [**onde** o santo ficava **ec**]. (SCFLP08FBPRI40)

E) *Quando*

O item lexical *quando* obteve seis ocorrências adequadamente formadas na função de adjunto do verbo conforme o exemplo abaixo.

- (20) Isso tudo existia na *época*, [**quando** chegava na hora da pausa pra Educação Física **ec**]. (SCFLP02MAPRI 433)

A tabela (6) revela ainda que, de todos os itens lexicais que ocorrem no processo de relativização, de acordo com a gramática normativa, (cf.cap. I) nem todos foram selecionados. Além da ausência do *cujo*, os demais itens lexicais antecedidos de preposição apresentam uma realização bastante reduzida.

O reduzido uso de PPs na relativização pode ser constatado pela alta incidência de PPs selecionadas de forma não adequada ao contexto. Entre os dados analisados, o item *PP+que* teve seis ocorrências bem formadas, conforme mostramos acima, e três mal formadas⁴².

Além do item *PP+que*, o *onde* também foi selecionado em quatro sentenças de forma inadequada ao contexto⁴³, (quando o pronome não combina com as características do núcleo nominal e ou com a função sintática a ele relacionada: função de complemento circunstancial ou adjunto do verbo). Ainda em relação a esse item lexical encontramos, entre os dados,

⁴² Uso não adequado de *P+que*:

Na função de adjunto do verbo

- (i) na cabeça eles tinham uma peneira, aquelas peneiras de taquara, e um rabinho, assim, uma trança de coisa. E, **fantasias baratas** [de que [com as quais] a gente se divertia **ec**] muito e eram uns bailes muito bons, muito bons mesmo, muito bons. (SCFLP24FBCOL188)

⁴³ Uso não adequado de *onde*:

Na função de sujeito

- (i) Não existiam assim pessoas de posse, **pessoas ricas**, [**onde** **ec** podiam ser roubadas], esse negócio todo aí. (SCFLP18MACOL328).

Na função de adjunto

- (i) Mas, achei muito, assim Acho que muitas coisas ali, a Censura não devia deixar passar, principalmente **horário** [**onde** tem criança **ec,né?**]
 (ii) E é **momento** [**onde** acontecem essas coisas **ec**]. (5 SCFLP16FBGIN28)
 (iii) Aí foi [**onde** telefonaram pra mim **ec**]e eu disse. Mas não explicaram o que que era (SCFLP05M BPRI608)

43 COMP duplamente preenchido

quatro sentenças cujo CP relativo apresenta duplo preenchimento (sentenças formadas com o *onde* (na função de adjunto) seguido do constituinte *que*⁴⁴).

Observamos, dessa forma, com base nos dados analisados, a pouca produtividade dos pronomes relativos precedidos de preposição no processo de relativização.

Passamos, agora, a observar a função sintática do PP relativizado:

Tabela 7: A função da PP em relação à estratégia de relativização

	Wh	Resumptivos	Cortadora	Total
Objeto Indireto	0- 0%	7- 37%	67- 20%	74
Adjunto Nominal	1- 2%	3- 16%	7- 2%	11
Comp. Nominal	0- 0%	1- 5%	5- 1, 7%	6
Comp circuns.	06- 9%	3- 15%	17- 6%	26
Adjunto verbal	36- 52%	5- 27%	227- 69%	268
Compl. de PP	0- 0%	0- 0%	2- 0, 59%	2
Compl. De advér.	0- 0%	0- 0%	3- 0, 60%	3
Predicativo	26- 37%	0- 0%	0- 0%	26
Total	71- 100%	19-100%	328-100%	416

A tabela acima revela as funções sintáticas da PP nas diversas estratégias sintáticas. Na estratégia padrão em que a relativização ocorre com um pronome relativo há 71 ocorrências distribuídas na função de adjunto do nome (01-1%), complemento circunstancial (06-25%), adjunto do verbo (36-13%), predicativo de Small Clause copular (26-38%). Na estratégia resumptiva, encontramos 19 ocorrências na função de objeto indireto (07-37%), adjunto do nome (03-16%), complemento nominal (01-5%), complemento circunstancial (03-27%) e adjunto do verbo (05-27%). Na estratégia cortadora, 328 ocorrências distribuídas nas funções sintáticas de objeto indireto (67-20%), adjunto do nome (07-2%), complemento nominal (05-1,1%), complemento circunstancial (17-6%), adjunto do verbo (227-69%), complemento de preposição (02-0.59%) e complemento de advérbio (03-0.60%).

2.2.1.2 Estratégia resumptiva

Como já apontamos acima, a estratégia resumptiva relativiza tanto à categoria DP quanto à categoria PP. O constituinte resumptivo presente na relativa, em termos gerais, é um

(i) eram *os bares mais escondidinhos* [que tinham **ec** [onde que a gente pudesse se esconder]]. (SCFLP20FACOL64)

(ii) Não, porque o meu pai tinha uma chácara enorme aqui do início do *Córrego Grande* [onde que hoje é a prefeitura do Campus **ec**]. (SCFLP07FBPRI145)

pronome pessoal com traços morfossintáticos semelhantes ao núcleo nominal. Além de um pronome pessoal, o resumptivo pode se apresentar, dentre outras formas, como pronome indefinido, demonstrativo ou como um DP, como veremos nos exemplos abaixo.

2.2.1.2.1 Relativização de DPs com resumptivos

Os dados nas tabelas (4) e (5) contrariam o que usualmente é dito relação à seleção de resumptivos nas sentenças relativas. Em termos gerais, entende-se que o resumptivo é mais recorrente em posições sintáticas preposicionadas, porém, os nossos dados revelam que ocorreram mais resumptivos na relativização de DPs (40) do que com PPs (19).

Das relativizações de DPS, (36-4%) resumptivos estão na função de sujeito e (4-1%) na função de objeto:

2.2.1.2.1.1 Relativização de DPs com resumptivos na função de sujeito:

A. DP Nome próprio com resumptivo pronome sem material interveniente (04):

- (21) a. Tem **a Dona Chica**, que **ela** é chefe mesmo de cozinha e tem a **Dona Luísa** que **ec** tem mais anos do que eu, tem a Dona Doraci, (SCFLP07FBPRI52)
- b. E dali na biblioteca, também, tinha uma chefe, **a Laura**, que **ela** era uma pessoa muito boa. (SCFLP09FAGIN 305)
- c. Nós tínhamos esse **Delegado Astrogildo** que **ele** levava pra delegacia só pra, e dava uma surra e já mandava embora (SCFLP18MACOL329)

B. DP Nome próprio com resumptivo pronome com material interveniente (03)

- (22) a. Então tinha um tal **de Seu Zico**, que nós pedíamos pra **ele** confeccionar, ou seja, na época, fazer duas rodinhas de madeira (SC FLP 02 M A PRI 446)
- b. Tinha uma professora chamada Dona Onorina, (era o nome dela, **Onorina**, é,) que **ela** era rude demais. (SCFLP18MACOL149)

c. a **Clínica Santa Luzia**, que (hoje está. Não sei,) **ela** está sendo comandada por vários médicos, vários, né? (SCFLP23MBCOL 218)

C. DP indefinido com resumptivo pronome sem material interveniente (10):

(23) a. Não sei se tu conhecestes **aquela família do Pedro Vidal**, que **eles** matavam boi, esse negócio ali para o Saco Grande, aquelas bandas ali. (SCFLP03FAPRI 119)

b. Eu tinha **uma prima que ela** era mais velha do que eu, ela tinha um noivo. (SCFLP08FBPR351)

c. Não sei se tu conhecestes **aquela família do Pedro Vidal**, que **eles** matavam boi, esse negócio ali para o Saco Grande, aquelas bandas ali. (SCFLP03FAPRI 119)

d. E depois também ela foi assim **uma mulher**, que **ela** nunca assim (...) tivesse assim se interessado de vez em quando (SCFLP03FAPRI 155).

e. Eu tinha **uma cunhada** que **ela** teve sete filhos homens (SCFLP08FBPRI177).

f. E se agente tinha **um namorado** que **ele** dissesse: “Ó, hoje a gente não vai dançar”, (SCFLP09FAGIN 24)

g. Contar uma coisa só, né? **Uma moça** que **ela** era freira, era noviça, né? Eu adoro filmes assim. (SCFLP11FAGIN659)

h. Olha, eu sou uma **pessoa** que **eu** só tenho fé no meu Deus, e na espiritualidade. (SCFLP16FBGIN135)

i. Eu sou. Principalmente uma comparação, ó: **a mulher** que **ela** não é casada. ela tem casos, ela sai, faz programa. Aí ela fica grávida. (SCFLP16FBGIN264)

j. Então eu acho assim, ó: como agora, eu tive uma **amiga** que **ela** teve o segundo filho. (SCFLP16FBGIN299)

m. Era uma **moça** que **ela** gostava dum cara do avião. Aí o cara viajava. (SCFLP16FBGIN418)

D. DP indefinido com resumptivo pronome com material interveniente (10):

(24) a. Eu ainda falei com **uma senhora** que **ec** nasceu aqui também, **ec** que mora há muitos anos aqui também, que **ela** está contando pra mim: (SCFLP04MAPRI34)

b. Hoje, eu conheço **gente** dali, que **eles** não lembram de mim porque eu tinha treze anos quando saí de lá, né? (SCFLP09FAGIN75).

c. E são **essas pessoas** que, e alguém bater na porta delas e pedir um pão, **elas** vão bater a porta na cara? (SCFLP14MBGIN234)

d. Se eu fosse **uma pessoa** que **ec** tivesse bastante dinheiro, que **eu** pudesse, (SCFLP15FBGIN856)

e. Eu tenho um **amigo** que **c** estudou na Universidade, que **ele** é de fora, o Jones (SCFLP16FBGIN507).

f. Tenho um **amigo** de Camboriú que **ele** noivou com um rapaz. (SCFLP16FBGIN509)

g. Porque eu tenho um **amigo** em Curitiba, que **ele** é médico e ela é jornalista, não vou dizer o nome dele, (SCFLP16FBGIN554)

h. Na casa tinha **um cidadão** inclusive que **ele** tinha o nome de Porquinho, era um cidadão já de cor, já de idade (SCFLP13MBGIN76)

i. Ele é uma **pessoa** assim que **ele** gosta de não ser mandado, (SCFLP20FACOL126)

j. Então o pai foi **uma pessoa** que, (como eu te falei), **ele** tinha açougue, mas eu tive uma infância boa. (SCFLP20FACOL463)

E. DP indefinido com resumptivo DP com material interveniente (01):

k. Então o foi **uma infância** que a gente acha que podia ter vivido melhor na **infância** (SCFLP20FACOL11)

F. DP definido com resumptivo pronome sem material interveniente (03) :

(25) a. É o **cidadão** que **ele** era mal educado, continuava, fazia o curso e continuava mal Educado (SCFLP13MBGIN 471)

b. Que sabem que não vão conseguir convencer **as pessoas** que **elas** estão erradas. (SCFLP13MBGIN 479).

c. Aí quando foi **o aniversário da minha irmã de quinze anos**, que **ela** fez uma festa pra ela, aí a gente convidou ele aí ele foi e voltamos a namorar. (SCFLP20FACOL27)

G. DP definido com resumptivo pronome com material interveniente (03):

(25) a. Mas **o tratorista** que **ec** esteve ali que **ele** estava cavando o terreno do lado, aí ele disse que ia botar a cerca no chão e tal e que ia botar a casa no chão, e ela ficou apavorada, né? (SCFLP05M BPRI607)